

Álvaro Magalhães dos Santos
A RUA DIREITA
Uma janela sobre Vila Real



Álvaro Magalhães dos Santos

A RUA DIREITA
Uma Janela sobre Vila Real



2020

— À Zinha, minha companheira de toda uma vida

— Aos meus filhos Miguel (e Leonor), João (e Alexandra), Francisca (e João) e Teresa (e António)

— Aos meus netos Joana, Francisca, Diogo, António Maria, Lourenço, Matilde e Carolina

— Aos meus Pais, sem os quais este livro não teria sido escrito

— Ao meu Irmão, pelos seus incentivos e apoio, e à Sãozinha

— Aos seguintes Amigos (por ordem alfabética, para não haver melindres), pela ajuda que me deram:

Abel Cabral Couto; Adérito Nogueira Barroso; Adriano Alves Ferreira; Agostinho Vasco da Rocha e Castro; Alfredo Branco Ribeiro; Alfredo Pires; António Joaquim Lima Teixeira; António Manuel Pires Cabral; António Passos Coelho; António Pereira da Silva; António Teixeira Ferreira; Carlos Fernandes; Chefe Artur; Dulce Mariette Barreira; Eduardo Baptista da Silva; Eduardo Lopes da Silva; Elísio Amaral Neves; Faustino Gonçalves da Costa; Filipe Pires Borges; Francisco Cabral Couto; Francisco Seixas da Costa; Heitor Tavares; Hercília Agarez; Humberto Cardoso de Carvalho; João Cunha Serra; Joaquim Barreira; Joaquim Mesquita; José Borges Rebelo; José Matos Guerra; Manuela Martins Taborda; Manuel Gomes Correia; Maria do Carmo Passos Coelho; Maria Evelina de Sequeira Varejão; Mário Cramez; Mário Vital de Melo; Miguel Tildes Gomes; Miquelina Barros Cabral Couto; Nuno Grande; Rodrigo Botelho de Araújo; Rodrigo Félix de Carvalho; Sílvio Teixeira; Tomás Espírito Santo

— À Câmara Municipal da minha Terra, por ter publicado este livrinho e pelo orgulho que tenho em sermos ambos de Vila Real

INTRODUÇÃO À 2.ª EDIÇÃO

O livro que o Dr. Álvaro Magalhães dos Santos (1932-2006) colocou à nossa disposição, A Rua Direita – Uma Janela sobre Vila Real, tem uma história que ele próprio conta na carta aberta que me dirige, em jeito de introdução.

Tal como muitas outras iniciativas realizadas na Área de Exposições Temporárias do Museu de Vila Real (hoje Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real), a ‘Evocação da Rua Direita na 2.ª metade do séc. XX’, proferida pelo autor no Ciclo ‘História ao Café’, reunia excelentes condições para ser transformada em livro, a partir de agora de leitura obrigatória, para quem pretenda conhecer a história de Vila Real.

Em mais de oito anos de actividade intensa, muitas foram as acções que tiveram consequências para além da habitual comunicação quinzenal.

Vejam os alguns exemplos.

Em matéria de transformação em livro, não é este o primeiro caso, já que o tema ‘As águas de Vila Real’ também deu lugar a uma importante publicação dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento, que convidou para o efeito o responsável pela comunicação apresentada no Museu. As revistas culturais locais receberam artigos que resultaram de novos desenvolvimentos das conferências e palestras feitas.

E quantas palestras se transformaram em exposições ou foram complementadas com idênticas iniciativas?

E quantos documentos editados vulgarizaram os temas apresentados, alguns deles pela primeira vez, como por exemplo: o relativo aos antecedentes artísticos e ao contexto do nascimento de

Stuart Carvalhais em Vila Real; a história da Casa Lapão; o filme de Mário e Elísio de Melo realizado em Vila Real, O Roubo dos Diamantes; a Marcha de Vila Real; a Pastelaria Gomes; o Bairro Latino; o livreiro e encadernador António Custódio da Silva, fundador da Livraria Branco; o uso da capa e batina no Liceu de Vila Real; a prática do box em Vila Real; os Bailes da Carolina; as passeadeiras de flores; a passagem de Humberto Delgado por Vila Real, quando da sua candidatura à Presidência da República; o Café Clube; o pinheiro da Raposeira; o comerciante, inventor e publicista António Narciso Alves Correia; o Presidente da Câmara António Correia de Almeida Lucena; a Associação Trasmontana de Instrução e Beneficência; a escritora em braille Antónia Baptista de Sousa; o abastecimento de água a Vila Real; a bandeira da Academia Vila-Realense; a cascata da Peneda; a Curva da Alegria? Ou matérias como a emissão de cédulas em Vila Real entre 1917 e 1925; o poeta vila-realense Manuel Duarte de Almeida; Frederico, apelido de grandes alfaiates de Vila Real; a vivência vila-realense do poeta Afonso Duarte; ou a presença em Vila Real de D. Carlos Maria Isidro de Bourbon, pretendente ao trono de Espanha?

E o Ciclo ‘História ao Café’ não terá influenciado as decisões da Comissão de Toponímia, quando sugeriu à Câmara Municipal de Vila Real os nomes do Major António Fernandes Varão, Emílio Biel, Armando Augusto Ribeiro, José Augusto Pinto de Barros, pintor Miguel Barrias, Francisco Sales da Costa Lobo, Elisa Baptista de Sousa Pedroso, Euclides Portugal e Antónia Baptista de Sousa, para novos arruamentos da cidade?

E as distinções autárquicas conferidas à Livraria e Papelaria Branco, à Sociedade Columbófila de Vila Real, à Pastelaria Gomes e à Casa Lapão, serão totalmente estranhas às actividades desenvolvidas no Museu sobre estes temas?

E os fundos documentais de Achilles Ferreira de Almeida e dos escritores Sousa Costa e Emília de Sousa Costa, vieram por que via?

E a cedência fácil, pelos seus proprietários, de documentos e objectos para as inúmeras exposições, refeições gastronómicas e edições publicadas – como justificá-la?

Ela só foi possível, porque as iniciativas que lhe estão na origem ou a fizeram acreditar tocaram as pessoas, tocaram a cidade e nós mais não fizemos, e cito A. M. Pires Cabral, «do que fornecer aos vila-realenses elementos para a melhor compreensão da sua identidade e da vida da comunidade ao longo dos tempos».

E é aqui que se insere o trabalho do Dr. Álvaro Magalhães dos Santos — professor, jornalista e publicitário. Um texto inicial que se transforma num livro soberbo do ponto de vista da informação, da história e até do humor (que ele cultivava enquanto jornalista). Um livro que consegue transformar a história de uma rua na história de Vila Real, como se de uma viagem se tratasse — ele, que tanto gostava de viajar! —, já que guardava das infíndáveis deslocações na Rua Direita uma memória afectiva muito intensa.

Elísio Amaral Neves

Vila Real, 24 de Maio de 2004 — 29 de Junho de 2020

INTRODUÇÃO, EM JEITO DE CARTA ABERTA AO ELÍSIO

A – *Homenageado na sua aldeia natal, José Saramago, que tentarei citar tão fielmente quanto me for possível, disse: “Vivemos num lugar e moramos numa memória”.*

B – *Recordei estas palavras quando, aqui atrasado, me convidaste, e só por amizade o terás feito, para uma “História ao Café” que, sob a tua orientação, a Câmara da nossa terra promove quinzenalmente. À proposta, perguntei-te se podia falar sobre a Rua Direita; logo me disseste que sim, mas só agora, meu caro Elísio, cumprida a tarefa, te vou contar o porquê de ter escolhido, para a “História ao Café”, a rua onde nasci. Por três motivos o fiz. Primeiro, por entender que era assunto que podia interessar quem lá fosse, já que tinha a ver com Vila Real e com a sua rua mais importante. Depois, por ser, da cidade, o lugar que melhor conheci, por isso que lá nasci e vivi durante muitos anos, só interrompidos pela minha passagem por Coimbra e pelo Porto, pelo casamento e pela ida para Lisboa, donde te escrevo. Finalmente, porque, com esta preguiçeira que os anos vão trazendo à gente, para que havia eu de estar a dar ao dedo e a puxar pela cabeça quando, em casa, e entre outros capítulos das minhas Memórias, escritas a pensar nos netos, já tinha um, precisamente sobre a Rua Direita?*

C – *Passara-o ao papel em meados de 2000, numa altura em que o entusiasmo de contar aos filhos dos meus filhos como fora a infância e a juventude e o passado do seu Avô – numa altura em que esse entusiasmo era apoiado por uma memória mais sólida, ou, pelo menos, eu tinha-a nessa conta. As intervenções de alguns dos que assistiram à leitura pública do trabalho, na noite de 17 de Junho de 2003, juntamente com os teus comentários anteriores, logo me convenceram, ainda a*

conversa ia em meio, que eu tinha de dar uma volta ao texto e nada pequena ela haveria de ser. Isso por mor dos meus netos, não viessem eles a confirmar que o Avô Álvaro, como já suspeitavam, não sabia bem o que dizia...

D – *Tal necessidade era reforçada pela tua ideia – a primeira que nem parece saída dessa cabeça tão imaginativa e engenhosa – de eu publicar “A Rua Direita” em folheto, em opúsculo, em livrinho – em letra de forma, vamos lá. A sugestão, amiga, como sempre, confortou-me o ego, elevou-me a auto-estima e deixou-me eufórico. Para, de imediato, e no recesso do alvitre, me inundar de preocupações, a maior das quais essa de pensar que uma coisa é um texto preparado para ser dito e interrompido por apartes, outra, bem diversa, a de o mesmo texto poder ser lido por olhos menos condescendentes do que os ouvidos que o tivessem acompanhado, em noite cálida de temperaturas estivais... e amizades antigas...*

E – *Dormindo sobre a proposta, acabei por achar que sim, uma vez que, no final da minha “História”, alguns amigos, certamente por o serem, o mesmo tinham aventado. Ponto era que eu eliminasse as imprecisões, pronta e implacavelmente assinaladas pelos presentes, e recorresse, uma vez mais, à memória ou aos préstimos de amigos mais documentados e fiáveis do que eu.*

F – *Além disso, e aproveitando um dia em Vila Real, o último dos três que passei na minha pátria chica, ao fim de mais de dois anos de ausência, percorri a Rua Direita, desde o Cabo da Vila até à Capela Nova, tomando notas numa folha de papel quadriculado que o Eduardo “Dadâ” (passe o pormenor) me ofereceu para o efeito. Era o feriado do Corpo de Deus e quem passava – no caso de não me conhecer e muitos já são os que não sabem quem sou –, ficava a olhar para mim e a perguntar a si próprio: “O que é que este andar á a fazer?...” Digo eu...*

G – *Para começar, tinha a folha dividida ao meio, de alto a baixo. Depois, na coluna da esquerda, escrevi as lojas ou casas de habitação*

que havia em meados do século XX, acrescentando-lhes os andares de cada prédio e o número de polícia, a ser este visível. Na coluna da direita, fui apontando todas as lojas que, no início do século seguinte, as substituíram... e poucas foram as que permaneceram. Aqui lhes registro desde já os nomes, em jeito de homenagem aos que as fundaram ou aos seus descendentes cuja tenacidade apeteço igual à dos seus pais ou avós: Farmácia Barreira, Livraria e Papelaria Branco e Livraria e Papelaria Sampaio – isto no correr que vai do Cabo da Vila à Capela Nova –, e Casa Macário, Casa do Rendeiro, Casa António Luís, Casa do Chinês e Casa Dias, no outro lado da rua.

H – *Se quiseres dar-te ao trabalho de cotejar o texto que vai seguir-se com aquele que li no Museu, na noite de 17 de Junho de 2003, verás que algumas são as diferenças. A saber: corriji nomes que estavam errados, acrescentei outros de que me não lembrara quando escrevi o texto original e, já que vinha a propósito, aproveitei para meter mais algumas informações que, apesar de apresentadas por mim, aprendiz de historiador da “Bila”, alguma utilidade poderão ter para os vindouros, interessados, como tu e como eu, pela nossa terra. Além disso, outro amigo, cuja amizade não distingo da que tens por mim, sugeriu-me que explicasse, a quem eventualmente me leia e possivelmente me não conheça, o porquê de, a muitas das pessoas que refiro, as tratar por Senhor ou por um título académico, enquanto outras surgem sem qualquer senhoria ou doutorice a anteceder-lhes o nome ou o apelido. Magnífica sugestão que logo adoptei, para evitar que me colem o título de “elitista”, “sabujo”, sei lá se outros piores apodos... Por isso, às pessoas que já eram crescidas quando eu andava de cueiros, aqui lhes chamo como os meus Pais me ensinaram a chamá-las; as outras, as da minha idade ou mais novas do que eu, levam o nome desadornado de títulos e por muito felizes se podem dar que eu as traga aqui e lhes deixe fama para o futuro.*

I – *Mais outro esclarecimento: a esse outro amigo, homem com o mundo dos mais novos e a sabedoria dos antigos, “Fanfan” lhe irei chamar,*

porque, tendo-me contado muitas das coisas de aqui falo, entendo que lhe devo esse agradecimento, sem revelar o seu nome. Agradecimento que te é extensivo, meu caro Elísio: foi contigo e com gente como o “Fanfan” que Vila Real, esta “Bila” que nos viu nascer e que vimos crescer, se tornou na melhor terra do mundo, dia a dia mais bonita!

J – *E ainda uma outra explicação, que tenho por importante e me parece será a última. O facto de escrever sobre a década de 40 – aquela em que fiz o liceu, de 1942 a 1949, e comecei a abrir os olhos para a vida – não significa que me circunscreva a esses anos, os melhores que desde sempre passei. Assim como não limitarei as páginas que vão seguir-se à Rua Direita, desde o Cabo da Vila à Capela Nova; às pessoas que na Rua Direita viveram; às histórias que com elas aconteceram; aos estabelecimentos que ali tiveram porta aberta. Sempre que vier a propósito, sairei da Rua Direita para outros pontos da cidade e as pessoas da Rua Direita servir-me-ão para referir outras gentes que, em diferentes ruas moraram, mas que vale a pena recordar nestas linhas, porque foram elas que ajudaram a fazer a história de Vila Real.*

K – *E por aqui me vou ficar, nesta Introdução com que, finório, procuro, à pala da falta de memória, disfarçar outras deficiências, a começar pelos erros de sintaxe...*

Oeiras, 29 de Agosto de 2003

L – *Entre o que atrás fica e o momento em que escrevo este acrescento, em Maio de 2004, um Amigo meu deixou-nos para sempre. Falo do Eduardo Lopes da Silva, o “Dadá”, um Homem cuja morte deixa mais pobres a Rua Direita e Vila Real. Lá onde estás, Eduardo, não poderás ler este livro, que é também um pouco teu, pelo muito que quiseste a Vila Real e à Rua Direita. Até sempre, Amigo!*

Oeiras, 21 de Maio de 2004

A minha rua foi sempre a mais importante de Vila Real.

Poderão os da Avenida reivindicar essa primazia, mas, bem vistas as coisas, a Avenida Carvalho Araújo é como que a sala de visitas de Vila Real – originalíssima expressão! –, com a Câmara e o antigo Liceu ao fundo, o Palácio da Justiça, os Correios e a Caixa Geral de Depósitos lá em cima e a Sé – em frente à Gomes Nova – mais a Casa de Diogo Cão, ao meio. Trata-se, portanto, de artéria com bastante movimento, mas que, bem vistas as coisas, não é uma zona residencial ou comercial, antes sim um sítio para passar ou passear.

Enquanto a Rua Direita – eu continuo a embirrar com o chamadoiro de Rua Dr. Roque da Silveira (1) –, nessa há de tudo, desde as casas que ainda são habitadas pelas mesmas pessoas – melhor dizendo: pelas mesmas famílias – que lá viviam há 50 ou 60 anos, até aos melhores estabelecimentos, uns mais recentes, outros mais antigos, todos eles procurados, porém, por quem precisa de comprar isto ou aquilo.

Não é comprida a Rua Direita, terá talvez uns 200 ou 300 metros (devo confessar que avaliar distâncias nunca foi uma das minhas especialidades). No entanto, para evitar críticas e reparos dos mais dados ao rigor absoluto, desses que não deixam passar um centímetro a mais ou a menos, proponho-me medir a Rua Direita não em metros, mas em número de casas. Eram 56, nos anos 40; as mesmas 56 continuam a ser, nos alvares do séc. XXI. Obviamente que a maior parte dos moradores de outrora já cedeu passo aos seus descendentes ou a novos ocupantes; assim aconteceu, de igual modo, com lojas e actividades, diferentes hoje das que lá estavam em meados do século passado. Seja como for, no entanto, a frieza dos números substituindo a falibilidade das estimativas – tal frieza não me vai deixar incorrer em erros.

A Rua Direita começa no Cabo da Vila (2) e acaba na Capela Nova. O Cabo da Vila, isto para quem não saiba, tem esse nome porque Vila

Real, povoação fundada por D.Dinis, só foi cidade em 20 de Julho de 1925, elevação precedida, a 20 de Abril de 1922, pela sua subida a Diocese. Ou seja: apenas no primeiro quartel do séc. XX, a nossa terra, a “Princesa do Corgo”, se viu elevada à categoria administrativa em que hoje está incluída. Até ali era vila – “Bila”, como por cá se diz, juntamente com “juntamainte”, “bitcho” e outros modismos que caracterizam os de Vila Real e que eu, desoladamente o confesso, acabei por perder, ao ir para Lisboa, terra de muitas e desvairadas gentes, como soía escrever o Fernão Lopes. No dia 19 de Julho de 1925 era, pois, uma vila, daí que a Rua Direita, numa das suas entradas, se inicie pelo Cabo da Vila, que assim se chamava o lugar, talvez porque Vila Real, naquele limite, terminava ali, era ali o cabo da localidade.

A Rua Direita, se fosse um colete, tinha casas só de um lado. Como não é, as casas, umas melhores, outras piores, situam-se nos dois lados, estreitando-a nalguns pontos, noutros tornando-a um pouco mais larga, mas nada que sejam precisos binóculos para ver quem mora em frente... A descrição da minha rua irei iniciá-la pelo correr das casas do lado direito, no sentido Cabo da Vila - Capela Nova, todas elas com números ímpares. Ah! E antes de meter pés à caminhada: no Cabo da Vila, porque as casas do lado direito começam primeiro do que as do lado esquerdo, se forma um pequeno largo – descaindo para o Caminho de Baixo, para a Rua do Rossio e para a Rua de S. João ou Miguel Bombarda –, dominado pelo Banco de Portugal, onde o meu Pai sempre trabalhou, desde que veio para Vila Real (3). Trata-se de uma construção um pouco deslocada, em termos de imponência, dos restantes prédios, tanto os da rua como os demais da cidade. Isto nos anos 40 e para o meu gosto, claro.

1 - Bem! Íamos então começar pelo princípio da Rua Direita. A primeira casa que se encontra, a fazer esquina para a Rua Cândido dos Reis, era a das Senhoras Antunes, duas ou três damas muito respeitadas na cidade e que nasceram, viveram e faleceram mais solteiras e castas do que a Madre Teresa de Calcutá. São essas Senhoras que me vão pro-

porcionar a primeira das listas que, no decorrer deste texto, hão-de aparecer, todas elas com o intuito de registrar, para os filhos dos nossos filhos, como era Vila Real em meados do século passado.

Hoje não sei como é, nanja porque me tenha esquecido do engajo, mas porque já saí de Vila Real há muitos anos. No tempo de que falo, porém, na cidade havia muitas Senhoras, ou melhor, duetos, trindades e quartetos de Senhoras, da mesma família, que a cidade cumprimentava com muito respeito, quando saíam à rua, quando iam à missa, enfim, quando apareciam em público. Estas tais Senhoras Antunes integravam-se nessas coleções, havendo, também, tanto quanto me recordo, as Senhoras Vaz, irmãs umas das outras e do General Aníbal Vaz e de mais três ou quatro irmãos; as Senhoras Pires, aparentadas com as Senhoras Branco; as Senhoras Lameirões; as Senhoras Mota e Costa; as Senhoras Oliveira, umas que lhes chamavam as “Camisas Negras”... E como quem diz Senhoras diz famílias, alinharei, já agora, algumas das mais conhecidas em Vila Real: a Família Amaral; a dos Cunha Serra; Almeida “Santoalha”; Sousa Magalhães; Rodrigues da Silva; Magalhães Gomes; Borges de Mesquita; Espírito Santo; Taveira da Mota; Rocha e Castro; Carvalho Araújo; Botelho de Araújo; Almeida Chaves; Ribeiro de Sousa; Baptista Pinto; Botelho Mourão; Sequeira Varejão; Seixas Martins; Madeira Pinto; Costa Lobo; Carmona Mourão; Rosas de Carvalho; Gramaxo; Carvalho Campos; Sousa Campos; Agarez; Lito; Barroso; Pinto; Cramez; Trancoso; Guedes; Areias; Rocha; Passos; Machado; Barreira; Lima; Tibúrcio Monteiro; Marrote; Aparício; Parente; Leite; Celestino – isto além de outras cujos apelidos nunca eram usados, sempre que alguém se lhes referia, porque eram tratadas pelas alcunhas que lhes tinham posto. Como era o caso dos “Rachôcaco”, dos “Gelado”, dos “Sete Carinhas”, dos “Mitras”, dos “Feijoeiros”, dos “Cesteiros”, dos “Valha-me Deus” e muitos outros que agora me não ocorrem. Guardei para o fim a famí-

lia Nóbrega Pizarro, isso por causa de um seu elemento, Rodrigo de Médicis, que foi colega da minha Mãe, no Liceu, e partiu muito novo para os Estados Unidos. Creio que nunca mais voltou a Portugal, mas corria na cidade que ganhara nome e carreira em Hollywood, onde, apesar de segundo plano, era bastante conhecido: o actor Don Ameche. Uma sua prima, a Miduce, que foi minha colega no Liceu, disse-me que nada disso era verdade, mas ficou a lenda...

A casa das Senhoras Antunes tinha dois andares (4), com a entrada a fazer-se pela Rua Cândido dos Reis, porque, nos “baixos” ficava – e continua – a Farmácia Barreira, uma das 5 existentes nos anos 40 (5), só depois abriram mais. As Senhoras Antunes, e com isto me despeço delas, eram muito benfazejas e, além de contribuírem para inúmeras obras de caridade, protegiam, também, uma pequenita, filha de um alfaiate, o “Sete Carinhas”, com pouco dinheiro e muitos filhos – naquele tempo ainda não havia televisão... A menina cresceu e, sem ser uma beleza de a gente se atirar para o chão com o fato novo vestido, também não era nada de deitar fora, e desconheço se casou, se veio a herdar alguma coisa das suas protectoras – enfim, o que foi feito dela.

E mais duas prevenções, antes de avançarmos pela Rua Direita fora. Primeira: lembrem-se de que lhes vou falar da minha rua, tal como eu a recorde, aqui há meio século. Por isso, pode muito bem acontecer que, ao falar de alguém que morava aqui ou ali ou de um estabelecimento que tinha porta aberta mais além, pode acontecer, insisto, que sejam outros, actualmente, os moradores ou as casas comerciais. Segunda: sempre que eu disser “hoje”, “actualmente” ou expressão parelha, quero significar que é em meados de 2003, altura em que estou a escrever, vale?

Por baixo das Senhoras Antunes ficava, como já disse, a Farmácia Barreira. O dono era o senhor José Barreira, um homem baixo, gordinho e sempre bem disposto que, embora proprietário da botica, onde o seu irmão Joaquim o auxiliava, não tinha curso de farmacêutico. Era aju-

dante do Comandante dos Bombeiros Voluntários de Vila Real – ou Bombeiros de cima, para os distinguir dos Bombeiros de Salvação Pública, ou Bombeiros de baixo – e estou a vê-lo, diluído entre os outros graduados, todos mais altos do que ele, a desfilar, garboso e de queixada e barriga para a frente, no dia do aniversário da corporação.

A meio século de distância, recordo o comandante, o senhor César Pinto, colega do meu Pai no Banco de Portugal e pai da escritora Luísa Dacosta; o segundo comandante, o senhor António Ribeiro de Sousa; o chefe, o senhor Félix ferrador, bem como os senhores Rodrigues (Botelho de Araújo e Félix de Carvalho), estes dois últimos membros da Direcção, ao tempo presidida pelo senhor João Baptista Pinto, agente do Banco de Portugal. No quartel, pegado à Igreja de São Pedro, onde fui baptizado, dava os seus primeiros passos como bombeiro o Chefe Artur, homem estimado em toda a cidade e um dos meus bons amigos. E, para terminar as referências ao senhor José Barreira: era pai da actual responsável e minha querida colega de sete anos de Liceu, a Dulce Mariette, que fez obras na Farmácia e a pôs quase tão bonita como ela.

Não quero terminar esta referência sem deixar um alvitre que tem a ver com os Bombeiros, os de cima e os de baixo. Sendo duas corporações a que Vila Real tanto deve, quando irá aparecer alguém com tempo, jeiteira e acesso a fontes e documentação, que se proponha fazer a sua história, despida de facciosismos, alheia à política, atendo-se apenas aos muitos e altos serviços prestados pelos Bombeiros, uns e outros, à nossa cidade? A maior parte da actual população de Vila Real não sabe quando nasceram, em que data e por quem foram fundadas as duas corporações, quais os seus comandantes, chefes e directores, quantos bombeiros deram a vida pelos seus semelhantes – e há, pelo menos, um caso. O alvitre aqui fica. Quem está disposto a levantar a luva?

2 - A seguir à casa das Senhoras Antunes, havia uma relojoaria (6). O relojoeiro era um velhote, creio que de nome Monteiro, mas desconheço se era casado ou viúvo. Sei, apenas, que era avô do Ari e do Rui. O Rui foi para o Porto e, ao que ouvi, lançou um jornal de anúncios – nessa época chamavam-se “reclames” – cujo êxito ou insucesso ignoro por completo. Do Ari é que me recordo melhor – e sem grandes saudades. Alto, de cara estreita e comprida, à primeira vista dava vultos de chinês, por causa do feitio dos olhos. Dizia muitas asneiras, batia nos mais pequenos e, da varanda do segundo andar, cuspiá cá para baixo, sobre as pessoas que iam a passar na Rua Direita. Depois, cagarola, se elas olhavam para cima, escondia-se, o bigorriilha... Não sei que estudos tinha e, à semelhança do irmão, o Rui, perdi-lhe o rasto. Por baixo, vivia o Amadeu, um rapaz louro, ligeiramente mais novo do que eu, e que era irmão da mulher do senhor Alfredo Pires, a quem me referirei ao chegar à casa das Senhoras Pires, suas irmãs.

E sai a terceira lista, esta de relojoarias. Aqui, na Rua Direita, havia a do senhor Monteiro; antes de prosseguir para outras, na sequência desta, retrocedamos uns metros, até ao início da Rua Miguel Bombarda, onde ficava a Relojoaria Santos, no lado direito, quem ia para a Ponte de Ferro, entre a Casa Calado e a Padaria do senhor Sebastião Eirinhas. De novo na Rua Direita: mais adiante a do senhor Teixeira e, quase a terminar a rua, a da Rosinha Pichorra. Vinha depois, na Rua Central, a do senhor Salgueiro, que será objecto de menção especial, lá mais para diante; a seguir ao “Café Excelsior” os Teixeiras “Pelados”, em que um dos dois irmãos, o José, era um artista como relojoeiro; a do senhor Nascimento no Largo do Pelourinho, em frente à Gomes Velha, e, a terminar a enumeração, no alto da Avenida, a do senhor Guedes, pai do “Ponteiros”, que jogou a “defesa”, no Vila Real. E já que se trata de relojoarias, às da Rua Direita revertere... quando disso forem horas...

3 - Contíguo ao prédio da relojoaria, levantava-se um outro, bem acabado, de dois andares, onde, no andar de cima, e ao que me recorda o “Fanfan”, morava o senhor Cortinhas. O senhor Cortinhas, homem baixo de estatura e muito simpático, era o chefe da estação do caminho-de-ferro, situada para lá da Ponte de Ferro, a caminho do actual campo de aviação. Quem estava de frente para o edifício da estação, para a direita ia-se para a Régua, onde, após uma paragem de cerca de meia hora, se apanhava o comboio para o Porto. Para a esquerda, e depois de uma passagem de nível, seguia-se até Chaves, destino final da linha, depois de passar Vila Pouca de Aguiar, Pedras Salgadas e Vidago. E, por falar nas Pedras Salgadas...

Nas férias grandes, muitos eram os de Vila Real que, ao domingo, iam até lá, passar a tarde e assistir aos concursos hípicas. Estes eram organizados pela empresa das Águas do Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas, para distração dos inúmeros hóspedes que enchiam hotéis e pensões, ao mesmo tempo que faziam cura de águas. Todos os anos, porém, no mês de Maio, se bem lembrado estou, a cidade inteira ia de visita às Pedras Salgadas; de comboio, demorava cerca de uma hora a percorrer os 30 quilómetros, mais metro, menos metro, da viagem. As carruagens iam a abarrotar, todos levavam abundantes farnéis e, à chegada, a primeira coisa que os turistas por umas horas faziam era dirigir-se às fontes termais, nesse dia postas à disposição dos visitantes, onde bebiam toda a água das Pedras que tivessem na vontade e lhes coubesse na barriga. Depois, ao longo do dia, as famílias espalhavam-se pelos relvados, por baixo das árvores frondosas e de grande porte, fazendo horas para o almoço, comido ao bater da uma e seguido de repousada soneca, junto a uma sebe protectora. A meio da tarde, havia quem alugasse pequenos barcos a remos, atravessando o remansoso lago do parque, cada um a querer mostrar que remava melhor do que os outros e muitos a lançarem maliciosas chapadas de água sobre as embarcações mais próximas.

Uma nota pessoal, se o leitor me permite. Fiz a viagem às Pedras Salgadas, umas duas ou três vezes, e deixei de lá ir quando fui sozinho com o meu Avô e padrinho, encarregado de tomar conta de mim e dos

meus 7 ou 8 anos buliçosos e irrequietos. E boa conta tomou, não haja dúvida... A dado passo, e sem eu saber como, aproximei-me demasiado do lago e não demorou um pronto que me enfiasse água dentro, com uma série de pessoas aos gritos, olha o menino que caiu ao lago!... Tiraram-me, pouco depois, molhado que nem um goraz, com o meu Avô muito aflito, a pedir que lhe arranjassem uma toalha, para limpar a criança... Depois, tirando do bolso um frasco com um “migalho de álcool” que sempre trazia, esfregou-me vigorosamente, não impedindo, mesmo assim, que, à chegada a Vila Real, ao fim da tarde, eu ainda estivesse húmido, da ponta dos cabelos às solas dos sapatos. Foi, como atrás digo, a minha última viagem às Pedras Salgadas, se bem que elas prosseguissem por mais alguns anos. Não seria possível “ressuscitar” essa tradição?

Mas voltando ao tal prédio onde vivia o senhor Cortinhas mais os seus, melhor dizendo: as suas, porque, além da mulher, tinha filhas, uma delas viria a casar com o Eng.º Faceira de Sousa, cujo pai era o senhor Faceira de Sousa, colega, na estação das Pedras Salgadas, do senhor Cortinhas – creio que esse prédio pertencia à família de um professor da Faculdade de Medicina de Coimbra, o Professor Doutor Albertino de Barros, que, segundo julgo saber, terá sido colega da minha Mãe, no Liceu.

O rés-do-chão da casa ocupava três portas e era sobre o comprido. Se bem recordado estou, a primeira serventia que lhe conheci foi como casa de urnas, não destas de voto, das eleições, mas daquelas de levar pessoas dentro. Depois, e continuando a fazer fé na memória, que já não é, aí de mim, o que foi em recuados anos – depois, o “baixo” passou a “stand” de motorizadas, eram a moda da altura. Finalmente, o senhor Lima, dono de uma loja de artigos eléctricos no mesmo correr da Rua Direita de que falarei mais adiante, transformou o “baixo” no “Café Imperial” (7). Recordo-me até, passe o pormenor jocoso, mas bem definidor da mentalidade das terras pequenas – como Vila Real era, vai para meio século –, recordo-me que, ao ser inaugurado o café, uma das nossas empregadas domésticas – ao tempo eram “criadas”... – chegou a

casa e disse à minha Mãe que o senhor Lima, agora, estava muito... imperial.

A propósito deste senhor Lima: conta-me o “Fanfan” que ele pertencia à família dos “Valha-me Deus”, fornecedores de vestuários e roupas para procissões, mas que, apesar do nome, eram todos contra a padralhada, isto no que tangia à religião; politicamente, alinhavam no “Revirvalho”. Este senhor Lima era muito bruto com os fregueses, diz o “Fanfan” que, às vezes, chegava mesmo a bater nalguns, e, apesar de não se dar com a família, tinha a mesma aversão ao Regime e à Igreja. Se bem que, na altura dos tapetes de flores, feitos nas ruas principais da cidade para sobre eles passar o Santíssimo, o senhor Lima do “Café Imperial” fosse dos maiores apoiantes, mormente na Rua Alexandre Herculano, onde quem dava ordens era a Lurdes do Ninho.

Já que falo no “Café Imperial”, por que não arrolar aqui os outros cafés de Vila Real? Que eram, nos anos 40 e 50, muito menos do que os de agora, até porque a cidade, nesse tempo, começava praticamente no termo da ponte de ferro, junto à Rua dos Ferreiros, e terminava no Pioledo; com o Jardim da Carreira, o Governo Civil, o Seminário e o Cemitério Velho a marcarem as restantes balizas. Vamos, então, aos outros cafés, começando pelo “Café Excelsior”, no extremo oposto da Capela Nova, gerido pelo senhor António, pai de muitos filhos, um deles o senhor Olímpio, a sair, em fertilidade, ao seu progenitor. Corria até, na cidade, que, todas as noites, o senhor António e o senhor Olímpio metiam a filharada toda num saco e, depois, iam-nos tirando, um a um, enquanto diziam: “Este é meu...”, “Este é teu...”, “De quem é esta?...” A rua do “Café Excelsior”, a Serpa Pinto, ia dar à Rua António de Azevedo e, nesta, quem virasse à direita, a caminho do Palácio da Justiça, encontrava o “Café Clube”, por baixo do Clube de Vila Real. Era o café que o meu Pai frequentou durante muitos anos, pertencia ao senhor António Ferreira, o “Antoninho do Café”, e as mesas eram servidas pelo velho Diogo e pelos seus

filhos, um deles o senhor Carlos. Nos dias de feira de gado, o “Café Clube” enchia-se de feirantes, sentavam-se, aos 15 e 20, em mesas pegadas umas às outras e, depois, cada um fazia questão de pagar um café e um bagaço aos demais. Pelo fim da tarde, saíam todos a arrastar-se, a abarrotar de cafeína, tresandando a aguardente, podres de bêbedos... Virando à esquerda, encontrava-se, no Largo do Pelourinho e fazendo esquina para a Avenida, o café “A Brasileira”, com salão de bilhares no primeiro andar, onde dei as minhas primeiras tacadas, quando um quarto de hora custava uma “c’roa”. No mesmo Largo, e diante de “A Brasileira”, só em 1952 viria a ser inaugurada a “Pastelaria Gomes”, a Nova, porque a Velha, remodelada recentemente pelo Tito, já lá estava, no mesmo sítio onde ainda continua. No tocante à “Pompeia”, apareceria no Natal de 1948. E, quanto a cafés da década de 40, disse...

A referência, mais em cima, ao “Café Excelsior”, vai-me permitir, também, alinhar os estabelecimentos hoteleiros existentes em Vila Real. Ao tempo, e tanto quanto me lembro, ainda não havia restaurantes a funcionar exclusivamente como tal; quando muito, encontravam-se algumas casas de pasto e, se bem recordo, o primeiro restaurante da cidade foi “A Toca da Raposa”, do senhor António, muito perto do Liceu.

Hotel havia apenas um: o Tocaio, na Avenida Carvalho Araújo. Pensões que, além de quartos, servissem também refeições: Pensão Mondego e Pensão Coutinho, na Travessa de São Domingos, Pensão Excelsior, por cima do café do mesmo nome e entrada pela Rua Teixeira de Sousa e Pensão Leite, junto da Igreja da Misericórdia. Tanto quanto sei, só a Pensão Excelsior, em Vila Real, tinha corretor, o Bragança, sempre de capote castanho muito surrado, boné na cabeça, angariando hóspedes entre os passantes; nos intervalos, dava vivas ao Belenenses, ele e o Alfredinho “Ciclone”, que eram, na “Bila”, os únicos adeptos do

clube das Salésias, ao tempo ainda não havia o Estádio do Restelo. Na Rua Miguel Bombarda, a Pensão Areias, funcionando também como taberna e, na Rua António de Azevedo, a seguir ao “Santoalha”, a Pensão Guedes. Um dos filhos dos donos, o António, casado com a filha de um padeiro, morreu no início da década de 60, num desastre no Circuito, mais o Loureiro, que ia a conduzir a alta velocidade, noite fora. (Um parêntese: o condutor, rapaz ainda novo, era filho do senhor Loureiro que tinha uma estação de serviço junto ao antigo Convento de S. Francisco, hoje GNR. A estação de serviço deu lugar a um estabelecimento de electrodomésticos. E fecha o parêntese). Finalmente, na Rua Direita, mas só com serventia de quartos, ficava a Pensão Jaime, a que me hei-de referir quando for altura.

4 - Seguia-se a casa do Ângelo, de seu nome completo Ângelo Bernardo Barroso Lozano, por alcunha o “Espanhol”, que morava no segundo e último andar, juntamente com a mãe, uma senhora viúva, e duas irmãs, a Mariazinha e a Augustinha. A este propósito, um pequeno parêntese, que me parece com interesse. Vila Real foi sempre uma terra muito dada a alcunhas e diminutivos. Sobre as primeiras, o meu falecido vizinho Alcídio Libório fez uma notável recolha das muitas que corriam na cidade, tendo-a publicado no jornal “A Voz de Trás-os-Montes”. Quanto aos diminutivos, não sei como é hoje, mas, no meu tempo, e começando lá por casa, havia a minha Mãe, a D. Amelinha Magalhães, que, além de mim, tinha o Quinzé. Seguiam-se, e cito ao acaso, o Tininho “Santoalha”; o Antoninho do Talho; o senhor Armandinho da Tojeira; outro senhor Armandinho, o do “Café Excelsior”; o Eng.º Geninho Varejão; o Dr. Zezé; o Albano “Fininho”, que era electricista; o senhor Albaninho, professor do ensino primário e homem que, mesmo sentado, era mais alto do que muitos postos de pé... Enfim: se quisesse, estava para aqui a dizer nomes que nunca mais acabava. Fecho, por isso o parêntese e reverto à casa do Ângelo.

No primeiro andar, é muito possível que, antes, outros lá tenham vivido, mas, assim que me lembre, só estou a ver a família Mota Freitas, uma das duas que moravam na Rua Direita e que eram, ambas, famílias do “Zé da Calçada” e da “Lailai”, em Amarante. Este da casa do “Espanhol” era Tenente “lateiro” (8), segundo comandante da Guarda Nacional Republicana de Vila Real e pai da Dilma. Muitos anos mais tarde, nasceu o José Florêncio, um menino lourinho que nunca mais vi, mas que hoje, mais de 50 anos passados, recordo sempre pequenino como o conheci.

A Dilma, que era muito bonita, formou-se num qualquer curso de Ciências, veio para Vila Real dar aulas e pegou-se de amores com o Dr. Mendonça. Este era veterinário, viúvo e pai de um filho pouco mais novo do que a Dilma, o que, desde logo, dava ideia da diferença de idade do casal. Não virá a propósito, porque estou a escrever sobre a minha rua, mas, já agora, sempre direi que, nesse tempo, Vila Real tinha, pelo menos que me lembre, dois veterinários. Ou melhor: três, porque, além do referido Dr. Mendonça e do Dr. Alexandre Tabarra, sobre quem o meu amigo e colega de Liceu, Dr. Nuno Botelho, escreveu algumas das suas saborosas e interessantes crónicas no semanário “A Voz de Trás-os-Montes” – além destes, havia também o Dr. José David Simões. Duas palavras sobre este último.

Morava na Rua da Misericórdia, uns metros antes da Casa Lapão, tinha uma ranchada de filhas e dois filhos, e já o não conheci (salvo seja!) a dar injeções às mulas, mas apenas como Governador Civil. Ao que ouvia lá em casa, tinha sido amigo do meu Pai, mas, desde que fora nomeado Governador Civil, passara a usar óculos sem aro – eu chamava-lhe óculos à presidente Truman –, chapéu preto de aba revirada, como o Doutor Salazar, e deixara de se dar com muita gente, porque as suas novas e elevadas funções lhe tiravam tempo para conviver com as antigas amizades, digo eu... Um dos seus dois filhos, era da minha criação, o Luís Alberto. Chamávamos-lhe o “Risotas”, porque andava sempre a rir-se; o outro, cujo nome se me varreu, era o mais novo da filharada. Entraram ambos para a Força Aérea e ambos viriam a morrer, em dois

acidentes, quando os aviões em que voavam se despenharam. Mas o Dr. David Simões, que nessa altura já deixara de ser Governador Civil, não foi, em Vila Real, o único pai a perder os filhos varões que tinha.

Na cidade, havia uma família, os Vilar de Figueiredo, que eram três irmãos, todos do “Revirinho” (9). Não sei qual deles era o mais velho, o do meio e o mais novo, sei apenas que um era advogado, outro médico e o terceiro engenheiro. Em Vila Real, toda a gente os conhecia por “com-com”, “com-sem” e “sem-sem”. O advogado chamava-se Álvaro e pertencia-lhe a alcunha de “com-com”, por ser homem “com” barbas e “com” bigode. O médico chamava-se Mário, o “com-sem”, por usar bigode, mas não ter barbas. Quanto ao engenheiro, Duarte de sua graça, era, por exclusão de partes, o “sem-sem”, porque não tinha barbas nem bigode.

O advogado, famoso pela sua actividade profissional, foi presidente do Sport Clube, onde enterrou muito do dinheiro ganho na barra dos tribunais, sendo um dos quatro Álváros que, nesse tempo, eram mais conhecidos em Vila Real. Os restantes eram outro advogado, o Dr. Álvaro Guedes; o senhor Álvaro Monteiro, casado com uma senhora francesa e homem de negócios, a quem chamavam o Álvaro “Manhoso” e o Álvaro Magalhães dos Santos, este vosso criado, o “Alvarito da D. Amélia”, o nome da minha Mãe, que talvez muitos ainda recordem, quer por a terem visto até à década de 90, quando faleceu, quer por terem sido seus alunos (10). Mas eu estava a falar-lhes do Dr. David Simões e dos dois filhos rapazes que perdeu, já crescidos. Isso porque o Dr. Álvaro Vilar de Figueiredo tinha duas raparigas e dois rapazes e ficou sem os filhos, que morreram ainda novos, em alturas diferentes, vítimas também de acidente.

E, para acabar de falar do Dr. David Simões: foi nomeado Governador Civil em substituição do Tenente Assis Gonçalves, homem de confiança do Doutor Oliveira Salazar. Como Governador Civil, não me recordo se o Tenente deixou obra que se visse, até porque, ao tempo, eu ainda não tinha 10 anos (11). Lembro-me, apenas, de que era um homem alto, solteiro, de poucas falas e que usava uma longa capa negra, a

fazer as vezes de sobretudo, parecia o Bela Lugosi ou o Boris Karloff, dos filmes de terror que passavam no Teatro Avenida e no “falecido” Teatro Circo. Estou a vê-lo quando, no Verão de 1939, a minha Avó materna morreu e ele foi lá a casa dar os pêsames ao meu Avô Joaquim Maria.

Do Tenente Assis Gonçalves, um nosso conterrâneo residente em Lisboa contou-me uma história cuja data não sabe ao certo, mas que, segundo ele, deve ter sido nos meados da década de 30.

À época, Vila Real era visitada, tal como outras terras de província, por companhias de teatro idas de Lisboa, depois de, no Parque Mayer, as peças e revistas já não terem mais público. Um dia, apareceu na “Bila” uma revista e, como sempre, a lotação esgotou. A dado passo, havia uma artista que, em cena, cantava uns versos que falavam dos “bons tempos de outrora”, que tinham acabado e “não voltariam mais”. Entusiasmada, a assistência levantou-se, a aplaudir a alusão velada ao regime salazarista então em vigor, mas, sobrepondo-se às muitas palmas do público, ouviu-se a voz indignada do Tenente Assis Gonçalves que, de pé, no seu camarote, gritava: “Não Apoiado!” De imediato os desafectos à situação se levantaram, por sua vez, rugindo: “Apoiado! Apoiado!”. O Governador, de cabeça perdida, empunhou uma das cadeiras ao seu lado e esfrangalhou-a no varandim do camarote. Os destroços do móvel vieram parar à plateia, mas, por sorte, não atingiram ninguém... do “Revirvalho”. Foram cair, isso sim, em cima do vice-governador, o Capitão Mota e Costa, que, acompanhado da família, também assistia ao espectáculo...

Não tanto por solidariedade com o atingido pelos frangalhos da cadeira, mas desvairado pelo gesto do Tenente Assis Gonçalves, levanta-se, da plateia, o proprietário do “Café Clube” – não sei se o senhor António Ferreira, se algum seu ascendente ou se outro que, antes dele, tenha sido o dono – e, acompanhado do Diogo, seu empregado (a quem me hei-de referir mais adiante),

corre pelas escadas acima para dar duas bofetadas – ou mais... – no Governador. Ele para isso e o Diogo talvez como seu guarda-costas, quiçá para o impedir de agredir a mais alta autoridade do distrito. Entretanto, chegou a polícia e prendeu os dois invasores dos camarotes, conduzindo-os à esquadra onde se identificaram, recolhendo de seguida às suas residências. Tempos mais tarde, realizou-se o julgamento que, a despeito de incluir também o dono do “Café Clube”, terá ficado conhecido, na história de Vila Real, por o “Julgamento do Diogo”.

A sala do tribunal abarrotava e o advogado de defesa tivera de vir do Porto, porque, na cidade, nenhum causídico, mesmo os do “Revirinho”, se dispusera a tutelar os dois perigosos cadastrados. O juiz mandou-os entrar e o Diogo, assim que franqueou a porta que dava para a sala de audiências, virou-se para a multidão e, palaciano, fez uma profunda vénia. Logo o magistrado:

– O senhor não pode cumprimentar a assistência!

E o Diogo, respeitosamente:

– Vossa Excelência desculpar-me-á, mas estão aqui muitos clientes meus e não lhes vou virar as costas...

E não é que o juiz não teve resposta para lhe dar?...

Uma das testemunhas de defesa, talvez a de mais “peso”, era um senhor que começara por ser professor do Ensino Primário; depois, e incentivado pelo senhor Dr. Pedro Serra, então Reitor do Liceu, formou-se em Matemáticas; como se isto não bastasse, e sempre com o Reitor a apoiá-lo, licenciara-se em Engenharia Civil. Era de Pegarinhos, chamava-se Atanagildo Teixeira Pinto e estava em Vila Real, na Junta Autónoma das Estradas. Assistira ao teatro, sim, senhor Doutor Juiz, e, sobre o que acontecera, tinha uma opinião. E, como todos os matemáticos, a quem puxa para as imagens:

– Isto é como quando nós, no Verão, estamos deitados, e vem um mosquito que se põe a andar à volta da cama... A gente agarra na almofada e procura afastá-lo. De umas vezes dá-lhe, doutras

ele continua, o mafarrico... Aí, a pessoa acende a luz, põe-se de pé no colchão e procura pelo maldito mosquito... Mas e vê-lo? E acertar-lhe?... Quer dizer: não há outra solução que não seja apagar a luz e esperar que o bicharoco se farte e se ponha a andar dali para fora...

O juiz parecia não compreender a metáfora. E o engenheiro:

– Cá na minha opinião, se o senhor Governador não tivesse gritado, nada disto teria acontecido. Admitindo, porém, que não conseguiu reprimir a sua indignação... Pois eu acho, se Vossa Excelência me permite, que, depois dos protestos da assistência, o que ele devia era calar-se, sentar-se muito sentado e então rebenotar com a cadeira, isso é que nunca!...

Bem: o julgamento lá decorreu e a sentença, apesar deste e de outros depoimentos semelhantes, não foi favorável aos arguidos. O magistrado, porém, estava tão comprometido que, no final, ao ler a condenação, logo admitiu que eles iriam recorrer para a Relação do Porto, onde haveriam de ser absolvidos. O que realmente veio a acontecer, tendo até o julgamento sido anulado.

Mais em cima eu falava-lhes dos veterinários que havia em Vila Real e alguns dos meus eventuais leitores poderão estranhar que eu não inclua no rol o estimável Dr. António Silva, que toda a cidade conhece. Por duas razões o não faço: só se licenciou na década de 50, a que este texto não diz respeito, e a sua vida profissional, tanto quanto julgo saber, teve início em Vila Pouca de Aguiar e seu concelho.

No rés-do-chão da casa do Ângelo, ficava a “Sapataria Benites” (12), cujo dono tinha o mesmo nome e era, segundo creio, de Bragança. Homem quase anão, menos pela altura do que por uma grande corcova que trazia às costas, a sua loja era, no ramo, uma das mais afreguesadas de Vila Real e uma das primeiras, tanto lá da rua como das muitas sapatarias em que, depois, Vila Real veio a ser fértil. Tinha como empregado o Faustino, meu grande Amigo e rapaz com muita jeiteira para o teatro.

Mais tarde, passou para a sapataria do Zeca Martins, que ficava em frente ao Santoalha, e, mal achou que já tinha bagagem suficiente e pernas para andar, estabeleceu-se por conta própria, em frente ao armazém do Lito, no “baixo” onde funcionara o Agostinho da Imprensa.

Alguns leitores talvez esperassem que, por ter falado na “Sapataria Benites”, alinhavasse agora as demais sapatarias de Vila Real. Estava eu bem arranjado!... Apesar de agora serem mais do que muitas, já naquele tempo... O melhor, porém, é remetê-los mais lá para diante, para o nº 19 deste texto, onde encontrarão uma sextilha rimada em que tais lojas vêm à baila.

5 - Descritos os dois andares e o rés-do-chão da casa do Ângelo, passemos à seguinte, só de um andar, onde morava o Justino Rebelo, pai do Amicis, rapaz de boa figura, que, naquele tempo, passava por ser dos maiores galãs de Vila Real. O Justino, irmão de um que fora campeão do Mundo de bilhar, era contínuo do Liceu, o que me dá oportunidade para recordar outros oficiais do mesmo ofício, que encontrei, quando fui para o primeiro ano e que fui conhecendo até ao sétimo.

Ainda que o Chefe fosse o senhor Silvino, o mais antigo era o Narciso que, segundo julgo saber, já lá estava quando a minha Mãe foi estudante do Liceu. O Narciso tinha a seu cargo as informações meteorológicas, recolhidas num pequeno posto situado no recreio dos rapazes; como, porém, bebia muito – pecha que, aliás, não o afectava só a ele... – poder-se-á calcular a precisão dos dados que fornecia aos meteorologistas de Lisboa... Havia também o Anacleto, homem muito calado, de grande e larga testa, donde sobressaía um avantajado calo; o Chico Areias, ídolo da petizada, porque jogava futebol no Vila Real; a menina Arminda, que era a única contínua e, assim que me lembre, contemporâneos da minha entrada no Liceu, não me ocorre mais nenhum. Depois, vieram o Rocha, também jogador do Vila Real; o Marques, sogro do Ascenso; o Carminé, que, sendo contínuo numa Faculdade do

Porto, casara com uma rapariga de Vila Real, convencendo-a de que era professor universitário; e, a terminar, o Simões, um velhote a quem chamávamos o “Lagardère”. Este Simões, a beber, só pedia meças ao reitor, o Dr. Almeida e Costa, um dos autores do Dicionário da Língua Portuguesa, da Porto Editora. Falo no Dr. Almeida e Costa, não apenas pela sua incomensurável sede, mas ainda porque, um dia, aí pelo meu terceiro ou quarto ano, estávamos todos no recreio, durante um intervalo, quando, de repente, e para surpresa da canalha em geral, andava o reitor à taponar com o “Lagardère” e era ver qual dos dois batia mais no outro. No ano seguinte, veio um novo reitor, o Dr. Martinho Vaz Pires; o anterior seguiu para outro Liceu e diz o meu Irmão que, anos mais tarde, regressou a Vila Real, unicamente como professor, tendo-lhe dado aulas.

Por baixo da casa do Justino, e revento à Rua Direita, situava-se a barbearia do António Grande, homem de grande gaforina e pai do Zeca, que o ajudava no escanhoar de barbas. O António Grande, tio paterno do Professor Doutor Nuno Grande, era homem muito dado ao teatro e, além de autor e ensaiador, sabia, também, de caracterização. Muitos anos mais tarde, quando deixei Coimbra, fui eu a substituí-lo nas teatradadas, se bem que a minha queda para ensaiar, comparada com a dele, nem para lhe abrir as portas... E creio que, ao iniciar-me eu na nobre arte de Talma – à escala local, convenhamos... – já o senhor tinha morrido, ficando o filho a ocupar-lhe o lugar na barbearia (13) e na caracterização das peças e actos de variedades.

E, já que estou com a mão na massa, recordarei mais três nomes e se outros houve, antes destes, não os conheci nem deles soube: os do senhor Maneca Claro, do senhor Achilles de Almeida e do senhor José Emílio Tibúrcio, homens interessados, igualmente, nas coisas do teatro, escrevendo e ensaiando actos de variedades para o 1º de Dezembro dos estudantes, para a União Artística

e para as duas corporações de bombeiros, os de baixo e os de cima.

6 - Isto dito, arribamos ao 109 da Rua Direita, que foi a terceira casa onde vivi – das outras duas, igualmente na Rua Direita e ambas na mesma correnteza, falarei quando for tempo disso. O 109 era uma casa de dois andares, alugados pelos meus Pais ao senhor Adolfo Lima, um ferrageiro com estabelecimento quase a seguir ao Banco de Portugal, quem ia para a Ponte de Ferro.

Este senhor Adolfo tinha um neto, com o mesmo nome e rapaz muito inteligente. Era chefe da Secretaria da Escola Comercial e Industrial e dizia-se que, naquele posto, fora, desde sempre, o mais novo em todo o País. Em solteiro, “arrastava a asa” a tudo quanto fosse “bicho de saias”, mas, à noite, dava-lhe para o vinho, vício que dele se apoderou, vindo a morrer, ainda relativamente novo, completamente alcoolizado. A propósito dessas suas quedas para o namorico e para a bebida, puseram-lhe a alcunha de “Papel de Fumar”. Isso porque, de dia, era “Conquistador” e, depois do jantar, “Zig Zag”, duas das mais conhecidas marcas de mortalhas desse tempo...

6 A - E ainda outra história do Adolfo “Papel de Fumar”.

Andava ele ainda no Liceu e, quando se aproximavam os exames, ia estudar, de manhã cedo, para o Jardim da Carreira, “sala de estudo” de muitos estudantes, nomeadamente dos que se agarravam aos livros à última hora. Quando passava em frente ao busto de Camilo Castelo Branco – que, se ainda está no mesmo sítio, ficava à esquerda de quem entra e uns metros antes da taça central –, o Adolfo levantava os olhos do livro, olhava o busto e saudava: “Bom dia, ó Camilo...” Prosseguia a caminhada e, uns

três ou quatro passos mais adiante, engrossava a voz e respondia, solene: “Bom dia, ó Lima...”

Os “baixos”, esses, tinham começado por ser um armazém da Livraria e Papelaria Branco e passaram, depois, a ser a frutaria da senhora Aninhas, mulher de poucas letras e muito boa pessoa. Era mulher de um negociante de gado e mãe do Frade, um “costas-direitas” que passava a vida a jogar bilhar – e bem! – no Excelsior. Lá na loja, a senhora Aninhas vendia fruta, vegetais e outros produtos congêneres e tinha, ainda, os rebuçados da bola, uns caramelos baratuchos que, por baixo do papel em que vinham embrulhados, traziam o retrato a cores dos jogadores de futebol dos clubes mais importantes dessa altura. A miudagem ia comprando rebuçados e coleccionando os cromos, a que chamávamos os “macacos”, colando-os, depois, numa caderneta que também era vendida. Entre nós, os que juntávamos os jogadores de futebol – e não havia miúdo que o não fizesse, assim como os de hoje com o “Pokemon” –, íamos trocando os que tínhamos “a mais” por outros que não tivéssemos, até que chegava um dia e a caderneta estava cheia, só faltando o “número da bola”, o 79, a fazer fé no meu Irmão. Que era o mais difícil, porque, em cada caixa de rebuçados, havia apenas um, que dava direito a uma bola de “catechu”, mais pequena e menos resistente do que as autênticas, mas a gente queria lá saber!...

Antes de conhecer a senhora Aninhas, fartei-me de derreter dinheiro em rebuçados e nunca me saiu a bola. Até que ela, que era muito minha amiga porque eu não lhe desamparava a loja, me ensinou como se fazia, eu que não dissesse nada!... No fundo da caixa dos rebuçados, escondido por uma folha de papel, estava o rebuçado da “bola”, o tal difícil de sair. Ou seja: o dono da loja onde se vendiam os “macacos” tinha, nas suas mãos, o destino da bola de “catechu”, dando o mais custoso de sair a um parente, ao rapaz que comprasse mais rebuçados ou a algum amigo. Foi nesta última qualidade que, uma tarde, entrei em casa, todo inchado, sobraçando a bola de “catechu”, porque a senhora Aninhas, com a caixa já a chegar ao fim, foi ao fundo e tirou de lá o meu tão

desejado 79, que me ofereceu com um beijinho e que viria a ser a inveja dos outros meninos lá da rua. Como forma de gratidão, não fiz mais nada: tinha lá em casa umas latas de tinta e uns pincéis e, durante uma semana, andei a pintar-lhe a parte de baixo do balcão, a que dava para a rua, com cenas campestres, vasos de flores e maçãs, tangerinas e diospiros, já que se tratava de uma frutaria (14).

6 B – E agora, uma vez que falei dos meninos da minha rua, deixem-me evocar alguns deles ou outros que vinham, de diferentes sítios da cidade, brincar connosco à Rua Direita. Antes de o fazer, no entanto, uma confidência: ando, desde há uns tempos, a escrever, em sextilhas rimadas, as memórias da minha infância. Das mais de 200 que já passei ao papel, vou recorrer a duas para, como disse, recordar aqui alguns dos meninos do meu tempo. Ora leiam:

*Recordarei agora alguns meninos
Que brincaram comigo em pequeninos,
Com quem, de vez em quando, havia tricas:
O Gentil, o Almor, o Matos Guerra
E o...*

(Não! A este vou-lhe chamar “Fulano”, já verão porquê...)

*E o “Fulano”, também da nossa terra,
Que foi expulso da tropa, por maricas...*

*E o Cianinho, o “Citrato”, pois havia
Um outro Cianinho, que vivia
Naquela rua, quem ia do Banco...
E o Ângelo “Espanhol” e mais o Melo
E a Eduarda, filha do Castelo,
E, não me esqueço, a Natalinha Branco...*

E a que é que nós, os miúdos desse tempo, brincávamos? À época, ainda não havia a quantidade de brinquedos e passatempos electrónicos que hoje existem ao dispor da criançada. E que a houvesse: o dinheiro era pouco e havia mais onde gastá-lo... Por isso, quando juntávamos 4 ou 5 amigos, fazíamos corridas de bicicleta... a pé.... Explicando melhor: arranjávamos uns guiadores de arame, prendíamos-lhes, com adesivo, um frasco de remédio vazio, que era o “bidon”, e, depois, tentando imitar o Trindade e o Nicolau, os ídolos ciclistas da época, corríamos pelas ruas da cidade, com a descida da Rua dos Ferreiros ou a Rampa do Calvário a servirem de Prémio da Montanha... Para bicicletas a sério, havia a loja do Olívio das bicicletas, na Rua Avelino Patena, e uma segunda, a do Joaquim das bicicletas, na Travessa Cândido dos Reis, perto da igreja de S. Pedro. Mais tarde, apareceu uma outra, para os lados da Estação, do Firmino Claudino, que foi ciclista do Salgueiros, jogava bilhar no “Café Excelsior” e, se a pessoa se descuidava, ele marcava a mais...

As caricas de cerveja serviam-nos para outro tipo de passatempo, tendo a ver, também, com o ciclismo. No passeio, e porque nos anos 40 não havia muitos automóveis a passarem pela Rua Direita, desenhávamos no lancil uma série de quadradinhos, uns atrás dos outros. A seguir, cada um punha a sua carica no princípio da fila e, depois, ia-lhe dando toques com o polegar inábil e de unha por cortar. Ganhava quem chegasse primeiro ao fim e, que eu me lembre, muitas foram as vezes que fiquei em “chona”... O giz dava ainda para outro jogo, o da “macaca”, uns espaços em forma de cruz de Lorena; se bem me recordo, mas não garanto, começava-se atirando uma patela para o primeiro espaço. A seguir, cada jogador, com uma perna no ar, ia seguindo os espaços, para a frente ou para os lados, empurrando a malha com o pé que tinha apoiado no chão.

6 C – Mais jogos?... O “Trava”, por exemplo, em que um dos jogadores apanhava desprevenido o seu contendor e exigia: “Trava!” O outro, se estivesse a apanhar um papel do chão ou a coçar a cabeça ou a

subir para um escadote, tinha de ficar parado, sem se mexer, sem sequer piscar os olhos ou mesmo engolir em seco. Até que o adversário, quando achava que já chegava de “travanço”, dizia “Fiora” – o meu Irmão acha que a palavra é uma contracção de “Fim de hora” – e o imobilizado podia, finalmente, andar de novo, respirar outra vez. O “berlinde” ou “carolo” – que, em Lisboa, chamam “bilas” – era outro dos nossos divertimentos habituais. Isso, claro, se, numa garagem ou estação de serviço, nos dessem esferas de metal, dessas que tiravam dos carros velhos e já fora de uso.

E, finalmente, as “Moedas” que consistiam em três modalidades: o “Pique”, o “Pinglim” e o “Rente”. No “Pique”, um jogador batia uma moeda na esquina de uma casa e o outro, depois, fazia o mesmo. Se a moeda do segundo ficasse perto da do primeiro, aquele ganhava; se não ficasse, era a vez do outro e assim se passavam tardes inteiras. No “Pinglim”, já era diferente: agarrava-se uma mão-cheia de moedas e atiravam-se ao ar; as que ficassem com a cara para cima eram para um dos jogadores, as que ficassem com a cara para baixo iam para o adversário. Por último, o “Rente”: fazia-se uma linha no chão, os jogadores punham-se por trás e um, tirado à sorte, atirava a sua moeda para longe, tipo malha do jogo do fito. Depois, os demais competidores faziam o mesmo e ganhava aquele cuja moeda ficasse mais perto das dos outros. A haver dúvidas, recorria-se ao palmo, ou seja: punha-se o polegar junto de uma das moedas e, estendendo a mão, procurava-se tocar com o dedo médio na moeda mais próxima; se tal acontecesse, a moeda pertencia ao dono dos dedos. No entanto, e apesar da inocência dos nossos verdes anos, havia quem fizesse “maleca” – que, no calão local, significava “batota” –, a saber: alguns jogadores, enquanto se baixavam para “fazer palmo”, davam as costas ao adversário e, sem ninguém ver, sopravam numa das moedas, tentando, com o “bufo”, compensar a falta de perícia.

Os maiores “moedeiros” de Vila Real – tanto na frequência como na habilidade com que jogavam – eram dois rapazes que moravam muito perto da Rua Direita. Ambos com pouca instrução, ambos bastante mais velhos do que o resto da canalha e ambos “atrasados mentais”. Um

deles, o Manuel Gaspar, andava sempre de chapéu, pesava muitos quilos e, juntamente com as suas irmãs Natércia e Zulmira, era filho do sargento Gaspar, com residência no começo da Rua Alexandre Herculanho, à esquerda de quem subia. O outro, o Flávio, mais pequeno de corpo, era irmão do Nóbrega pintor, o único comunista conhecido antes do 25 de Abril em Vila Real, e morava no Caminho de Baixo, pouco distante, portanto, da casa do Manuel Gaspar. Assim, todos os dias, o Flávio atravessava o Cabo da Vila, punha-se à porta do amigo e, cá de baixo, monocórdico e desafinado, cantava, tentando reproduzir a música dos clarins do “13”, quando o Regimento desfilava pela cidade:

Ó Manuel Gaspar!...
Vamos jogar às moedas...
“Ó” pique, “ó” pinglim, “ó” rente...
Se tiver palmo, não vale “abufar”,
Ó Manuel Gaspar!...

Estes jogos que acabei de listar eram os que jogávamos quando tínhamos menos de 10 anos e ainda não andávamos no Liceu. Já estudantes, e sempre que havia um professor que faltava e os contínuos não nos obrigavam a ficar no recreio, íamos para perto do cemitério velho e, ali, com bolas de trapo-farrapo, compradas por uma c’roa ao “Oca”, um “anormal” irmão das Marianas da Vila Velha, jogávamos renhidos desafios de futebol. “Jogávamos” é uma maneira de dizer... Porque eu era tão mau jogador que nem sequer quando faltava um para fazer o número certo me deixavam alinhar...

7 – E passemos agora do 109 para a casa ao lado, um prédio amarelo, razoavelmente feio, com dois andares. No rés-do-chão, ficava uma loja de artigos eléctricos do senhor Lima, o tal que abriu o “Café Imperial”; anos mais tarde, viria a instalar-se lá uma casa de modas de dois empregados da Casa Castelo – já lá vamos... –, o senhor Simões, que era muito meu amigo, e o senhor Sebastião de Aquino.

No primeiro andar, morava um casal sem filhos, a D. Maria das Dores e o senhor Abílio (Abilinho) Lousada, cada um mais curto do que o outro e sem que o matrimónio, creio que já serôdio, tivesse sido abençoado com descendência. Deviam andar os dois aí pelos 65 anos, quando não 66, e sempre os conheci com aquela idade e com aquele tamanho. A D. Maria das Dores, uma das amigas da minha Mãe, era parente, não sei em que grau nem por que via, das Senhoras Pires, que viviam em frente, e da Senhora D. Idalina, outra das amigas lá de casa, com residência uns metros mais adiante, logo a referirei. O senhor Abílio era filho do senhor Lousada, o dono da casa comercial com o mesmo nome, uma tipografia na Rua Central (16) que, juntamente com a Tipografia Moderna, do Agostinho Celestino (o Agostinho da Imprensa), eram as duas únicas casas impressoras da terra, só anos mais tarde viria a surgir a Imprensa do Seminário. Finalmente, no andar de cima, estava lá o senhor Barbosa, casado com a Senhora D. Amélia, filha do Teixeira Londrino; também depois me hei-de referir a este último e às diversas “nacionalidades” que, nesses tempos, havia em Vila Real.

O senhor Barbosa, não sei em que é que ele se ocupava. Embora desse explicações de Português, em que eu também andei, creio que não seria esse o seu emprego oficial, antes sim um “gancho” de que se servia para “deitar mais unto na sopa”. Sei também que foi professor de Instrução Primária do meu Irmão, no Colégio da Boavista, onde quem me ensinou as primeiras letras foi o senhor Freitas. E, a propósito, deixem-me que recorra uma outra vez às minhas Memórias em verso, para lhes contar uma “passaije” do meu Irmão que, em carta que um dia me escreveu, corrigiu a minha ideia de que o senhor Freitas fora seu professor; tal magistério, no seu dizer, coubera ao senhor Barbosa.

Passo, então, às sextilhas em que “falo” com o meu Irmão sobre o senhor Barbosa:

*Dizes-me, em carta breve, que rejeitas
O nome que citei, do senhor Freitas,
Como teu professor, caro Quinzinho.*

*Ao que fico a saber, na tua prosa,
Quem te ensinou foi o senhor Barbosa
Que me lembro de ser nosso vizinho.*

*E, segundo me contas, certo dia,
Quando, na sala, te repreendia,
De dedo em riste, à frente da carteira,
Olhaste o patriarca dos Barbosas
E, com unhas ferozes, criminosas,
Arranhaste-lhe as mãos numa sangueira.*

*E, prossequindo como teu ouvinte,
Fico a saber que, na manhã seguinte,
Fingindo-se valente, fero e forte,
O mestre, igual ao Átila dos Hunos,
Corta, ele mesmo, as unhas aos alunos...
Mas, quanto às tuas... outro que tas corte...*

8 – Seguia-se a casa de um caixeiro-viajante, pai de muitos filhos, um dos quais *só* se chamava... Lenine... Era um prédio de primeiro e segundo andar e não posso dizer que a família do Lenine os ocupasse, aos dois, mas, pelo menos, o primeiro andar estava por conta deles. O de cima, a não estar, ignoro quem lá vivia. Quanto ao de baixo, a última vez que me lembro de alguém estar lá instalado era o meu bom Amigo Adriano, um antigo empregado – actualmente sócio – da Livraria e Papelaria Branco; por baixo tinha um armazém, hoje transformado em salão de exposições, com montra para a rua.

9 – E é, portanto, altura de falar da Livraria e Papelaria Branco, ao tempo a mais antiga das duas livrarias da “Bila” e, por coincidência, ambas na Rua Direita. A Livraria e Papelaria Branco – fundada em 1849, uma das casas centenárias de Vila Real e a primeira que refiro na Rua Direita – tinha, além de livros e artigos de papelaria, uma peculiaridade

muito curiosa. Quando tomei conhecimento dessa peculiaridade, o proprietário era o senhor Francisco Branco, que sabia fazer encadernações e enviudara da Senhora D. Amélinha. Depois, terá sido, tanto quanto julgo saber, a primeira pessoa, na cidade, a passar dos 100 anos (morreu com 101). E foi com ele que teve início a tal peculiaridade que passo a contar e que pouco faltou para se tornar numa tradição...

Muitos anos antes, o senhor Francisco Branco, ao tempo só Francisco ou Chico, entrara como empregado da loja, então com outro nome e dono, tendo este uma filha chamada Amélia. Não sei que rapapés o jovem Francisco fez à louçã Amélia, a verdade é que acabaram por casar e ter filhos. E esta é a primeira parte da história que, no entanto, não acaba aqui. O jovem casal teve três filhos, um rapaz e duas meninas, uma delas, a mais nova, de seu nome Idalina. Era esta ainda muito jovem quando, para a Livraria e Papelaria Branco, entrou um novo empregado, natural de Amarante e Alfredo Ribeiro de sua graça. Pois o referido Alfredo Ribeiro, nesse tempo ainda não senhor Alfredo Ribeiro, foi-se ao exemplo do senhor Francisco Branco e não foi de modas: fez olhinhos à filha mais nova do patrão e acabou por casar com ela, com a Senhora D. Idalina, muito amiga lá de minha casa. A tradição – pois a coisa estava a repetir-se com uma frequência surpreendente... – acabaria por ser quebrada pelo Adriano, a quem já me referi mais atrás, que também entrou para a Livraria e Papelaria Branco como empregado, por volta dos anos 50, e não casou com a Natalinha. Esta a filha mais velha do casal Idalina e Alfredo, também pais de dois rapazes: o Raul José, que julgo ter sido professor da nossa Universidade, e o Alfredo José, hoje à frente da casa que foi do avô e do pai, e onde deu sociedade ao Adriano.

E antes de seguirmos viagem, uma história, muito conhecida aqui há 50 anos em que o protagonista terá sido o bom do senhor Branco – quer dizer: pelo menos, da fama não se livra...

Foi o caso que, a dado passo do seu matrimónio, e como a Senhora D. Amélia, ao parecer, não lhe preenchesse as necessida-

des, o senhor Branco arranjou uma “amiga”, uma mulher “com quem falava”, como se dizia lá para Vila Real. A mulherzinha era casada com um cauteleiro cujas ausências na rua, a vender lotaria, o senhor Branco aproveitava para ir lá a casa “dar dois dedos de conversa”. Só que, um dia, quando o senhor Branco se apresentou, o cauteleiro ainda não tinha saído e, ao sentir chegar o competidor, escondeu-se dentro de um armário, no quarto onde o casal passava as noites e de que o livreiro tinha serventia. A concubina não perdeu a calma e, enquanto o senhor Branco ia descalçando os sapatos e tirando os peúgos, as ceroulas e demais roupa, ela, numa jeremiada, começou a lamentar-se de que o marido andava mesmo a precisar de um capote, o que tinha estava quase no fio e não havia dinheiro para comprar outro. Não poderia o senhor Branco fazer a caridade de lhe oferecer um, ainda que em segunda mão? Aí, o furtivo visitante, mais concupiscente do que esmoler: pois sim, que podia ser, mas de que cor? E logo o chifru-do, de dentro do armário:

“Azul, azul, senhor Branco...”

10 – À Livraria e Papelaria Branco seguia-se a Casa Castelo, a melhor casa de modas de Vila Real, que se distribuía por dois estabelecimentos, separados por uma porta; esta dava para o primeiro e único andar, dividido em esquerdo e direito. O estabelecimento pegado à Livraria e Papelaria Branco era o dos artigos assim mais finos e modernos, onde a “elite” da terra se abastecia (17). O tal senhor Simões, de quem falei anteriormente, foi lá empregado e também o Mário, um rapaz que morava no Pioledo e que estava na outra loja (18), a dos artigos mais baratos e de menor qualidade. O senhor Castelo, Amadeu de primeiro nome, andava sempre de cigarro ao canto da boca, tinha pouco cabelo, era casado com a Senhora D. Sílvia e pai da Eduarda, uma bonita rapariga com um ar muito *british*, e do Fernando Manuel.

A família Castelo morava por cima da casa comercial, não sei se no lado esquerdo ou no direito. No outro lado, vivia a família do senhor

Mário Júlio, um droguista com porta aberta na Rua Miguel Bombarda e pai de quatro rapazes e uma menina, respectivamente: Rafael e Mário Júlio (já falecidos), Luís, Júlio e Maria da Graça.

11 – Ao lado da Casa Castelo, ficava uma loja de mobílias e vidros, do senhor Maximiano, casado com a Senhora D. Faustina, empregada dos Correios e muito amiga da minha Mãe, que lhe chamava Tini. Para mim e para o meu Irmão era a Tina do Cianinho, assim a distinguíamos da Tina do Toni, a Senhora D. Justina Barroso, que morava em frente ao 13 da Rua Direita, a casa que fora do meu Avô e de que falarei quando chegar a altura.

O senhor Maximiano era pai de três rapazes. Ao Maximiano, o mais novo, que esteve largos anos em Moçambique, chamávamos-lhe Cianinho, muitos tratavam-no por “Citrato” e outros por “Seis e Cinco”, porque tinha um defeito no pescoço e andava com a cabeça ligeiramente inclinada para a esquerda. E também era o “Conguiússe”, mas não sei o porquê da alcunha. A seguir, vinha o Luís Carlos ou “Luã“, que foi funcionário superior do Banco de Portugal e presidente, por uns meses, da Federação Portuguesa de Futebol, onde fez um excelente lugar e deixou saudades. Por último, o Eduardo, dos três irmãos o único que está vivo, se Deus quiser por muitos anos, e a quem conhecíamos por “Dadâ”. Quer dizer: não sei se tem mais algum nome, mas, se tem, eu, por mim, não concordo, porque acho que é uma bela figura. Casou com a Eduarda Coutinho, no seu tempo uma das raparigas mais bonitas de Vila Real, e é proprietário da Papelaria Eduardo, uma livraria e papelaria da Rua Direita, de que não falo já, mas só quando lá chegar. Na sua loja, o senhor Maximiano vendia também uns brinquedos baratuchos e lembro-me, rapaz pequeno, de me ter dado alguns. Não por amizade ou generosidade, mas porque eu me fartava de lhos pedinchar e ele queria era ver-se livre de mim.

Hoje, onde era a loja do senhor Maximiano, fica a “Casa Voga”, estabelecimento de modas, inaugurado vai para uns 40 anos, pelo Domingos “Foguete”, o Miguel Tildes Gomes e o Eduardo Teixeira

(Teixeirinha). O Domingos “Foguete” era – porque morreu, pouco depois de ter inaugurado a “Voga” e de ter casado com a Mimi Varejão – tio materno do Professor Doutor Nuno Grande e fora empregado da Casa Alves & Irmão, cuja vez de ser referida aqui chegará mais para a frente. Lá, na Casa Alves & Irmão, tinha sido colega do Miguel, irmão de um concunhado meu. Finalmente, vinha o Eduardo, filho de uma das famílias mais ricas de Vila Real (19) e que se limitou a entrar com o dinheiro ou, pelo menos, com a maior parte, porque andava a estudar em Coimbra. Ainda lá o encontrei – ele estava em Ciências – e morreu, creio que no princípio dos anos 60, quase de repente. Foi uma morte que toda a cidade sentiu, porque o Eduardo era muito simpático e estimado por toda a gente (20).

Ao lado da “Casa Voga”, havia, e ainda há, a Livraria Sampaio, fundada em 1933, onde se vendia papelaria e livros. A canalha lá da rua ia para o “Sampaio” dar uma ajuda a despachar cadernos, borrachas e lápis; eu não fui exceção, mas não sei se ia para lá vender material escolar e, nos intervalos, ler uns livros antigos, do Rocambole e do Sandokan, ou se ia para me entreter com o Salgari e o Ponson du Terrail e, nos intervalos, vender material escolar. Era assim uma coisa...

A seguir à “Casa Sampaio” havia a “Sapataria Atlas”, com um gerente careca, que tinha uma malha preta na cabeça e que, se enganado não estou, jogara futebol no Vila Real. A sapataria foi trespassada há muitos anos e hoje está lá a “Espingardaria Transmontana”, de que é sócio o Alberto Almor, rapaz da minha criação, da minha rua e da minha amizade.

12 – Falei das três lojas – a “Voga”, o “Sampaio” e a “Sapataria Atlas” – de seguida, porque, por cima, e comum a todas elas, ficava um primeiro andar, com esquerdo e direito. No esquerdo, o que estava mais próximo da Capela Nova, morava o Dr. Álvaro Guedes, advogado e pessoa muito considerada na cidade; no direito, vivia o Dr. Casimiro Martins, também formado em Direito, mas trabalhando na Função Pública; era casado com a Senhora D. Amélia e pai de muitos filhos. A

família saiu de Vila Real, ainda eu era rapaz pequeno, não sei se por morte do pai ou porque este tivesse mudado de terra; foram viver para a Póvoa do Varzim e nunca mais vi qualquer dos descendentes.

Antes de regressar ao Dr. Álvaro Guedes, o facto de ele ser advogado, dá-me oportunidade para arrolar aqui os que, ao tempo, e tanto quanto me recordo, eram os profissionais do foro, em Vila Real.

Além dos dois atrás citados e do Dr. Álvaro Vilar de Figueiredo, que já citei, havia também o Dr. Claro da Fonseca, proprietário e residente na Casa de Diogo Cão e pai do Arnaldo, meu colega de Liceu e do Sebastiãozinho; o Dr. Leonardo Magalhães, que morava no Caminho de Baixo, perto do actual Museu, e tinha muitos filhos, um dos quais, o Carlos, também andou comigo no Liceu e se formou em Engenharia; o Dr. João Teixeira; o Dr. José Correia de Barros; os irmãos Campos (João e Avelino), monárquicos indefectíveis e homens muito ligados ao regime; o Dr. Vaz de Carvalho; o Dr. Bernardo Gama, advogado com pouca clientela e o Dr. Saraiva de Aguiar, natural de Vila Nova de Foz Coa, excelente prosador, premiado a nível nacional, e pai, entre outros filhos e filhas, do Dr. José Aguiar, que creio ser consultor da Câmara, e ao que me dizem, exerce advocacia por conta própria.

Revertendo, porém, ao Dr. Álvaro Guedes: uma das filhas, não me lembro do nome da Senhora, era casada com um médico que deixou nome em Vila Real pelas suas histórias, muitas das quais não podem ser contadas em público, principalmente se houver senhoras presentes. E, recorrendo, uma vez mais, às minhas Memórias em verso, vou contar uma dessas histórias, das poucas possíveis de publicar em letra de forma. Aí vai ela:

*E vou falar agora de um “pardal”
Que deu consultas em Vila Real,*

*Não sei se noutro lado trabalhava;
Sei que tinha um ar afadistado
E era, por vezes, malcriado:
Dr. Sampaio e Melo se chamava.*

*Um dia, entra o doutor na “Brasileira”,
Onde se reunia, para a cavaqueira,
Um grupinho das mais diversas gentes.
Dá boas-tardes e diz aos amigos:
– Acabo agora de ter relações
Com a mulher, aqui, de um dos presentes!*

*Faz-se um silêncio súbito, gelado,
E, ao ver o grupo assim, todo calado,
Volta o doutor, a voz sempre escarninha:
– Se não mandam mais nada, vou-me embora,
Mas estejam descansados: a senhora
Com quem estive na cama... foi a minha!...*

Ora bem! Uma vez que o Dr. Álvaro Guedes me deu ensanchas para referir os advogados de Vila Real – e, se mais havia, outrem de memória mais sólida que aqui os acrescente –, o seu genro permitir-me-á falar dos médicos.

Começarei pelo mais novo de todos – acabara de se formar pouco tempo antes, mais exactamente em 1948 –, o Dr. Borges Rebelo (o Dr. Zezé, por muitos anos um dos mais impenitentes solteirões de Vila Real, pecado de que viria a redimir-se a tempo e horas), que, actualmente, deve ser o mais antigo discípulo de Esculápio na nossa cidade; a Dr^a. Laura Amaral, que menciono antes de todos os seus colegas, por ser, à época, a única senhora médica cá da terra; o Dr. Domingos Campos, homem que salvou o meu Pai de uma septicemia que quase o ia levando desta para

melhor e que, na Pastelaria Rosas bebia água das Pedras, de pé, ao balcão, e pela garrafa; o Dr. Madeira Pinto, Cristóvão de sua graça, que era o Delegado de Saúde, um dos médicos de nossa casa e de quem se dizia ser virgem, apesar de, todas as semanas, as “meninas” da Rua dos Ferreiros lhe passarem pelo consultório, a meio da Avenida, para a “examina” obrigatória; o Dr. Júlio Teixeira, proprietário de uma das quatro Casas de Saúde de Vila Real, onde parava pouco, por estar sempre à conversa, à porta da barbearia do Afonso de Lordelo, na Rua Central, com um carro a cair de podre, porque nunca fizera uma única revisão; o Dr. Cardoso, que tinha a Casa de Saúde da Timpeira e era irmão do Professor Engenheiro Edgar Cardoso; o Dr. Mário Durão, todo do “Revirvalho” e dono de uma Casa de Saúde com entrada pela Rua Alexandre Herculano e pela Rua da Boavista; o Dr. Otílio Figueiredo, figura de proa da esquerda local, responsável pela Casa de Saúde “Bissaya Barreto”, por baixo da Ponte de Ferro, e pai do cirurgião Dr. Otílio Figueiredo, que foi Director Cirúrgico do Hospital, e do Professor Doutor Eurico Figueiredo, antigo deputado do Partido Socialista; o Dr. Mário Vilar de Figueiredo, o “com-sem”, de quem já falei, a meio do ponto 4; o Dr. Feliciano, um dos médicos mais antigos de Vila Real, não sei qual a sua especialidade, posso apenas dizer que vivia num prédio pegado à “Brasileira”; o Dr. Henrique Botelho, que também conheci já no ocaso da profissão, era pai do meu amigo e colega de Liceu, Dr. Nuno Botelho e morava por trás do Liceu, quem ia para Trás do Cemitério; o Dr. António Tibúrcio, que também foi médico de nossa casa; o Dr. Nogueira Guedes, de quem falarei mais adiante e, a terminar, sem ter a certeza se me esqueço de algum, o Dr. Elísio Neves, marido da Dr.^a Laura Amaral, como ela oftalmologista, e pai do Elísio, do Frederico, que lhe seguiu as pisadas e herdou o consultório, e de mais duas senhoras, que vivem em Lisboa. E deixo de lado os dentistas, porque deles me ocuparei um pouco mais tarde.

13 – E é altura de avançarmos para os Bombeiros de baixo ou Bombeiros de Salvação Pública, actualmente com quartel na Rua D. Margarida Chaves, junto ao Mercado e cujas antigas instalações – um “baixo” muito largo e comprido – deram lugar ao Café Pic-Nic, pelo menos este é o nome do que lá está em Junho de 2003; não sei se, antes, lá terá estado outro.

O primeiro comandante que lhe conheci foi o senhor Heitor Matos, dono de uma farmácia e director do semanário “ O Vilarealense “; seguiu-se-lhe o senhor Alberto Neto, professor de Grafias na Escola Comercial e Industrial, dele falarei quando passar para o outro lado da rua; o último comandante de que me recordei foi o Artur da Eira (Pato), que jogou futebol no Vila Real, era ajudante da Conservatória do Registo Civil e padraсто do “Pataquinhas”, ele também bombeiro de baixo. Da Direcção, o único presidente que conheci foi o senhor Alberto Botelho, gerente da Mabor, na Avenida, e pai do Alberto e do Henrique “Mocas”, actualmente ambos em Braga, e de uma menina cujo nome não tenho presente.

No “baixo” de que falo, eram guardados os carros da corporação (ambulâncias, prontos-socorros, carros-bomba e demais apetrechos bombeirais). No salão do 1º andar, havia bailes, aos sábados e domingos, organizados por particulares – um deles o Ângelo “Espanhol” – e frequentados, na maior parte dos casos, por estudantes. Todos os dançarinos que fossem para lá sem namorada ou conhecida aguardavam ansiosamente as meninas internas do Colégio de São José, que, aos domingos, tinham autorização para sair à tarde, durante algumas horas, e a primeira coisa que faziam era enfiar-se nos Bombeiros ou no Clube, nas salas onde houvesse bailação.

Foi nesse salão que, em 1941, se não erro, esteve exposto o corpo do Porfírio, um dos bombeiros de baixo, que morreu queimado durante um incêndio que ajudava a apagar. Ali, também, ensaiei um ou dois

teatros para o aniversário da corporação, no dia 6 de Janeiro.

Até eu começar a dar aulas em Vila Real, a efeméride era comemorada com um luzido desfile pelas ruas da cidade e um espectáculo, à noite, no Teatro Avenida. Subia o pano e aparecia a corporação, alinhada no palco, com alguns bombeiros podres de bêbedos, tanto tinham bebido ao longo do dia, amparados pelos que estavam mais sóbrios. Isto enquanto a orquestra, em frente às primeiras filas da plateia, atacava o hino, com a assistência de pé, em rigoroso silêncio. Seguia-se um dos momentos mais solenes da noite. Dos bastidores, avançava um conhecido advogado de Coimbra, pai do Professor Doutor Fernandes Martins (Fred), catedrático da Faculdade de Letras, e, durante 10 ou 15 minutos, proferia um inflamado discurso, falando dos “Soldados da Paz”, do muito que a Sociedade devia a estes homens humildes, todos eles profissionais das mais diversas artes e ofícios, mas sempre dispostos a largarem o seu ganha-pão, a sua família e o seu bem merecido descanso quando o Fogo, esse pavoroso flagelo, ameaçava a vida e os haveres dos seus semelhantes. Todos os anos era o mesmo orador, não sei até se a mesma eloquência, lembro-me, isso sim, que a sala inteira, tocada na sua sensibilidade pelo verbo inflamado do tribuno, desabava em incontidos e frenéticos aplausos, que o causídico coimbrão agradecia, numa vénia larga e majestosa. Seguia-se um pequeno intervalo, ensejo para os assedegados bombeiros continuarem as libações que já vinham desde as primeiras horas da manhã, e, por fim, dava-se início ao espectáculo, quase sempre a cargo de uma companhia amadora, vinda expressamente do Porto, com uma revista em dois actos, a imitar as do Parque Mayer, estas representadas por profissionais e conhecidos nomes do teatro ligeiro português.

Com a minha vinda para Vila Real, dar aulas na Escola Comercial e Industrial e no Colégio Moderno de São José, comecei por escrever o acto de variedades da festa dos estudantes do Liceu, o teatro do 1º de Dezembro, por mim também ensaiado, creio que no ano lectivo de 1958-59 (ou 1959-60?). Sei, sim, que, entre as “estrelas” se incluíam os irmãos Barreto (Nuno e António, este último futuro ministro da Agricultura, depois do 25 de Abril de 1974 e autor da Lei da Reforma Agrária);

o Eduardo Guerra Carneiro, mais tarde poeta e jornalista; o Manuel Azeias, que, nos anos 90, encontrei em Bruxelas como funcionário diplomático, e muitos outros que a memória já esqueceu. Depois, por arrasto, vieram novos convites para escrever e ensaiar revistas sobre casos e figuras locais: novamente dos estudantes, sempre por altura do 1º de Dezembro; dos Bombeiros, pelo menos os da minha rua; das alunas da Escola do Magistério Primário e da União Artística, uma associação de trabalhadores, presidida pelo Francisco Oliveira, o senhor Chico, tipógrafo do Agostinho da Imprensa. Ficou meu grande amigo e, para garantir que eu lhe fazia os teatros com que comemorava o aniversário da colectividade, obrigou-me a aceitar o lugar de presidente da Direcção, que ocupei até Junho de 1962, altura em que vim viver e trabalhar para Lisboa.

13 A – Nos teatros dos Bombeiros de baixo, ensaiados no salão do 1º andar, destacava-se o senhor Manuel Ramos, homem de meia-idade e responsável pelo rudimentar Museu, situado num edifício antigo, entre a casa de Diogo Cão e o restaurante “A Toca da Raposa” (21). O senhor Ramos foi, juntamente com o meu amigo Faustino, “compère” de uma ou duas das primeiras teatradadas que escrevi para a União Artística; depois, foi o único “compère” do teatro dos Bombeiros, que dirigi a seguir. Mais tarde, e dizem-me que enciumado pelo talento do Faustino, convenceu os Bombeiros a prescindirem da minha colaboração e passou ele a ser o responsável pelas récitas dos de baixo, escritas e dirigidas pelo senhor Achilles de Almeida, com cenários pintados propositadamente pelo senhor Arlindo Botelho, um artista local com muita habilidade para aquilo. Ainda no salão do 1º andar, havia, também, espectáculos de ilusionismo, declamação e outros tipos de artistas que subiam até Vila Real a ganhar uns tostões para a bucha; a alguns assisti, mais o meu Irmão, numa idade em que, para onde um fosse, o outro ia logo atrás.

Segreda-me o “Fanfan” que é da mais elementar justiça evocar, nestas linhas, o Magalhães, que está para os Bombeiros de baixo como o Chefe Artur está para os Bombeiros de cima. Aqui fica a merecida refe-

rência. E como, mais atrás, falei, creio que pela segunda vez, no senhor Achilles de Almeida, aproveito para contar uma história que, juntamente com uma alcunha, corria na cidade a seu respeito.

O senhor Achilles de Almeida era um homem alto, seco de carnes e de temperamento. A idade não lhe embranquecera o cabelo, dividido por uma risca ao meio, por cima dos olhos grandes e inquietos. Coxeava ligeiramente, não sei se de nascença ou por acidente e, além do vizo pelo Teatro, puxava-lhe ainda para a escrita. Fazia o gosto ao dedo no semanário “O Vilarealense”, onde, quase sempre, em vez de notícias, publicava uns comentários sardónicos, com o seu quê de deletério, sobre casos da cidade ou figuras locais mais em foco. Solteirão contumaz, nunca apurei se os parceiros de cavaqueira conviviam com ele por amizade ou receio à sua pena e língua afiada. Vamos, porém, à história. Antes de, na década de 40, ir trabalhar para Coimbra, onde, nos anos 50, o encontrei numa casa em que me hospedei, o senhor Achilles de Almeida estivera empregado nos Serviços Florestais. Isso lhe terá valido talvez, e abro um parêntese, a alcunha de “Seca-Pi-nheiros”, pois dizia-se que, a urinar ele contra um pinheiro, a árvore secava de imediato... Conta-se que, um dia, o Director o terá mandado chamar, por via de uma desavença com outros funcionários, na circunstância dois regentes agrícolas. E o senhor Achilles, preludiando já, quem sabe, a sua vontade de mudar de ganha-pão e de poiso:

– Ó senhor Director... Isto são regentes a mais para um músico só...

13 B – Agora que já referi a segunda e última corporação de bombeiros, talvez seja altura para, sobre as duas, dizer alguma coisa. A mais antiga era a dos Bombeiros de cima, fundada em 1891, por alguns homens bons de Vila Real. (Um parêntese: Como estou a escrever cá de Oeiras, tenho de me guiar por informações que alguns amigos da “Bila”

me vão dando pelo telefone. Por tal não sou capaz de garantir a fidedignidade do que relato, menos porque os meus auxiliares me não mereçam crédito, mas porque alguns ainda são mais velhos do que eu... E, no tocante à memória, quem me assegura que a deles não é mais fraca do que a minha? Assim, e deixando isso de ressalva, fecho o parêntese.)

Um dos primeiros Comandantes dos Bombeiros – nessa altura não eram os de cima, porque ainda não havia os de baixo – foi o professor e jornalista Adelino Samardã, republicano indefectível e homem de grande prestígio na cidade. Tanto que, com o advento da República, chegou a ser Governador Civil. A meio da década de 20, e como ninguém é eterno, o senhor Adelino Samardã morreu e, quando se começou a tratar do funeral, a cidade foi surpreendida por uma decisão do Bispo da Diocese, o Senhor D. João Evangelista de Lima Vidal: este, seguindo uma intransigente regra eclesiástica, não autorizava que o enterro fosse religioso porque o falecido não estava casado, isto é, vivia amancebado – nesse tempo, as mancebias ainda eram *só* entre pessoas de sexos diferentes... Pode dizer-se que grande parte de Vila Real reagiu desfavoravelmente ao “diktat” episcopal e logo alguém congeminou uma estratégia para o tornear e, mais do que isso, lhe responder de luva branca.

Estratégia que foi como passo a contar: no dia do enterro, o préstito abria com as criancinhas das Escolas Primárias da cidade, desfilando, muito compenetradas. Uma delas, o menino Hugo Sequeira Neto, marchava à frente, com a bandeira nacional ao ombro e levando ao lado outro mimoso pequenito da mesma idade, o hoje octogenário Eng.º João Cunha Serra. O féretro ia logo a seguir e, atrás, Vila Real em peso. O cortejo atravessou as principais ruas da terra, detendo-se em cada uma das igrejas locais, onde os bombeiros, tanto os de cima como os de baixo, já o aguardavam, com as suas escadas estendidas até ao campanário. Então, logo que o funeral parava, os voluntários que estavam lá em cima agarravam-se ao badalo do sino e tocavam a finados... Enterrado o senhor Adelino Samardã, no que hoje é o Cemitério Velho, a multidão atravessou a Vila Velha e, passando a Câmara, dirigiu-se à casa do Senhor D. João, que era perto do Governo Civil, onde, em coro tonitruante,

gritou: “Abaixo o Bispo!...” Logo acorreu a polícia, que não ficava longe e, sob o comando do então Capitão Faria “Raboto”, os manifestantes foram mandados dispersar; no dia seguinte, alguns deles tiveram de se apresentar na esquadra, para prestarem declarações. Um dos convocados, pelo que me contam, foi o senhor Albaninho, professor do ensino primário e director da Escola Azevedo, homem que dava nas vistas pela sua altura fora do comum. Em termos administrativos, a coisa ficou por ali, mas já o mesmo se não pode dizer no aspecto religioso. Isso porque o Bispo, considerando que o toque dos sinos tinha profanado as igrejas por onde o cortejo passara, mandou fechá-las ao culto e assim estiveram durante largos meses.

Aos católicos de Vila Real, privados do acesso à Sé, a São Pedro e aos demais templos desrespeitados pela retaliação dos Soldados da Paz, restava, apenas, para exteriorizarem a sua Fé, a Igreja do Calvário que não fora incluída no percurso fúnebre. Mas o Calvário ficava longe para muitos fiéis, outros já não tinham pernas para subir até lá acima, conclusão: na cidade começou a circular um movimento de protesto, a princípio em surdina, depois às abertas e pouco demorou para que o Senhor D. João fosse transferido para a sua Aveiro natal, cedendo lugar ao Senhor D. António Valente da Fonseca. Que, como primeira medida, se apressou a mandar reabrir ao culto as igrejas até aí encerradas.

13 C – Quanto aos Bombeiros de baixo, as informações que me chegam dão-me conta de que apareceram 6 anos depois de terem surgido os de cima. Foram fundados por dissidentes da outra corporação e adiantaram-me os nomes de Morais Serrão e de um bisavô dos actuais Teixeira, por alcunha “O Cara de Gato”. As informações aqui ficam e alguém com mais vagar e talento para a investigação que corrija o que estiver errado e preencha as mais que certas lacunas.

E creio que já disse tudo sobre os Bombeiros da “Bila”.

14 – A seguir aos Bombeiros de baixo era uma casa muito estreita, de dois andares, que pertencia ao Capitão Macedo, casado com a Senho-

ra D. Aurora e pai do Ildefonso, creio que o mais velho dos filhos, e de duas meninas, angelicais e louras, a Idalina e a Antónia. Nunca lhes conheci namoro e ignoro se terão casado e dado netos ao casal Macedo. Da família, sei apenas que comprou uma quinta, ali para a Ribeira, a caminho de Mondrões; da casa, mais tarde o “baixo” deu lugar a uma agência de seguros (22).

O Capitão Macedo, embora não seja o primeiro dos oficiais que aparece na Rua Direita – ver, no nº 4, o Tenente Mota Freitas – vai permitir-me, numa divagação que poderá ter interesse para os apaixonados pela “Bila”, recordar outros militares que havia em Vila Real – e quando digo “havia”, falo daqueles de que me recordo. A existirem lacunas, grato ficarei se alguém as preencher.

A esses militares, com postos que vão de coronel a cabo, vou dividi-los em quatro categorias: os *Afectos* ou simpatizantes do regime de então; os *Assim-assim*, ou seja, se eram a favor ou contra, não se manifestavam muito; os *Indiferentes*, como fossem aqueles que, na cidade, não se notava para onde “caíam” e, finalmente, os do *Revivalho*, todos eles tendo feito a Guerra de 14-18 e passados compulsivamente à reforma, depois do 28 de Maio. Antes de preencher cada uma destas quatro categorias, quero dizer que a distribuição a faço baseando-me na memória, em primeiro lugar, e no que hoje, mais de meio século decorrido, me parece que eram as tendências políticas, ou ausência delas, dos arrolados.

E então vamos lá, começando pelos Afectos. Os mais antigos de que me lembro eram coronéis, a saber: o Coronel Ângelo Costa, pai da Aurorinha, residente perto da Estação e que, se não erro, comandou o 13, o Regimento de Vila Real; o Coronel Mota e Costa, pai da Lita Mota e Costa, que era considerada a mulher mais bonita de Vila Real; o Coronel Faria, que, ainda Capitão, foi comandante da Polícia e tinha por alcunha o “Raboto”; o Coronel Rocha Peixoto, ele também comandante da Polícia, quando Capitão; o Coronel Pizarro, que morava perto da Câmara e, já a

cair da tripeça, não falhava um baile, no Clube, onde, para desespero dos mais novos, insistia em dançar com as raparigas que, por educação, aceitavam o convite; o Coronel Varela, que vivia no Caminho de Baixo e que tinha um defeito na fala: em vez de dizer “Varela” ou “espada”, dizia “Varelua” ou “espádua” (mais abaixo, quando acabar a lista dos militares, a ver se me não esqueço de uma história do Coronel “Varelua”, que ouvi ao meu Avô Joaquim Maria); o Coronel Chico Costa, que foi Comandante do 13, tanto quanto me lembro, fez o resto da sua carreira em Braga, vindo, já reformado, viver para Vila Real, onde era muito estimado; o Coronel Leite Gomes e, para terminar os oficiais acima de major, o Coronel Mota Freitas, natural de Amarante e também Comandante do 13, embora nos anos 60, e à semelhança dos Coronéis Faria e Rocha Peixoto, tivesse começado a sua passagem por Vila Real, a comandar a Polícia, com o posto de Capitão.

Passando aos Capitães, não me levarão a mal que traga primeiro à colação aquele que conheci melhor, o Capitão Joaquim Maria, meu Avô materno, meu Padrinho e combatente da Guerra de 14-18. Monárquico ferrenho como ele, era o Capitão Varejão, sogro da Senhora D. Francisca Varejão, professora de música e mãe do Geninho, do António e da Mimi Varejão. Não sei se também monárquicos, mas companheiros habituais do meu Avô, lembro-me do Capitão Trancoso e do Capitão Luz; deste último dizia-se que, se alguém o mandasse “descobrir a pólvora”, ele desobedecia à ordem... E dois Capitães Gomes: um, que foi Comandante da Legião e era pai das Balalaikas – falarei dele quando passar para o outro lado da Rua Direita – e outro, que morava no Caminho de Baixo, junto do Coronel Varela e do Dr. Leonardo Magalhães e era pai do Arq. Carlos Santelmo. Por volta dos anos 50, apareceu em Vila Real o Capitão Medeiros. Tinha físico de Falstaff de província, comandou a GNR local e era o delegado da Censura. Natural de Chaves, um dos seus três filhos, Álvaro como eu, foi o vencedor do primeiro concurso do Totobola que houve em Por-

tugal. E termino o rol com o Tenente Rodrigues, mais conhecido por o “Pai dos Meninos”, que parava muito na barbearia do Afonso de Lordelo e andava sempre com o senhor Manuel Gonçalves Grilo, a quem me hei-de referir quando trouxer à baila os professores do Ensino Primário; um e outro eram monárquicos até dizer “chega”.

E, agora, os Assim-assim, em menor número do que os anteriores e do que os que vêm a seguir, e sempre com a ressalva de que posso estar enganado quanto às suas simpatias ou antipatias pelo regime da época. Na minha lista, incluo apenas dois: o primeiro era o Capitão Mário Vaz, irmão do General Aníbal Vaz, do Capitão Domingos Vaz e das Senhoras Vaz e pai do Capitão Mário Cândido Sanches Vaz, – hoje Coronel e que foi comandante da Polícia – e da Senhora D. Maria Luisa Vaz Carneiro; o segundo, era o Capitão Rocha, casado com a Senhora D. Dulce e pai do Zezinho Rocha, hoje médico, já reformado, em Coimbra. O Capitão Rocha abancava com um grupo de amigos na Pastelaria Gomes (Nova) e o “jornal da caserna” da cidade chamava, ao pouso, a “Praia do Rocha”.

Quanto aos Indiferentes, aí vão eles, tendo à frente do rol o Major Aparício e o Major Lobato; o Capitão César Gomes, este gerente do Teatro Avenida e avô do meu grande amigo Necas e da Carmo e da Zélia Costa Gomes; o capitão Guedes; o Tenente Manuel Maria, pai da Corália, de mais duas Senhoras cujo nome se me varreu, do Amílcar “Cantor Louco” e do Aníbal “Esternibi”; os Sargentos Barreira e Ilídio (ambos músicos), Gaspar, Casanova – que, em 2003, tem 96 anos, Deus o conserve –, Gomes (pai do Necas) e Armindo, que era meu vizinho, quando morei no 13 da Rua Direita, sobre este último falarei quando for altura. Dos Indiferentes, os de menor graduação eram dois Cabos: o Cabo Quintela e o Cabo Zé. O primeiro estava sempre à porta da Pastelaria Gomes (Velha), bivaque, capote e sorriso nos lábios, ainda hoje pergunto a mim próprio se ele realmente era militar e, a sê-lo, por

que bulas não punha os pés no quartel... O cabo Zé, esse, nunca o vi a não ser à paisana, às 8 da manhã e comigo de rabo para o ar... Explicando melhor, não vá haver quem se ponha com segundos sentidos: nessa altura eu ainda não tinha 10 anos, dormia com o meu Avô, já viúvo, e todas as manhãs o cabo Zé ia lá a casa dar-me injeções não sei de quê. Sei que, ao tempo, e uma vez por ano, o meu Irmão e eu apanhávamos injeções e tomávamos o horroroso óleo de fígado de bacalhau que, para o engolirmos, tínhamos de apertar o nariz com os dedos, por causa do cheirete...

Antes de encerrar com os do *Revirvalho*, peço licença para lembrar, destacadamente, um militar, cujo nome e posto nunca averigui, sei apenas que vivia naquela rua por trás da Sé, em casa do Dr. Jacinto Guedes, seu genro, que foi professor de Matemática no Liceu. Sobre ele, ainda eu era rapaz pequeno, ouvi contar que, aquando do advento da República, a sua fidelidade ao Rei foi tamanha que partiu a espada de oficial e recusou servir o novo regime.

Seguem-se os do “Revirvalho”. Em 1931, houve a chamada “Revolução da Madeira”, comandada pelo General Sousa Dias. O Governo de então foi obrigado a fazer deslocar, para aquela ilha, um contingente militar que conseguiu pôr cobro à insurreiçãõ. Entre os amotinados, contava-se o Major Varão, um velhinho muito simpático – falo do tempo em que o conheci – que morava perto da actual Caixa Geral de Depósitos. Não falhava a uma sessão de cinema, no Teatro Avenida, acompanhando carinhosamente a mulher, uma senhora ainda mais velhinha do que ele, de bandós e muito rapioqueira, se a expressão me é permitida, sem qualquer ofensa para o simpático casal. Mais acima, em frente à Farmácia Mesquita, morava o Tenente Abreu, ele também combatente da Guerra de 14-18, casado com uma Senhora francesa e obrigado a sair do Exército por ser opositor ao Estado Novo. O Tenente Abreu e a mulher ganhavam a vida dando explicações de

Francês. Outros três Tenentes, desafectos, igualmente, ao regime surgido com o 28 de Maio, eram o Tenente Lima, a quem hei-de referir-me lá mais para a frente, o Tenente César Machado – pai do Hélder, do Ilídio e do Délio, que jogaram futebol no Vila Real, e da Manuela – e o Tenente Pureza, pai do Fausto e do António Pureza. E por aqui me fico no tocante à tropa.

E agora, a tal história do Coronel “Varelua”, que o meu Avô Joaquim Maria costumava contar.

Era ele ainda tenente e fazia uma comissão de serviço em África, numa das colónias portuguesas desse tempo. Um dia, um soldado negro desobedeceu a uma ordem, portou-se mal ou fez qualquer coisa de que o Tenente “Varelua” não gostou e como tal aplicou-lhe três dias de cadeia. Passou-se uma semana e porque, da cela, viesse um cheiro nauseabundo, foram lá ver e deram com o negro morto de fome e já a decompor-se. O “Varelua” nunca mais se tinha lembrado dele! E, ao exprobrarem-lhe os camaradas o esquecimento fatal, respondia o tenente, a atrapalhação a transtornar-lhe ainda mais o falar defeituoso:

– Que é? Tu também nunca te esqueceste de “nádua”?...

14 A – Fico-me por aqui no tocante à tropa, mas os dois filhos do Tenente Pureza, o Fausto e o António, vão-me servir para listar, de seguida, as pessoas que, em Vila Real, faziam música, ou seja: tocavam qualquer instrumento.

Começando pelas Senhoras: à cabeça vem a Senhora D. Inocência, mãe do senhor Rodrigo Araújo. Nunca a ouvi tocar, mas diziam os mais velhos que, no tempo do cinema mudo, quando os filmes eram acompanhados por pessoas da terra, em Vila Real esse trabalho competia à Senhora D. Inocência, que tocava piano, ao senhor Baptista Pinto, violinista e a um outro senhor, de nome

Roque, tocador de um instrumento que não apurei qual seria. E, quando o trio parava, logo o público, em uníssono, gritava: “Ó D. Inocência, toque, tenha paciência...” ou ainda “Ó senhor Roque, toque, toque...”. Depois, e ainda nas Senhoras, havia a Senhora D. Aurélia Sebeiro, com quem, durante pouco tempo, aprendi piano, e as Senhoras D. Francisca Varejão e D. Zulmira Cardoso, ambas professoras do mesmo instrumento. A melhor pianista de Vila Real era, no entanto, a neta mais velha do Dr. Feliciano, julgo que se chamava Maria da Glória. Estudava no Conservatório do Porto e muitas foram as vezes que deu concertos em Vila Real. Pianistas, também, ainda que amadores, havia o Julinho Mesquita, que tocava de ouvido, o Nené Barreira, o Fernando Leite e o Dr. Zezé. Passando agora ao violino: lembro-me do senhor Avelino carteiro, que morava junto da Capela da Misericórdia e me deu lições (não duraram mais do que um mês, para desespero da minha Mãe, que já me estava a ver feito Paganini); do Fausto Pureza e do senhor Torres, que era de Justes, do “Reviralho”, tio materno do Quito-Zé e sogro do Géninho Costa Lobo, infelizmente já falecido. Continuando nos instrumentos de corda, falarei do professor Francisco Botelho, a quem mais adiante me hei-de referir de novo, que tocava guitarra; dos irmãos Cabral Couto, hoje generais, um intérprete de bandolim, o Abel, e o outro de viola, o Francisco; viola era igualmente o instrumento do Luís Coutinho, filho do alfaiate do mesmo nome, com estabelecimento na Rua Direita. O irmão do Fausto Pureza, o António, dedicava-se ao acordeão, bem como o filho do Director Escolar de Vila Real, o Fernando Moreira, mas este, comparado com o António Pureza, nem para lhe levar as malas. Embora estivesse convencido de que era um “balar”... No capítulo dos instrumentos de sopro, os Fonseca, meia dúzia de irmãos, de Murça, todos a estudar no Colégio da Boavista, faziam um conjunto de gaitas-de-beiços, chefiado pelo mais velho, o António; o naipe terminava com o irmão do cunhado do Dr. Zezé que, de janelas abertas para a Rua António de

Azevedo, tocava flauta, mas tão alto que quase se ouvia em Parada de Cunhos... G'anda fôlego!... Tamanho que, um dia, o senhor Rodrigo Araújo, frequentador assíduo do “Café Pompeia”, que ficava no outro lado da rua, perguntou ao Dr. Zezé se não se importava de dar um recado ao hóspede e irmão do seu cunhado. E, ao responder o médico que sim, que dissesse o senhor Rodrigo que recado era: “Olha, pede-lhe que vá tocar pró rai’que o parta!...” Bem, convenhamos que não o terá mandado tocar para o raio que o partisse, mas estou que o leitor perceberá o que quero dizer na minha...

15 – Posto o que passaremos à casa contígua à do Capitão Macedo. Onde morava – antes dele devem ter morado outros, mas já não tenho ideia – o senhor Peres, tesoureiro das Finanças, lugar que acumulava com o de meio lunático, e pai do António José e da Isabel Maria, mais velha do que o irmão e que, para os padrões da época e da terra, era considerada uma *pêssega* (23).

O António José, ao que me conta um seu antigo colega do Liceu, era tão estarola como o pai. A história que ouvi desse seu amigo é bem ilustrativa do que ia dentro daquela cabeça.

Um dia, vinha na primeira página de um jornal que chegara a Lisboa, no seu iate, uma navegadora nórdica que, sem ninguém a acompanhá-la, andava a dar a volta ao Mundo. De pronto o Peres-filho segredou, com modos conspirativos, ao seu colega que ia descer à capital e, em chegando à doca de Pedrouços, haveria de se insinuar junto da loura, trintona e solitária navegante. De tal sorte que esta, quando o visse, e a despeito dos 15 ou 16 anos do rapaz, logo haveria de lhe cair nos braços e levá-lo consigo, no périplo à volta do globo. Mas ele, o amigo, que guardasse a confidência, para o pai Peres não saber. Claro que, ao ouvir isto, o outro, se não se lhe riu na cara terá sido para não o desconsiderar, mas a verdade é que, durante esse fim-de-semana, ao jovem con-

quistador ninguém o viu na Rua Direita, nem nos sítios que costumava frequentar. Apareceu, tempos mais tarde, de orelha murcha. E quando o confidente lhe perguntou se, afinal, sempre fora ter com a escandinava, acenava que sim, em suspiroso silêncio. Depois, se instado para fornecer mais pormenores, contava que a navegante, ao dizer-lhe ele que queria acompanhá-la na aventura dos sete mares, pouco faltara para o atirar de cabeça ao Tejo. Até que, ao dar-se conta que o Peres-filho se mantinha inabalável na decisão de a acompanhar, a conterrânea da Greta Garbo e da Ingrid Bergman içara velas, fizera-se ao mar e deixara para trás o grande amor da sua vida...

Na casa do senhor Peres, melhor dizendo: na ex-casa do senhor Peres – porque ele, a certa altura, saiu de Vila Real e, com a idade que tinha nesse tempo, já não deve andar por cá –, fica hoje, nos “baixos”, uma perfumaria com um alto-relevo à entrada. Esse alto-relevo foi feito por um escultor, o Nuno Pestana, meu colega na Escola Comercial e que não regulava bem da cabeça. Já morreu e dele se conta uma história macabra. Por qualquer razão que não consegui apurar, tiveram de exumar o cadáver e diz-se que o caixão, por dentro, estava todo arranhado. O homem, ao que parece, teria sido enterrado vivo, em estado de letargia...

E avanço para a casa do Sílvio Teixeira.

16 – Quer dizer: eu chamo-lhe a casa do Sílvio Teixeira, mas ela era dos pais, o senhor Joaquim Teixeira e a Senhora D. Ana Amélia. A família – o casal tinha 4 ou 5 filhos, todos rapazes – ocupava os dois andares do prédio, apetrechado com um grande quintal nas traseiras, onde eu e outros miúdos lá da rua passámos muitas tardes na brincadeira. O sustento dos Teixeiras vinha da “Ourivesaria e Relojoaria Teixeira”, a funcionar nos “baixos” (24). Hoje, o Sílvio entretém-se com um quinzenário – o “Jornal do Norte” – de que é, simultaneamente, director, chefe de Redacção, redactor, compositor, impressor, distribuidor e pri-

meiro leitor. Mas voltando ao pai Teixeira: corria, na cidade, que lhe puxava para o espiritismo, mas, ao que parece, e segundo me foi dito por fonte autorizada, só terá feito, ao todo, umas 4 ou 5 sessões e não era médium, quer dizer: não falava com o Além nem recebia as vozes vindas de lá.

17 – E sigo para a casa pegada. Nos “baixos” fica a “Livraria e Papelaria Eduardo”, do “Dadá”, o Eduardo Lopes da Silva, que mora por cima, não sei se no primeiro ou no segundo andar ou, até, se ocupa os dois (25).

Naquele prédio, lembro-me de terem vivido algumas famílias e, como não tenho presente a ordem por que lá estiveram, começo por uma ao calhas. A de um funcionário dos Correios, penso que de Bragança, pai de uma família com muitas filhas e um filho, o António, que era da minha idade – ao tempo eu andava pelos meus 13 ou 14 anos – e com um defeito nos olhos, parecia que estava sempre a chorar. Das irmãs só me ocorrem duas: a Mariazinha, a mais velha, que namorou com o Quito Zé (o “Faca”, o meu grande amigo Francisco José de Sousa Campos, um homem que toda a cidade estimava e que, coitado, já lá está) e a Gemina, que terá sido a minha primeira paixoneta, se bem que, à moçoila, nunca lhe tivesse passado pela cabeça a flama que acendera no meu juvenil e, até aí, desocupado coração. Estou a vê-la: baixa, a atirar para o moreno e com o cabelo repartido por duas tranças que lhe davam ares de “squaw” apache... O fatcaz que tinha por ela nunca lho expressei ou dei a entender, mas confessava-o, lírico, nas folhas de uma agenda de secretária que encontrara lá em casa e de que me apossei para a transformar em diário, onde ia lançando a evolução dos meus silentes afectos. Tais como, e por exemplo: “Hoje, vi-a à janela, a olhar para uma carroça que ia a passar, puxada por um cavalo. Estava mais bela do que nunca...” Depois, no receio de perder a agenda e o mundo ficar privado desta e de outras pérolas literárias de igual quilate, corria a mostrar a minha prosa a quem tinha pachorra para me aturar e aos meus devaneios estilístico-literários... E, antes de referir outro dos moradores deste an-

dar: só muito recentemente vim a saber que a Gemina namorou com o Almor, que morava em frente... E eu, entretido a escrever na agenda, que nunca dei conta!...

Além da família da Gemina, houve também os Padrões. O marido, Maurício, morreu muito novo e a mulher, a Esperança, ficou com duas pequenitas, a Amélia e a Marilda. Esta última viria a ser minha aluna, casou com o Alfredo Ribeiro e esteve à frente da “Farmácia Almeida”, que pertencia ao avô, até ceder o lugar a uma filha sua com o curso de Farmácia. Actualmente, como já disse, mora lá o Eduardo “Dadá”, mas, nos anos 50, mais coisa menos coisa, a casa era ocupada pela Senhora D. Maria José, mulher do “Baiòlinda”, um merceeiro de quem falarei quando passar para o outro lado da rua. Digo que a casa era ocupada pela Senhora D. Maria José por ser ela, na verdade, o “homem” da casa.

17 A – Há quem ache que as palavras são como as cerejas: em puxando uma, vem logo uma data delas atrás. São as palavras e as ideias. Como já devem ter reparado, os que tiveram a paciência de me ler até aqui – e ainda eu não cheguei, sequer, ao fim da primeira metade da Rua Direita... –, não falo apenas da minha rua, mas, também, de outros locais e pessoas da cidade, o que, se a imodéstia me é permitida, talvez sirva para dar o retrato de uma pequena cidade de província dos meados do século passado. Isto para dizer que a Senhora D. Maria José era irmã do senhor João Baptista Pinto, funcionário superior do Banco de Portugal e homem muito dado às artes, em especial à Música. Um dia, resolveu criar um orfeão e as pessoas que dele quisessem fazer parte iam à União Artística, que funcionava – e creio que ainda lá continua – junto à Câmara Municipal, para prestar provas e o senhor Baptista Pinto definir o naipe a que iriam pertencer.

17 B – Em Vila Real, havia, no Registo Civil, um funcionário, o senhor Coutinho, homem baixo, de bigodinho retorcido nas pontas, sempre de colete e usando lunetas. Nunca soube se era casado, nem isso é pormenor que interesse para o que desejo contar. Sei é que era muito

rígido no cumprimento dos seus deveres, como pode ver-se por esta pequena história, que me garantem ser verídica e que precede uma outra, que foi a que me ocorreu quando falei na Senhora D. Maria José e, por arrasto, no seu irmão e músico, senhor Baptista Pinto.

Um dia, o senhor Dr. Pinto Soares, professor no Liceu, onde me ensinou Português e Latim, como já ensinara à minha Mãe, foi ao Registo Civil, porque precisava de um qualquer documento. Novo na cidade, quem o recebeu foi o senhor Coutinho que, encostado ao balcão, puxou do livro dos registos, compôs as lunetas, molhou o aparo no tinteiro e, sem olhar o requerente, perguntou-lhe, conspícuo, como se chamava. “José Pinto Soares”, respondeu o professor. “Profissão?”, continuou o senhor Coutinho. “Sou professor do Liceu...”, disse o interrogado. E o senhor Coutinho, depois de assentar a resposta: “Sabe ler?” Riu-se o senhor Dr. Pinto Soares: “Sou professor do Liceu, como já disse...” Olhou-o, severo, por cima das lunetas, o zeloso escrivão: “Não lhe perguntei a profissão, perguntei-lhe se sabia ler!...”

O senhor Coutinho tinha um defeito no falar – parece que os terapeutas da fala lhe chamam “sigmatismo” –, direi apenas que parecia ter a boca cheia de água. Explicando melhor, talvez assim os meus leitores me percebam: em vez de “morais”, o senhor Coutinho dizia “molhais”, ou “malhuco” em vez de “maluco”. Isto dito, vamos à tal história em que entra o senhor Baptista Pinto e o seu orfeão.

Uma noite, ainda na recolha de vozes para os diversos naites, entra o senhor Coutinho na União Artística, para se inscrever. Que música ia cantar, quis saber o maestro? E o senhor Coutinho, na sua voz metálica e monocórdica, mais habituada a curar de identificações do que a flautear melodias: “Vou cantálhe os Olhos Nêguelos...”

– Olhos quê?... – estranhava o senhor Baptista Pinto. De-

pois, compreendendo – Ah! Os “Olhos Negros”... Faça o favor...

Esquecendo por momentos a postura oficial e burocrática, o aspirante a orfeonista semicerrou os olhos míopes, encheu o peito de ar e, num arranque saído das profundezas do diafragma, começou, romântico, lânguido e sussurrante: “ Olhos Nêguelhos, que falheschinam...”

A sala, repleta de candidatos e de outros que conheciam já o seu naipe – a sala inteira rebentou numa gargalhada uníssona e estrondosa. E o escrivão, ofendido na sua dignidade e a estender a mão pequena e engelhada para o inseparável chapéu:

– Muito boa noite, meus senholhes! Quelho que vão todos palha a puta que os palhiu!...

E saiu porta fora, colocando ponto final, quem sabe?, numa carreira “a la Caruso”...

18 – E estamos quase a chegar ao 43-45 da Rua Direita, uma casa famosa pelos motivos que irei referir, depois de discorrer sobre a casa pegada à do Eduardo e que, nos “baixos”, não tinha nenhuma loja (26). Era a do meu grande amigo Alfredinho “Ciclone” (Alfredo Rodrigues da Silva), casado com a Senhora D. Celeste e muito mais velho do que eu, o que tornava mais curioso o nosso relacionamento, pois, apesar da nossa diferença de idades, andávamos muitas vezes juntos. Almocei lá algumas vezes e ainda hoje a boca se me enche de água, só de recordar o bacalhau assado que vinha para a mesa...

19 – Ocasão para referir o 43-45 da Rua Direita, a tal casa que considero famosa, logo verão porquê. Antes, porém, tenho de confessar que ignoro quem são os seus actuais ocupantes e se nos “baixos” funcionou alguma sapataria, género de loja que abunda em Vila Real e, mormente, na Rua Direita (27). Tantas elas são, as sapatarias, que até fiz, sobre tamanha abundância, uma das sextilhas das minhas Memórias em verso. Esta que passo a transcrever e a que já me tinha referido lá mais

para trás:

*E as lojas da terra, de sapatos,
Dos melhores, dos mais feios, dos baratos?
Eu nunca vi, palavra, coisa assim!...
Sapatarias pra dar e vender,
Há tantas que apetece até dizer
Que ficam porta sim e... porta sim...*

Mas eu estava a falar na fama da casa nº 43-45 da Rua Direita. E famosa, porquê? Porque foi lá que, às 12h50 do dia 31 de Janeiro de 1932, e às 12h30 do dia 21 de Abril de 1933, nasceram, respectivamente, o autor destas linhas e o Quinzinho, seu Irmão predilecto, ambos na sala da frente do primeiro andar. Espero que, na frontaria, haja espaço para, no futuro, lá ser colocada uma lápide comemorativa e, se estas páginas forem lidas por alguém da nossa Câmara, solicito-lhe, respeitosamente, o favor de tomar nota num bloquinho e apresentar a proposta, considerando-a prioritária, na próxima reunião municipal. E por aqui me detenho, no concernente ao 43-45 da Rua Direita, antes que as lágrimas de mal contida emoção me empapem o manuscrito...

20 – A D. Miloca ocupava o primeiro andar da casa ao lado, ensanduichada entre a menina Vilar, que vivia no andar de cima, e uma alfaiataria, assim para o modesto, no rés-do-chão, ao lado da porta de entrada (28). À D. Miloca, conheci-a sempre velhotinha e sem outra ocupação que não fosse a de ser parente, ignoro em que grau, do Zezinho Rocha (José Paulino Pereira da Rocha), filho da Senhora D. Dulce e do senhor Capitão Rocha, família que morava na Avenida Carvalho Araújo, depois de ter vivido na Rua Direita, mais adiante direi onde. O Zezinho formou-se em Medicina e, a esta hora, deve estar reformado de um hospital de Psiquiatria de Coimbra, onde, se enganado não estou, chegou a Director. Se não chegou, eu, que sou muito amigo dele desde pequenino, dou-lhe esse cargo, prontos!...

A propósito deste nosso Amigo, recorda-me o meu Irmão que os

pais, quando o deixavam ir ao cinema, mandavam-no estar em casa às 10 da noite. Nesse tempo, pelo menos em Vila Real, as sessões de cinema só tinham um intervalo; por isso, quando este chegava, era ver o Zezinho a perguntar a toda a gente que horas eram, para se ir deitar... Lembro-me, também, que, no intervalo, as pessoas, se estava bom tempo, vinham até cá fora e, para saírem e poderem voltar a entrar, os porteiros davam uma senha. Uns iam à “Brasileira” tomar um café, outros à “Gomes” (Velha) comer um zemaço e, em todos os intervalos, quando o pessoal esperava pelo reinício, ouvia-se sempre alguém a assobiar, como quem chama, e uma voz, na Avenida, a anunciar bem alto: “Vende-se uma senha!...”

E, já que falo de cinema, durante muitos anos, na cidade, houve duas casas de espectáculos: o Teatro Avenida, que ainda lá está, mas já não exhibe filmes – vai ser o futuro Conservatório de Vila Real –, e o Teatro Circo, que era no Pioledo, foi demolido para construírem um edifício de vários andares e o primeiro filme que vi foi lá, não me lembro como se chamava, só sei que tinha o Bucha & Estica. Mas já me lembro do nome de outro, que na altura fez sucesso: “Sempre em meu Coração”. Era um em que aparecia uma orquestra de gaitas-de-beiços e um dos tocadores, o Bamba, parecia o Artur Pimentel, de Lordelo. E, por causa das semelhanças, o Artur ficou com essa alcunha e ainda hoje, os do seu tempo lhe chamam assim.

Ah! E mais outra coisa sobre o Teatro Circo: todos os anos, no Carnaval, não havia cinema, por causa dos Bailes do Carolina. Não sei donde vinha este nome e sempre me fez espécie dizerem “o” e não “a” Carolina. Nunca lá pus os pés, porque os meus Pais diziam que aquilo não era para meninos; o meu Irmão, apesar de ter menos um ano do que eu, deve ter deixado de ser menino mais cedo porque foi lá algumas vezes... dá-me a impressão de que sem os meus Pais saberem...

Nunca lá fui, como disse, mas muita gente me contou como era. Num dos cantos da sala punham uma banda de música a tocar e o espaço onde estavam as cadeiras, entretanto retiradas, era aproveitado para o pessoal dançar, bem como o palco. As mulheres, criadas de servir,

regateiras e assim do género, quase todas iam mascaradas, com os homens a procurarem descobrir quem estava por baixo da máscara. Não foram uma nem duas as vezes em que alguns só depois deram conta de que tinham andado toda a noite a arrastar a asa e a roçar-se por um matulão com mais barba do que eles... No espaço junto aos camarotes também se dançava, mas aí era para as pessoas mais finas. No intervalo de uma dança, dava-se ao dente nos camarotes, pois as famílias faziam questão de levar o que havia de melhor e de mais apetitoso, tanto nos sólidos como nos líquidos. Antes de se iniciar cada baile, isto nas noites de Sábado a Terça-feira, um cortejo de centenas de foliões percorria a cidade, com a banda a tocar o “Ora vai pró prego” e o povo a cantar, a plenos pulmões:

Ora vai pró prego,
Vai pró prego,
Se queres ir...
Ora vai pró prego
Que o comboio está a partir!...

Creio que estes bailes terminaram em finais da década de 50, com a demolição do Teatro Circo; não me parece que algum dia ressuscitem.

20 A – Quanto à menina Vilar – coitada, estava a ver que me esquecia dela, deve ser pela sua pouca altura... –, solteirona por vocação e fatalismo, compensava a falta de carinhos conjugais com a sua total entrega a Cristo. Era, se bem me lembro, uma das mais afreguesadas catequistas de Vila Real; as outras, tanto quanto sei, eram as meninas Coelho, filhas do senhor Coelho, tesoureiro do Banco de Portugal e, elas também celibatárias, até parece uma maldição que se tinha abatido sobre as catequistas!... A sua casa – refiro-me à da menina Vilar – estava sempre a abarrotar de palradoras, irrequietas e estereofónicas criancinhas, a quem ela, do alto do seu 1m43, ensinava, paciente e resignada, o Padre-Nosso, a Salve Rainha e, com especial realce, os Sete

Pecados Mortais.

21 - E são horas de entrar na casa (29) do senhor Manuel Serafim – a quem muitos conheciam por senhor Bessa – paredes-meias com a D. Miloca, menina Vilar & Alfaiataria Limitada. O senhor Manuel Serafim era barbeiro na Rua Serpa Pinto, de sociedade com o senhor Domingos, sendo a sua barbearia uma das mais afreguesadas da cidade. A escanhoar barbas e a aparar patilhas, conseguiu criar quatro filhos, um dos quais, o Dr. Manuel, que se licenciou em Letras e deu aulas em vários liceus. Em Vila Real, ensinou Grego ao meu Irmão que foi seu aluno único; assim, quando um dos dois estava doente ou faltava por qualquer motivo, o outro tinha feriado. E, antes de seguir viagem Rua Direita adiante: por que não lembrar aqui, a propósito do ganha-pão do senhor Manuel Serafim, as outras barbearias que havia na cidade?

Se a memória me não falha, uma delas ficava logo no início da Rua Alexandre Herculano e pertencia ao senhor Sérgio, portista ferrenho, e a um sócio, cujo nome me escapa. Regressando ao Cabo da Vila, subia-se a Rua Cândido dos Reis até ao Largo de São Pedro e havia outra, do senhor Araújo, pai de um amigo meu, o Rui, a quem perdi o rasto já há muitos anos. Depois, descendo pela Rua 31 de Janeiro, chegava-se à Rua dos Combatentes da Grande Guerra, mais conhecida pelo Largo da Capela Nova, e tinha a do Afonso de Lordelo, que, sobre o barbear e cortar cabelos, era, também, um centro de cavaqueira. Da barbearia do António Grande já falei no ponto 7, daí que passe para a do senhor José, que era manco, foi o meu barbeiro até eu vir trabalhar para Lisboa e tinha o seu “estaminé” quase pegado ao do senhor Manuel Serafim. Na Rua António de Azevedo, onde actualmente funciona uma tabacaria e venda de jornais, ficava a barbearia do senhor Bragança, que era contínuo do Banco de Portugal. Depois, e na Avenida, mesmo a seguir à “Brasileira”, tinha a do senhor Luís, homem do “Revirinho”, todo bem-falante e com chapéu destes de aba revirada, que usava nos seus passeios, de mãos

atrás das costas, ao lado dos outros corifeus da Oposição local. E, para terminar, passando ao Largo do Pelourinho, a barbearia do Arnaldo, na esquina em frente à Cervejaria da Gomes.

Anos antes, exactamente no mesmo “baixo”, estivera a barbearia do “Caganas”, assim era conhecido na cidade o proprietário, sem que alguém me tivesse alguma vez dito como o homem se chamava. E por que bulas o trago aqui? Não tanto por ser mais uma barbearia – que, aliás, nunca cheguei a ver –, mas porque está relacionada com uma história que dá bem a medida do sentido de humor dos da “Bila”. Passo a contá-la.

No mesmo Largo do Pelourinho, e na diagonal da barbearia do Arnaldo (anteriormente e como já disse, ocupada pelo “Caganas”), tinha porta aberta a “Relojoaria Nascimento”, de um pai de muitos filhos, alguns dos quais se estabeleceram no mesmo ramo de negócio. Um dia, o senhor Nascimento desenhou, em letra de imprensa a frase: “Nascimentize o Seu Relógio” e, depois, vá de colocar a folha numa das montras. Poucas horas mais tarde, toda a cidade se ria porque o “Caganas”, na porta envidraçada da sua barbearia, afixava, também, um papel, onde se podia ler: “Caganize o Seu Cabelo”...

22 - No prédio contíguo ao do senhor Manuel Serafim, situava-se, no primeiro andar, o consultório do Dr. Correia de Barros, um dos três dentistas da cidade, naquele tempo. Os outros dois eram o Dr. Júlio Viana, que, além de arrancar dentes e tratar cáries no Largo da Capela Nova, dava aulas de ginástica no Liceu, e o Dr. Bulas Cruz, com consultório na Rua 31 de Janeiro e que vinha a Vila Real uma ou duas vezes por semana, porque era médico de clínica geral em Alijó, além de dentista. Quanto ao Dr. Agarez Monteiro só viria anos depois, ao tempo ainda andava na Universidade. Hoje, porque saí da minha terra vai para 40 anos, só sei que o Dr. Correia de Barros e o Dr. Júlio Viana já lá estão, Deus os tenha

em descanso. Mas, segundo o “Fanfan”, actualmente, os dentistas, em Vila Real, são cerca de 40, quase tantos como as sapatarias... E antes que me passe: também havia um protésico dentário, o senhor Pinheiro, com “consultório” na Rua Miguel Bombarda e pai de dois rapazes da minha criação.

No andar de cima, não sei quem era o dono, recordo-me apenas de que vivia lá, como hóspede, uma estudante liceal, bonitinha, ainda que sobre o tosco, com quem catrapisquei, mais para treinar, verdade se diga, do que por o afecto ser por aí além... No tocante aos “baixos” (30), tenho ideia de, a certa altura – pelo menos em 1960 tenho a certeza! – estar lá o Eduardo “Dadá”, com uma papelaria e livraria, antes de ter passado para a loja que hoje ocupa.

23 – A casa a seguir, construída em 1881, também tinha dois andares, mas não sei quem os habitava. Ou melhor: lembro-me de que, no primeiro, viveu, durante muito tempo, acompanhada da família, uma rapariga que era considerada a pior aluna que alguma vez passou pelo Liceu de Vila Real. Corria na cidade que se matriculara pouco depois das Invasões Francesas e tinha mais “chumbos” do que anos de frequência. Tirante este caso, não me ocorre assim mais nenhum residente. A não ser no rés-do-chão (31), onde trabalhava e morava, com a mulher e sem filhos, o senhor Lima. Na cidade chamavam-lhe o “Nero”: pertencia à família dos “Valha-me Deus”, combatera pelos “rojos” na Guerra Civil de Espanha e era encadernador, ainda que, segundo o “Fanfan”, não fosse grande espingarda no mester que lhe servia de ganha-pão. E, já que falo na sua profissão, aí vão os outros que, nesse tempo havia em Vila Real. Não é que a relação aproveite a alguém, porque já devem ter morrido todos, mas, pelo menos, sempre fica o registo.

Havia o senhor Branco, de que já falei; havia este senhor Lima, de que falo agora; havia o senhor Silvino, que era chefe dos contínuos do Liceu e encadernava uns livritos para ganhar mais

uns tostões e havia, também, o senhor Morais, tio dos Miros que jogavam futebol no Vila Real. E, que eu saiba, não havia mais nenhum.

24 – A deslado, ficava um prédio muito velho, também de dois andares. No de cima, não me lembro quem morava; o primeiro era a casa do senhor Armindo, que fora empregado do “Café Excelsior” e, depois, se estabeleceu nos “baixos” da casa (32), com uma pequena loja de fazendas. Mais tarde, passou-a, melhorada, para o rés-do-chão da casa a seguir ao 13, no sentido Cabo da Vila-Capela Nova.

25 – E seguimos para a casa do senhor Sousa, que era um sapateiro com oficina nos “baixos”, onde, anos depois, viria a instalar-se o “stand” das máquinas de costura Husqvarna (33). O senhor Sousa vivia no primeiro andar, com a família, a mulher e uma filha – a Domitília ou Domitila, não estou bem certo, naquela altura não nos chegava a língua, ao meu Irmão e a mim, para sabermos o nome exacto, daí que lhe chamássemos a “Pilila”. Quanto ao andar de cima, estava por conta do Sargento Armindo e da mulher, a Senhora D. Julinha. Ele era um “lateiro” já reformado, que parava muito à porta da barbearia do Afonso de Lordelo, na Rua Central, e que sabia a vida de toda a cidade; ela, a Senhora D. Julinha, uma pessoa doente, raramente saía de casa. Sempre na costura, era prima de uma grande amiga da minha Mãe, a Senhora D. Marianinha, que vivia em Coimbra, era de cor e tia do Luís de Sousa, hoje médico em Guimarães e que, no seu tempo, foi um dos melhores basquetebolistas portugueses. Antes de sermos invadidos pelos americanos...

25 A – E, porque falei no senhor Sousa, de profissão sapateiro, aí vai outra história, de um seu colega de ofício, o Bessa, que morava na Rua dos Ferreiros, lá para baixo. Antes de a contar, no entanto, lembrarei que, todos os Carnavais, era costume os mais engraçados andarem pela cidade, divertindo toda a gente com alguma ideia patusca que lhes tivesse ocorrido e se adequasse à quadra. O pessoal ria-se e

os mais velhos, donos daquela sabedoria que a idade sempre confere, sentenciavam, com os demais a acenarem que sim: “Que bonito pensamento!...” (sic). Dizem-me que, um dia, pelo Entrudo, o sapateiro atravessou Vila Real, à frente de um macho, coberto por grossa manta, dessas que as mulheres faziam com trapos e farrapos velhos. “Quem quer o belo queijo da Serra?...”, isto era o Bessa a apregoar, em cada rua e travessa, chamando a atenção de quem estava de janela ou na soleira das portas, a ver quem passava. E se alguém lhe fazia um gesto com a mão, ele que mostrasse lá o que trazia para vender, logo o sapateiro folião destapava o animal e exibia um ganapo ainda pequeno, de rabo à mostra, virado para quem o mandara parar. “Que bonito pensamento!...”, logo comentavam os anciãos, as cabeças encanecidas a fazer que sim, que ideia mais engraçada a do diabo do homem... Mas vamos à prometida história.

Um dia, nos princípios da década de 30, a sorte grande saiu na cidade. Com o bilhete premiado dividido em fracções, muitos foram os da terra a quem a sorte bateu à porta, entre eles o senhor Dr. Madeira Pinto. O chumeco foi também um dos contemplados e, nunca ele tinha visto tanto dinheiro em toda a sua vida... Vai daí, não esteve com meias medidas: começou por comprar um pipo de vinho e resolveu fazer um arraial para toda a vizinhança, com música a tocar, lamparinas acesas, foguetório – uma coisa nunca vista! A mulher, porém, que, em lhe dando a sede, não ficava atrás do Bessa, disse logo que achava muito bem, mas, antes disso, queria estrear o pipo. E o homem: “Quem quisesse beber, pagava a 10 tostões o copo!...”. Ao tempo, 10 tostões era dinheiro, mas a sede era tamanha que a sócia foi ao bolso do avental e tirou de lá o preço exigido. E quando, saciado o vício, o sapateiro quis fazer o mesmo: “ Ora alto aí, marido! O que é para mim, para ti há-de ser, também... Só bebes se passares para cá duas c’roas!...” E agora bebe ele, agora bebe ela, levaram a tarde naquilo, até o pipo chegar ao fim... e sempre com a mesma moeda a

mudar do bolso de um para o bolso do outro...

Veio a noite da festa e foi uma pândega na Rua dos Ferreiros. Já no final, antes de a população recolher a penates, o sapateiro subiu a um banco e, proletário recém-convertido às delícias do capitalismo, discursou às massas. E era ouvi-lo, a voz entaramelada pelo muito vinho que já tinha no bandulho: “Fora co’s pobres! Vivó os ricos! Abaixo os malandros que trabalham!...”. No dia seguinte, passados os fumos da embriaguez, como diz o conhecido samba “Manhã de Carnaval”, lá voltou ele às meias-solas e aos tostões contados um a um, depois dos seus 15 minutos de glória...

26 – No 13 da Rua Direita, vivi, talvez, e à semelhança dos tempos do Liceu, os melhores anos da minha vida. Ainda que não possa definir com precisão, creio que a maior parte dos meus primeiros 7 anos a passei lá, com os meus Avós maternos, enquanto a minha Avó Olímpia foi viva. Depois, quando o meu Avô enviuvou, em 1939, comíamos ambos em casa dos meus Pais, no 109, e dormíamos os dois, na mesma cama, no 13. Isto até pouco antes de ele ter morrido, em 1946.

O 13 da Rua Direita é uma casa que não terá interesse, julgo eu, estar aqui a descrevê-la. Direi apenas, porque isso me dá uma “passagem” com graça para contar, que o primeiro lance de escadas, o que levava do corredor da porta de entrada (34), tinha, na parede, à direita de quem subia, uma arrecadação, onde o meu Pai guardava os vinhos, especialmente as muitas garrafas de vinho “fino” que uns produtores amigos lhe costumavam oferecer pelo Natal. A certa altura, e aqui começa a tal “passagem” com graça, o meu Irmão e eu começámos a reparar, aliás com agrado, que a nossa casa era muito visitada por outros meninos, tanto da Rua Direita como vindos de outras ruas. E o mais curioso era que, mal entravam a porta, duas coisas aconteciam imediatamente: a primeira era que ficavam todos sentados na escada, ao pé da tal arrecadação, e a segunda era que, logo a seguir, começavam todos, em coro, a pedir um copo de água. E como copos e água só havia na cozinha, dois andares mais acima, tínhamos, o meu Irmão e eu, de subir até lá, para

matar a sede aos assedegados. Um dia, ia eu a subir as escadas até à cozinha, quando, vá-se lá saber porquê, deu-me para espreitar pelas escadas abaixo. Estava um deles, cujo nome não digo, para não o envergonhar, apesar de já lá irem mais de 60 anos – estava um deles com uma garrafa de vinho “fino” nos beiços, tirada da arrecadação que servia de frisqueira, a escorropichar a botelha, enquanto os outros, ávidos, esperavam a sua vez... Continuámos todos amigos – em miúdos, as zangas e os arrufos não eram para durar... – mas a verdade é que nunca mais lá puseram os pés. Ou, se puseram, iam eles à cozinha beber água quando lhes desse a sede, não queriam mais nada!...

Os meus Pais, seguindo uma prática muito generalizada na cidade, em famílias da classe média, recebiam hóspedes, dos dois sexos. Na sua maioria eram do Liceu, alguns dos quais fizeram, lá em casa, os 7 anos do seu curso. As meninas comiam e dormiam; os rapazes, esses, quase que só tomavam as refeições, distribuindo-se por quartos alugados na vizinhança.

Além dos alunos, havia também pessoas já com o seu emprego e que, a uma pensão incaracterística e dispendiosa, preferiam o calor de um ambiente amigo, onde nada lhes faltava e eram tratados como se família fossem. Dos primeiros, os estudantes, estou-me a recordar – isto para falar dos mais conhecidos – do Dr. Torcato Portugal de Magalhães, que lá fez parte do Liceu, regressou já formado em Direito e seria, mais tarde, Governador Civil de Vila Real; o Dr. António Passos Coelho e a sua irmã, Eng^a. Maria do Carmo, ela a viver em Lisboa, ele médico e presidente da Assembleia Municipal de Vila Real; o Dr. Nuno Teixeira Neves, de Bragança, mais tarde, redactor do “Jornal de Notícias” e a quem, antes de as lermos, ouvimos, pela primeira vez, o meu Irmão e eu, as histórias do Júlio Verne... E tantos, tantos outros...

Quanto aos segundos, há dois que recordo melhor e seja-me permitido um pequeno parêntese com eles relacionado. No período a que este texto respeita, em Vila Real havia apenas três Instituições de Crédito: o Banco de Portugal, situado no Cabo da Vila; o Banco Nacional Ultramarino, que ficava na Rua Central, onde ainda se mantém, e a Cai-

xa Geral de Depósitos, que, começando por funcionar junto ao quartel dos Bombeiros de cima, nas traseiras da Igreja de São Pedro, acabaria por vir a ter um edifício próprio, construído de raiz, no cimo da Avenida. Situa-se em frente aos Correios e ocupou um correr de casas que incluíam, entre outras, o estabelecimento de fazendas do senhor Parente, pai do Joaquim “Carrasco”, hoje médico, e o talho de um dos irmãos do senhor António Camilo Fernandes, cuja família era quase toda formada por marchantes.

26 A – O meu Pai, como já escrevi mais atrás, era funcionário do Banco de Portugal e, curiosamente, dois dos hóspedes não-estudantes que passaram lá por casa, ambos ao mesmo tempo, trabalhavam no Banco Nacional Ultramarino e na Caixa Geral de Depósitos.

Antes de a eles me referir, e com vista a tornar este texto o mais informativo possível, falemos sobre o edifício do Banco de Portugal que foi construído nos finais da década de 20. Até aí, os serviços funcionavam na Rua Alexandre Herculano, na casa que depois foi, no primeiro andar, do Capitão Trancoso e, no rés-do-chão, do senhor António e da Senhora D. Berta Soares, que hospedaram o meu Pai até ele casar. E, agora, os funcionários do Banco.

Começando pelos Agentes, que eram, em cada Agência, os principais responsáveis, vem-me à memória o senhor Dr. João Avelino, – sogro do senhor Dr. Pedro Serra, – que, em 25 de Janeiro de 1936 (informação dada pelo meu Amigo Lima Teixeira), saiu do Banco para ser operado à próstata, em Coimbra. Regressou, meses mais tarde, e no Banco se manteve até ao Natal de 1945, altura em que morreu, com 77 anos. Outros Agentes, estes de 1940 a 1950: o senhor João Candeias; o senhor Baptista Pinto, já aqui mencionado; o senhor Francisco Sampaio e o senhor Ruas Gomes. Gostaria de, no tocante aos Chefes de Escritório, ser, para o mesmo período de 1940 a 1950, tão preciso como para os Agentes. Só que o meu Amigo Lima Teixeira caiu na asneira de empres-

tar esses elementos e não lhos devolveram, para grande desconsolo seu... e meu. Daí que, com certeza absoluta, só me recorde de um desse tempo, o senhor Simões. Muito mais tarde, já nos anos 50 e 60, conheci os senhores Edgar, Montanha Pinto... e disse. Os restantes empregados, e vou pelos mais velhos, incluíam o senhor Alfredo Pires; o senhor Coelho; o senhor César Pinto; o senhor Júlio Galvão; o senhor Euclides Portugal; o senhor Sebastião Nóbrega e, depois, já mais próximos de mim, na idade, o Amílcar Pires; o Luís Maximiano; o Júlio Aranha; o Lima Teixeira; o Jujuba Baptista Pinto; o José Tildes Gomes; o Paulo Melo – que chegaram todos a Agentes, fora de Vila Real –, o António Varejão; o António Vieira “Mocho”; o Fernando Meneses... e tenho muita pena, mas não me ocorre mais nenhum. A não ser os que lá trabalharam como contínuos, sendo o primeiro o senhor Alfredo Bragança, que tinha uma tabacaria na Rua António de Azevedo, e também o senhor Leão e, a terminar, o senhor Alberto Santos, que é o último de que me lembro.

26 B – O hóspede dos meus Pais que trabalhava no Banco Nacional Ultramarino – e, a princípio, fez-me uma certa espécie, miúdo que eu era, o meu Pai aceitar em sua casa um senhor de outro banco... – chamava-se Joaquim Mascarenhas Lucas, viera da Guarda e esteve connosco até se casar, com uma irmã do senhor Alcídio Agarez, chefe da Secretaria do Liceu. E já que recordei aqui os funcionários do Banco de Portugal, o mesmo farei no tocante aos do Ultramarino.

O gerente era o senhor Faro, um senhor alto, de óculos e ar muito solene, que, quando não estava no Banco, podia ser encontrado no Hotel Tocaio, à conversa com o Dr. Feliciano. Quanto aos funcionários, além do já referido senhor Mascarenhas, havia, assim que me lembre, o senhor Hernâni, irmão do senhor Rodrigo Botelho de Araújo e pai do Chico Abel; o senhor Aquilino, cunhado do Cianinho e do Eng^o. Malheiro, e o Ruy Rocha e Castro, que

morava na Rua Central, em casa do irmão António, quase em frente ao banco onde trabalhava. O António, de quem hei-de falar daqui a algumas linhas, tinha dois filhos, o Álvaro e o João – que fizeram uma brilhante carreira no Ultramarino – e duas meninas. O Ruy, esse, era solteiro e muito devoto do deus Baco. Sem que tal paixão se reflectisse no seu trabalho, todos os dias, mal saía do banco, ia direitinho para o Barracão, uma das 100 tabernas que, ao tempo, havia em Vila Real, e que ficava no Pioledo, perto do antigo Teatro Circo. Corria na cidade que o Ruy, assim que chegavam as suas férias anuais, fazia as malas, despedia-se do irmão e da cunhada e ia passar um mês... ao Barracão, onde tinha cama, mesa, roupa lavada e pipa aberta.

O Ruy Rocha e Castro, apesar do seu gosto pelo vinho, tinha grande sensibilidade artística e muito sentido de humor. A primeira pode ser atestada por uns cadernos para onde copiava poemas dos melhores autores, que emprestava ao meu Pai. Muitas vezes vi esses cadernos em nossa casa. A propósito do seu sentido de humor, aí vai uma história que me foi contada por um dos protagonistas.

Nos finais da década de 40, um grupo de estudantes do Liceu passeava, depois do jantar, pela Rua Direita. Fazia Inverno, os passantes eram poucos e os liceais avançavam, a caminho do Cabo da Vila, formando cordão, de um lado ao outro da rua. Quando iam em frente à Farmácia Baptista, vêem vir o Ruy Rocha e Castro, a cambalear, talvez saído do Agostinho, que ficava um pouco mais adiante. O que se passou a seguir pode ser equiparado àquela anedota do senhor que, no Porto, vai por um passeio e lhe aparece uma mulher do povo. Educado, desce, para lhe dar passagem, e ela faz o mesmo. O senhor volta a subir, ela idem aspas e, durante algum tempo, estão naquele sobe-e-desce, sem que nenhum consiga avançar. Até que, já farta, a mulher levanta um braço, como quem esconjura um mafarrico, e explode, na típi-

ca pronúncia do “Puârto”.

– Porra pró tângo e pró tânguista!...

Com os liceais e com o Ruy Rocha e Castro sucedeu exactamente o mesmo: eles afastavam-se para um lado para o deixarem seguir e o Ruy também. Eles mudavam-se para o lado oposto e o Ruy também. Estiveram nisto por algum tempo, até que o bancário, apontando-lhes um dedo cominatório e vago, tartamudeou:

– Aqui há gato, meninos, aqui há gato!...

Riam-se os rapazes, ó senhor Ruy, que era lá isso, não julgasse ele que lhe estavam a faltar ao respeito... Foi aí que o Ruy Rocha e Castro, metendo a mão no sobretudo que o protegia do frio, sacou lá de dentro um gatinho e, atirando com ele aos estudantes:

– Eu não vos dizia que aqui havia gato?...

E, trôpego, afastou-se aos baldões, rumo à Rua Central, a cozer a bebedeira em casa do irmão.

Ainda a tempo: o Ruy e o António eram irmãos do poeta Afonso de Castro, da geração de José Gomes Ferreira, Afonso Duarte e Carlos Queiroz, e pai do cartunista Vasco, primeira figura do jornal “Público”.

26 C – O outro hóspede, o da Caixa Geral de Depósitos, era o senhor Manuel da Costa Fanfarra, conterrâneo do meu Pai e poucos anos mais novo do que ele. Quando veio para Vila Real, para a agência da Caixa, era solteiro e estava prestes a fazer 40 anos. Como, porém, nós costumamos dizer cá na “Bila”, o senhor Costa bebeu água do Jardim da Carreira e ficou preso à terra. Ou seja: reparou numa senhora, ela também solteira, de uma excelente família, a do Dr. Francisco Seixas Martins, e pediu-lhe namoro. Casaram, foram muito felizes e tiveram um filho que é um dos homens de que Vila Real se orgulha: o Embaixador Francisco Seixas da Costa (35), actualmente representante de Portugal na O.S.C.E., em Viena.

E voltando à Caixa Geral de Depósitos: tanto quanto me recordo, no tempo em que o senhor Manuel Costa (ninguém lhe chamava Fanfarra, embora o nome viesse na lista telefónica) lá esteve pela primeira vez – por isso que andou por outras terras e veio acabar a sua carreira em Vila Real, no novo e actual edifício –, os funcionários eram, entre outros, o senhor António Rocha e Castro; o senhor Rodrigo Botelho de Araújo; o senhor Pimenta, graduado da Legião Portuguesa e cunhado do professor senhor Manuel Grilo; o senhor Penhor e não sei se, também já, o Alfredo Baptista, rapaz pouco mais velho do que eu. O Alfredo, porém, se não estava lá nessa altura, viria a estar anos mais tarde; ele e o Manuel Martins dos Santos, o “Gigante de Escariz”, que foi meu colega no Liceu.

E vejam lá como as coisas são: estava a falar do 13 da Rua Direita e acabei por ir parar a Viena e a Escariz... Continuando...

27 – A seguir ao 13, há uma casa velha, também de dois pisos. Nos “baixos”, tenho ideia, como já disse, de ser uma loja de fazendas do senhor Armindo, o tal que fora empregado de mesa no “Café Excelsior” (36). No primeiro andar funcionava uma alfaiataria e, no andar de cima, isto nos fins dos anos 50, morava um pedreiro, pai de uma rapariga que entrava nos teatros que eu fazia para a União Artística. Mais tarde, instalou-se lá a delegação local de “O Comércio do Porto”, dirigida pelo jornalista Alexandre Parafita; não sei se ainda lá continua ou se, agora, vive lá outra gente.

28 – Falei-lhes, mais atrás, no sargento Armindo, nosso vizinho do lado, que conhecia a vida de toda a cidade. É verdade que sim, mas a Rosinha “Pichorra”, uma relojoeira que morava na casa logo pegada à delegação de “O Comércio do Porto”, pedia-lhe meças e talvez, até, lhe levasse a palma! Vivia sozinha com a mãe – uma velha baixinha que, de Verão ou de Inverno, andava sempre de xaile e roupa preta – e, mais

tarde, veio juntar-se-lhes um irmão da Rosinha, também relojoeiro, que trabalhara no Porto (37). A loja da “Pichorra” era o centro da “má-língua” local e quem quisesse saber se Fulano tinha uma “amiga” ou se Sicrano devia dinheiro a Beltrano e quanto, era só ir lá e a Rosinha contava. E, quando não sabia, inventava, que criatividade era coisa que nela não faltava! Faltava-lhe era homem, muito embora corresse na cidade que a Rosinha rasgava uns lençóis com um empregado da “Casa Alves & Irmão”, que ficava mesmo em frente.

29 – E, antes de chegarmos à Igreja dos Clérigos – datada do séc. XVII, mais conhecida por Capela Nova e atribuída a Nicolau Nasoni – encontramos a terminar os números ímpares da Rua Direita, a casa do Libório (38), um casal que tinha uma pequena papelaria e três filhos: dois rapazes e uma rapariga. Um dos rapazes, o Gentil, e a rapariga, a Fernanda, já morreram. Quanto ao outro rapaz, o Alcídio, que era o mais velho, tomou conta do negócio dos pais, mas nunca lhe deu grande atenção, abalado pela morte da mulher, a quem fazia versos que, em abono da verdade, mais valia que tivessem ficado no tinteiro... No que ele era bom era na recolha de alcunhas de Vila Real, tendo realizado um excelente trabalho, que, como atrás escrevi, publicou durante uma série de semanas, no jornal “A Voz de Trás-os-Montes”. No entanto, e por mor da verdade, quero dizer aqui que o meu Irmão fez um trabalho semelhante, mas melhor, porque incluía as alcunhas arroladas pelo Alcídio Libório e muitas mais.

E com isto terminamos o lado direito da Rua Direita. Altura, portanto, de, nos nossos vagares, voltarmos para trás, até ao Cabo da Vila, para começarmos as casas com os números pares. A pé, talvez, o que acham? Então, e enquanto caminhamos, que tal falar um pouco sobre a Capela Nova e sobre algumas figuras de Vila Real que, de outra forma, não teria ensejo de referir?

29 A – O facto de a Capela Nova ser, das igrejas que existiam em Vila Real à época sobre que escrevo, a primeira a que hei-de referir-me

com mais pormenor, servirá para evocar uma tradição que, na cidade, costumava acontecer na Semana Santa. Nessa altura, os católicos da terra, além de outras cerimónias próprias da quadra, visitavam 7 igrejas ou locais de culto, o que, de certo modo, era mais uma espécie de desobriga pelos pecados cometidos ao longo do ano. Actualmente, e com a criação da freguesia da Senhora da Conceição e respectiva Igreja, situada para lá do Calvário e antes de atingir o Arcabuzado – leia-se Cadeia Nova, Cemitério Novo e Quartel Novo –, actualmente, a manter-se tal tradição, os que a praticam já têm, se a expressão é permitida, por onde escolher. Há meio século, no entanto, a opção era, como se costuma dizer, resvés Campo de Ourique.

Isso porque eram estas as Igrejas ou Capelas que tinham porta aberta e que alinharei, começando pela mais setentrional: a do Senhor do Calvário, pertinho do Campo de Futebol; uns metros mais abaixo, e paralela ao Colégio de São José, a Igreja do Carmo; a deslado, e de costas para o quartel dos Bombeiros de cima, a Igreja de São Pedro, sede de freguesia. Depois, descendo a Rua 31 de Janeiro, chega-se à Rua Central, dominada pela Capela Nova, a que me serve de pretexto para recordar a tradição pascal. Adiante, encontramos a Igreja da Misericórdia, não muito longe da Sé, esta a meio da Avenida Carvalho Araújo e ela também, à semelhança da Igreja de São Pedro, sede de freguesia, na circunstância a de São Dinis. Finalmente, e no lado esquerdo do Governo Civil, fica a Igreja do Hospital, última a visitar por quantos tivessem começado a peregrinação pela Igreja do Senhor do Calvário, ou a primeira para os que por ali a iniciassem; dizem-me que era a que estava sempre mais bonita e bem arranjada. Poder-se-á dizer que havia mais um templo, caso da capela do Cemitério Velho; no entanto, como as visitas às igrejas eram, as mais das vezes, ao fim do dia, quem é que estava disposto a lá ir, àquela hora da noite, sem luz, quantas vezes com mau tempo, mesmo que em grupo? Para além, claro, de o velho João, o

“Joãozinho do Ó”, que era o coveiro e que morava num casinhoto onde era visitado (talvez não tantas vezes como gostaria...) por magalas de Infancia 13 – para além de o velho João, dizia, estar ou não disposto a abrir os portões do Campo Santo. A tradição que acabo de descrever não sei se existia noutros pontos do País; fui encontrá-la, no entanto, em La Valeta, na Ilha de Malta, durante uma Páscoa que lá passei, só que, nesse país do Mediterrâneo, as igrejas são mais do que muitas e não falta por onde optar.

29 B – A esquina da Capela Nova, a que dava para a Rua Direita, era muito frequentada, nas noites de Verão, por aqueles que, na cidade, gostavam de recolher mais tarde a vale de lençóis. Por ali se quedavam, de umas vezes à conversa sem tom nem som, doutras a ouvir o professor Chico Botelho, no primeiro andar da sua casa, a meio da Rua Central, a dedilhar a guitarra, companheira de muitos anos.

A propósito do professor Chico Botelho: Chicos era gente que não faltava em Vila Real. Ora leiam:

Além dele, havia o Chico Freixo; o Chico Barrias, um solteirão com muita graça; o Chico Rocha ou “das Barbas”, outro celibatário que se fartou de fazer estragos nalguns casamentos das redondezas; o Chico Teixeira, felizmente ainda vivo; o Chico Areias, contínuo e jogador do Vila Real, de quem já falei e o Chico “Americano”, que tinha uma loja de artigos eléctricos, em frente à “Pastelaria Gomes” (Velha). A seguir, em termos de idade, vinha o Chico Correia, filho do senhor Dr. Correia, professor do Liceu e ele também Francisco. A terminar, e bastante mais novos – naquele tempo, entenda-se, porque hoje já são avós – o Chico Couto, general reformado e o Chico “Pança”, tenente-coronel da Brigada de Trânsito e que, se calhar, também já está a gozar um bem merecido descanso. E ainda, isto é o “Fanfan” a segredarme, o Chico Abel, de que falei mais atrás e o Chico Seixas da Costa. Por uma questão de registo, apenas por isso, já que o ho-

mem – passe a expressão – nada tem a ver com os acima citados, falta falar do Chico “Cereja”, que ganhava uns tostões com umas “passaijes” pelas mais diversas “partes”, entre elas essas que estão a pensar... E não me ocorre mais nenhum Chico.

E, ainda a propósito do senhor professor Francisco Botelho, aqui vai uma história que um seu grande amigo me contou e foi confirmada por um seu familiar.

Ele e a mulher – a Senhora D. Danila, falecida poucos dias antes de estas linhas terem sido escritas – davam aulas numa escola nas vizinhanças de Vila Real. Ou melhor: quem leccionava era a Senhora D. Danila, porque o senhor Botelho, entretido a agenciar seguros, a dedilhar a guitarra e a correr tudo quanto fossem torneios de tiro aos pratos e aos pombos – o senhor Botelho raramente punha os pés na escola. Antes disso, porém, tinham sido ambos professores em São Tomé de Negrelos, perto de Santo Tirso, onde o professor Botelho apanhou alguns processos disciplinares, por questões políticas. (Questões deste género: de Lisboa, perguntaram-lhe por que razão não obrigava os alunos a trazer, na lapela, o emblema da Mocidade Portuguesa. Resposta: porque eram muito pobrezinhos e nem casaco tinham...) Daí os processos disciplinares com que o senhor Botelho se ralava muito, não haja dúvida... Tanto assim que, quando alguém lhe falava nisso, à porta da sapataria do Julinho Mesquita, onde costumava encostar-se à coca de quem passava, era ouvi-lo, a casquinar, sarcástico: “Pois... Mas também apareça o primeiro filho da puta que se possa gabar de que eu o ensinei a ler...”

29 C – A esquina da Capela Nova tinha outra cliente certa, só que essa era durante o dia, a menos que chovesse. Falo da Olinda “Maluca”, uma pobre mulher que, na década de 40, teria os seus 60 anos. Como a alcunha indica, não regulava muito bem da cabeça e passava o tempo

com duas agulhas e um novelo de linha, tricota que tricota, calada e sem falar com ninguém. Mas aí de quem, ao passar por ali, lhe largasse uma chufa! Daquela boca desdentada saía um tal chorrilho de palavrões que, se alguma senhora estivesse de janela, melhor seria recolher-se para lá dos cortinados e deixar passar o acesso...

E, por falar em malucos, era raça que, em Vila Real, não escasseava. Malucos, atrasados mentais e bêbedos. Começando pelos primeiros, o mais conhecido, isto desde que eu me lembro, talvez fosse o Zé de Abaças, primo, ao que se dizia, do Dr. Madeira Pinto, médico lá de nossa casa. Coberto de andrajos, comia o que lhe davam, dormia onde calhava, sempre agarrado a um bordão, sem se meter com ninguém e falando sozinho. Frequentador assíduo de tudo quanto era arraial e romaria, vinha de lá recamado de rosários, santinhos e medalhinhas. Se alguém lhe entregava uma moeda, corria a cidade toda, alvar, a gritar o recado que lhe tinham pago para dizer: que “fulana enganava o ‘home’ dela”, que “o Lopes tinha roubado o patrão” e descréditos semelhantes. Nos intervalos, era ouvi-lo, num monocórdico “Iribou, iribou de viaije”, proclamação que talvez lhe tivesse valido outro dos nomes que tinha, o de “Zé de Viagem”. A sua pacatez e alheamento, todavia, desapareciam num ápice quando, a coberto de uma esquina canalha, alguém lhe gritava: “Ó manhoso!” Ó c’um raio!... Era ver, então, o Zé de Viagem, possesso e desaustinado, a zungar o cajado rua adiante, indiferente, na sua razão perdida, a cabeças rachadas, montras partidas ou automóveis amolachados... Um dia, quando ia de uma aldeia para outra, indiferente a horários e circulações, meteu por um túnel, para abreviar caminho, veio um comboio e matou-o.

Outro maluco, que, no entanto, nunca cheguei a ver enquanto ele foi vivo, chamava-se Sarau. Havia, numa das montras da “Foto Marius”, na Rua Central, uma fotografia dele, que, durante muitos anos, me ficou na memória. Cabelo despenteado, barba hirsuta e apanhado de perfil, não sei se era do tom acastanhado da fotografia ou da paz e serenidade que se desprendiam do seu rosto tranquilo, mas, Deus me perdoe, dava quase a impressão de que Jesus Cristo descera à Terra e o “Marius”

consequira apanhá-lo num instantâneo...

29 D – Lugar agora para os atrasados mentais, aqui representados pelo Zé Chól e pelo Nené. O primeiro era filho de um comerciante da Rua António de Azevedo e passava o tempo em velórios e enterros. Sempre que alguém ia desta para melhor, o Zé era o primeiro a aparecer no Rebelo dos Caixões, a avisar do falecimento, eles que não demorassem que o corpo já estava a arrefecer. O outro, o Nené, era aprendiz de alfaiate e nunca crescera, tirante no corpo. Levava a vida sem pôr os pés na loja do patrão, ausências que este agradecia a todos os santinhos, porque oficiais daqueles, quanto mais longe melhor... Dele vou contar uma história, posso?

Na parte de baixo da Avenida Carvalho Araújo, junto à Câmara paravam os autocarros de turismo – à época chamávamos-lhes camionetas – que, mormente no Verão, demandavam Vila Real, carregadas de excursionistas. Encostavam ao passeio, em frente à União Artística, e começavam a sair os viandantes, afogueados uns, pela calorça que fazia, amarelos outros, porque as incontáveis voltinhas do Marão acabado de atravessar lhes haviam revolteado o estômago e quase que chamado as couves à boca. O autocarro parava e logo desciam os peregrinos habituais: um coxo, uma mulher grávida, um homem com um barrete da ilha da Madeira, um terceiro com um bombo e outras figuras congéneres que se me deliram na memória. Iam-se alinhando passeio adiante, à espera de estarem todos e o organizador, pessoa muito traquejada nessas andanças, lhes dizer onde era a pensão em que iriam comer uma sopa e ferrar o galho até às 6 horas do dia seguinte, altura de sair dos lençóis e abalar para mais outra catorzada de quilómetros.

À chegada das camionetas, nunca faltava por ali um ou outro desocupado, a fazer horas para ir jantar ou a ver quem passava. Numa dessas tardes, um dos ociosos era o Nené que, muito embora já estivesse farto de ver partir e chegar excursionistas, persistia na presença, à falta de melhor entretém. O autocarro

parou, a lotação começou a esvaziar-se para o passeio e, do outro lado do veículo, dando para a Avenida, ficou apenas uma mulherzinha, com o cabelo colado à testa pelo suor, a face mortíça e com a janela ao seu lado toda juncada de restos de comida mastigada e recusada pelo estômago atormentado pelas incontáveis curvas da serra acabada de cruzar.

O Nené, ao vê-la, e por pouco afeito a gestos carinhosos e vicentinos, estendeu-lhe um dedo escarninho e ficou-se a fazer pouco dela e da sua figura descomposta. A princípio, a desinfeliz, tão mortificada pelo enjoo, quase o não viu, mas, à sua continuada zombaria, conseguiu reunir numa só direcção os dois olhos momentaneamente desencontrados e, fixando-os no atrasado mental, deteve-se por um instante, o rosto a comiserar-se, aos poucos, pelo que estava para acontecer e de que o Nené, na sua parouvela congénita, não fazia a mínima ideia. No momento seguinte, a mulher teve um arranco do mais profundo das suas entranhas e, indo buscar recursos aparentemente esgotados, inundou o desprevenido Nené com um vômito tão repugnante que o rapaz foi para casa a escorrer grelos e nabos mal digeridos, com as pessoas a fugirem dele, tamanho era o nojo que metia a quem o visse e cheirasse...

29 E – Falados que estão alguns dos malucos e dos atrasados mentais de Vila Real – dos oficiais, entenda-se... – resta-me tratar dos bêbedos, nos quais não incluo o Ruy Rocha e Castro. Isso porque só quero referir os que andavam aos caídos, fosse por mor do vinho, fosse porque, passe o aparente paradoxo, não tinham onde cair mortos.

À cabeça creio que posso pôr a Aninhas Doceira e o Zé Lambão, companheiros de enxerga e de carraspanas. Dos dois, o único que angariava uns tostões ainda era o Zé Lambão, a engraxar sapatos e botas, nos intervalos das monumentais bebedeiras que, ao casal, o retiravam de circulação, às vezes durante uns dias. A Aninhas Doceira, essa, o rosto cheio de rugas e avermelhado pelas veias rebentadas, a Aninhas agenciava umas quantas moedas junto de quem lhe aparecia pela frente e,

por vezes, ia na cantiga lamurienta e entaramelada. E então a minha Mãe – que, ao parecer, andara com ela na mesma escola primária – que o dissesse...

– Ai D. Amelinha, D. Amelinha... – Isto era a “madame” Zé Lambão a chegar-se, melíflua, à autora dos meus dias. – Tão colegas que nós fomos e hoje, actualmente, passa por mim e não me conhece...

Depois, baixando a voz, não fosse alguém ouvi-la:

– A D. Amelinha por acaso não tem aí cinco c’roas que me possa emprestar para uma necessidade?...

O outro beberão que irei trazer aqui, aparece nas minhas Memórias em verso, de que já apareceram algumas sextilhas. Estas que vão seguir-se são, uma outra vez, dirigidas ao meu Irmão e rezam assim:

*Na rua a tropeçar, trocando as pernas,
Sequioso, buscava umas tabernas
Onde vendessem o elixir da vinha.
Aposto, Irmão, não sabes de quem falo,
Mas, se pensares um pouco, hás-de encontrá-lo
Ao aqui recordado, ao Andorinha...*

*Toda a cidade à sua custa riu,
Até no dia negro em que caiu,
Em pleno Corgo, da Ponte de Ferro...
Não morreu desse tombo, mas, coitado,
Veio a morrer na queda de um telhado,
Sem ninguém atrás dele no enterro...*

*À pressa aqui desenho o seu perfil
De amante da botelha e do barril
Que mesmo ao próprio Baco leva a palma...
E um desejo formulo: Que oxalá
No etéreo lugar onde hoje está
Mil pipas haja... Paz à sua alma!*

29 F - E aí vai mais outro, um que nascera Rodolfo, mas era o “Redófe”, que assim ele respondia, de boca ao lado, quando alguém perdia tempo a perguntar-lhe a graça. Doutras vezes, ironizando-lhe o lábio descaído por uma paralisia antiga, era o “Bico de Rola”, como nós lhe atirávamos, protegidos pelo anonimato de um vão de porta, quando ele passava, rua adiante, a tresandar a vinho:

– “Bico de Rola”!... Tu-te-rú...

E era vê-lo, cambaleante, o corpo magro em convulsões de equilíbrio, procurando localizar o pregão acanalhado. O braço trôpego gesticulando sem nexos, saíam-lhe da boca os piores palavrões, até que um ataque de tosse lhe vinha interromper a arenga ofendida, para o deixar, mais curvado que o costume, sufocado e vencido.

– “Bico de Rola”!... Tu-te-rú...

O “Redófe” era cego de um olho. Melhor: do que fora um olho. Na cara escalavrada pela fome, logo por baixo da pala do boné, nascia-lhe um abcesso branco gelatinoso, sublinhado por uma pálpebra repugnante e obscena. Cegara-o num acidente que, noutra qualquer, seria causa de pena ou comisseração. No “Redófe”, porém, era motivo de gargalhada, quando ele o descrevia, com um sorriso alvar, a troco de um copo de vinho.

Muitos anos atrás, passara pela terra, então ainda vila, uma velha barraca de feira. Quatro paus espetados no chão e meia dúzia de panos definiam-lhe as paredes, de mistura com uma tábua, a servir de balcão, para os fregueses se encostarem. Ao fundo, uma serapilheira, por trás da qual se passeava um homem, alugado entre a escumalha da terra, com uma cartola na cabeça. De fora, cá da rua, o público atirava com bolas de trapo-farrapo, a tostão cada uma, procurando derrubar o chapéu alto, na mira da laranjada do prémio...

“Redófe” aceitou o lugar, sôfrego de uns cobres ocasionais, para derreter na taberna do costume. E, de penante no toutiço, calcorreava o pobre, de sol a sol, quilómetros atrás de quilómetros, protegido no físico e no pudor pelos panejamentos, mostrando apenas o cetim desfiado do chapéu.

Até que um dia, a cabeça já a doer-lhe das boladas certeiras, com as cruces a protestarem pelas vezes que se curvara para apanhar o ganha-pão accidental, “Redófe” teve a tentação de espreitar, por um rasgão, a assistência entusiasmada. Fechou um olho, dobrou-se para a frente, encostou a cara ao buraco e foi nesse preciso momento que a bola azarenta veio de lá, direita como um tiro, a roubar-lhe, para sempre, a vista de um dos olhos...

E um parêntese sobre ele, antes de, mais em baixo, contar uma sua história, que ouvi do António Serra, Deus o tenha em descanso. Anos antes, fora o “Redófe” às sortes e ficara livre do serviço militar. Só que os dispensados da tropa, para compensar o não irem para quartéis, tinham de pagar, durante 20 ou 25 anos, a taxa militar. Tinham de pagar, é como o outro: os que podiam, o que não era o caso do pobre do “Redófe”. Que, por esse não-pagamento, todos os anos passava um mês na cadeia, então ainda nas redondezas da Capela da Misericórdia e onde, se não tinha vinho, pelo menos não lhe faltava o comer...

Vivia de carregar malas, o “Redófe”. Às tardes, na estação do caminho-de-ferro, esperava, encolhido, pelo comboio das duas, o que trazia os jornais do Porto, a ver se abichava a bagagem de algum passageiro, sem família a aguardá-lo. Depois, terminado o frete, recolhia ao poiso habitual, uma taberna imunda, onde ia estoirar em vinho tudo o que ganhara, enquanto fazia horas pelo comboio das seis, com os jornais e os passageiros de Lisboa.

Uma tarde, além do “Redófe”, a cabecear de sono, na taberna havia apenas dois fregueses, dois irmãos, negociantes de gado das redondezas. Tinham vindo quase logo a seguir ao almoço e por ali se atardaram, copo atrás de copo, litro após litro, em conversa sem tom, de bêbedos.

Pelas cinco e meia, a um dos irmãos deu-lhe para embirrar com a sujidade da camisa do outro, e disse-lho, com a voz entaramelada. O segundo levou a coisa a mal e respondeu que, mesmo assim, a trazia mais limpa do que a reputação conjugal do

crítico. Foi a vez de este se abespinhar à insinuação e, levantando de lá a mãozorra embriagada, ferrou valente taponia no irmão. Sai o taberneiro de trás do balcão, menos para os separar do que para evitar os prejuízos na locanda. Nada conseguindo, porém, que eles matavam-se, desatentos a braços ou palavras, sedentos de vingança. Quando a Polícia chegou, recorrendo ao argumento da bastonada decisiva, levou os dois para a esquadra e assentou o nome do “Redófe” que, no seu banco, tolhido de pavor, assistira, como única testemunha, à cena sangrenta.

No dia seguinte, dissipados os vapores do álcool, souberam os desordeiros que o fim da contenda se havia de dirimir em tribunal. Foram-se os dois, já novamente amigos, a um advogado e receberam conselho de que, não havendo testemunhas, o caso morreria à nascença.

– Mas é que há... – murmuraram, suspirosos e unânimes, os irmãos. – Há o “Redófe”...

– Qual “Redófe”?... O do olho?...

– Esse todo, senhor doutor advogado... Estava lá, para um canto, e vira tudo...

Preocupado, coçou o jurista a cabeça grisalha. Diabo!... Com testemunhas, o juiz não perdoava, de certeza que não... Mas estavam eles certos de que o “Redófe” tinha visto?...

– Tão certos como estarmos aqui os três todos, senhor doutor advogado...

– Bom... Em sendo assim... Deixem-me cá ver...

Minutos depois, estava encontrada a solução. Abraçaram-se os inimigos da véspera, agradeceram ao advogado e foram, felizes da vida, falar com o “Redófe”, à taberna onde ele parava.

– Ó senhor Rodolfo... O senhor podia chegar aqui, por favor...

– Que é?... – Fez ele, de pé atrás, estranhando o tratamento e o nome exacto.

– Era só uma palavrinha... A gente não o demora...

Sentaram-se à mesa, encheram-lhe o bandulho de vinho e taliscas de presunto e, depois, com ele a pensar que, por muito mal que lhe viesse a acontecer, já ninguém lhe tirava o que comera e bebera, depois, com falinhas mansas, sugeriram que, talvez, no dia anterior, o senhor Rodolfo não tivesse dado por nada, ali na taberna...

– Não dei por nada?!... Homes'essa!... Tudo!... Vi tudo!... Com estes dois que a terra há-de comer!... – arrenegava-se o “Redófe”, certo do que vira e dizia, esquecendo apenas o pequeno pormenor dos dois que a terra comeria...

Claro que sim, senhor Rodolfo, claro que sim, atalharam os outros, a encherem-lhe o copo de vinho. Por isso ali estavam, na bela pândega, para lhe pedirem um favorzinho, coisa de nada, o senhor Rodolfo não levava a mal...

– Que é?... – assustou-se o zarolho, receoso pela novidade de lhe pedirem favores.

Entreolharam-se os irmãos, cada um a ceder ao outro a primazia, no medo de, numa palavra inadvertida, deitarem tudo a perder. Até que o mais velho, ganhando coragem, se atreveu a sugerir que, se o senhor Rodolfo, no tribunal, se esquecesse do que vira...

– Que tem?... – perguntou o “Redófe”, alheio ao sentido da sugestão, o olho a arregalar-se-lhe à nota de vinte escudos que o outro passava de mão para mão.

– Bem... O senhor Rodolfo, para já, fica com isto e, depois, no tribunal, se disser que não se lembra de nada, a gente dá-lhe outra, igual a esta...

Chegou o dia do julgamento.

– Chame a testemunha!... – ordenou o juiz.

O meirinho saiu da sala e foi pelo “Redófe”. Este dormitava, encostado, de pé, a uma parede.

– “Redófe”!...

O outro não respondeu e ele abanou-o, ao de leve:

– Ó “Bico de Rola”!... O senhor doutor juiz está a chamar por ti!...

Susteve, o pobre, a asneira que já lhe acorria ao lábio desabado e, arrastando os pés, seguiu o funcionário.

– *Você é que é a testemunha?... – perguntou o magistrado.*

O “Redófe”, aparvalhado, não respondia.

– *Está a ouvir o que eu lhe pergunto?...*

– *Eu ?!!!...*

– *Você, pois... Como é o seu nome?...*

– *Não me lembro, senhor doutor juiz...*

Soergueu-se este, na cadeira, à surpresa da resposta. E depois:

– *Não se lembra ?!... Não se lembra do seu nome?!!!...*

– *Não me lembro, senhor doutor juiz... Juro que não me lembro de nada!...*

E não houve quem lhe arrancasse mais palavra!

29 G - Terminarei os borrachões com os “Manelicos”. Eram dois irmãos, que viviam na Vila Velha, vestiam exoticamente e andavam sempre podres de bêbedos. Ai, porém, de quem se metesse com eles!... Desprendia-se-lhes a língua e, estivesse quem estivesse, fosse onde fosse, era palavrão que fervia, além de, aos provocadores, lhes atirarem com pedras que, para esse efeito, escondiam por baixo da fatiota. Um dos que gostava de puxar pelos “Manelicos” era o Dr. Henrique Botelho, quando fazia a barba no Bragança e eles passavam na rua António de Azevedo. Sentado na cadeira, a cara toda ensaboada, acirrava os dois irmãos e ficava-se, depois, regalado, a ouvir as asneirolas deles, que só paravam quando o fôlego lhes faltava ou a sede os empurrava para a taberna mais próxima...

E, se me permitem a alegoria, “fecho a torneira” no tocante aos devotos da cardina.

29 H – Antes de arribarmos ao Cabo da Vila, deixem-me evocar

mais duas personagens características de Vila Real, uma delas já desaparecida, enquanto que a outra, a estar ainda viva, andará pelos Brasis.

A primeira dava pelo nome de Henrique e nunca lhe soube o apelido nem o que fazia. O apelido, estou que alguém o poderá dizer; quanto à sua profissão, melhor dizendo: no respeitante ao que o homem fazia, creio que a minha ignorância se equipara à de toda a população da cidade. Isso porque o senhor Henrique, que muitos alcunhavam de “Penetra”, devia ter nascido cansado, porque não se lhe conhecia ocupação, emprego ou modo de vida. Em pesquisas que fiz, alguns dos que com ele privaram ignoravam, também, o porquê do epíteto; dizem-me, apenas, que vestia bem, ainda que sem luxos, era educado e respeitador, falava com uma certa riqueza de vocabulário e vivia à custa da família, apesar de esta não ser de grandes posses.

Da outra personagem, nunca lhe soube o nome de baptismo, mas tão-somente o apelido e o título que Vila Real lhe dava: o Visconde Videira. Cobrador da Câmara, estou a vê-lo a percorrer a cidade, no desempenho das suas funções. Envergava uma gabardina, tipo trincheira, qualquer que fosse a estação do ano e, para se deslocar, montava uma bicicleta. A gabardina, presumo que lhe pertencesse; quanto ao velocípede, nunca averigui se era seu ou se lhe fora fornecido pela edilidade para poder deslocar-se aos mais distantes locais do município. Sempre de chapéu – ao tempo, nenhum homem o dispensava, tirante os rurais, que o substituíam por um boné ou boina –, usava um bigode fininho e bem aparado que lhe dava um aspecto de gentil-homem do séc. XVIII, razão, talvez, para, na terra, ser conhecido por Visconde. “Conhecido”, repito, porque, ao cabo e ao resto, era tão visconde como eu... Falava caro, por ler muito, na biblioteca da Câmara, no intervalo das cobranças; ao recolher informações para este texto, alguém que o conheceu de perto conta-me que, se lhe perguntavam em que se ocupava, respondia, de imediato, com ar de desprezo: “Ando aqui a cobrar uns míseros sestércios a esta corja execranda de bípedes!...”

Quando não estava ao serviço, o Visconde Videira emparceirava permanentemente com um casal que morava, se bem creio, lá para as

bandas da Rua dos Ferreiros: o Chandum e a mulher. Ele, cujo nome verdadeiro nunca consegui saber, trabalhava também na Câmara; homem forte, muito moreno, tinha uma grande cabeçorra – a merecer-lhe o cognome de “Cabeça de Distrito”... – que, segundo constava, não servia apenas para pensar... A mulher (filha do Narciso, o contínuo do Liceu), ainda que mais nova, já não era donzela nenhuma – isso no tocante à sua idade (que andaria pelos 40), pois no referente a outros atributos das donzelas, há muito já que os tinha perdido... e não teria sido com o Chandum... Sem que, por essa perda, distante no tempo, o Visconde Videira tivesse sido, talvez, o responsável. Andavam sempre os três, como digo, e, para além disso, o ar de respeitabilidade que o cobrador camarário ostentava tornou mais surpreendente uma sua decisão. A de participar num espectáculo a favor de um pequeno circo que ficara com as suas pobres instalações completamente destruídas por um fortíssimo vendaval que se abatera sobre a região.

Muitos foram os “artistas” locais – ricos ou pobres – que estiveram na pista a mostrar as suas habilidades. Todavia, mal constou que o Visconde Videira iria actuar como acrobata, de imediato se pensou que o Chandum mais a cara-metade o acompanhariam nos voos à Leotard e nos triplos saltos mortais que qualquer mediano praticante da modalidade circense incluía no seu repertório. No entanto, e para surpresa geral, o Visconde apresentou-se sozinho – embora o casal ocupasse dois lugares bem na primeira fila –, pela primeira vez de cabeça descoberta e vestindo uma camisola de ginástica sem mangas. Da cinta para baixo, envergava uns calções curtos ou umas cuecas, ao tempo era o que se usava.

Aplaudido pelos muitos conterrâneos que lotavam as bancadas recuperadas pela boa-vontade de todos, o Visconde subiu uma escada de corda e, mal pôs o pé no trapézio, antes mesmo de ter tempo de fazer uma vénia agradecida à plateia entusiasmada, desequilibrou-se e, num ápice, malhou com as costas no chão, 4 ou 5 metros mais abaixo. Esteve um mês sem pôr os pés nem o resto do corpo na Câmara, passando a maior parte desse tempo no Hospital e em casa, com um braço partido.

Um dia, juntamente com os inevitáveis Chandum & Mulher, partiu para o Brasil, não se sabe para que cidade ou estado e nunca mais houve novas daquela trindade.

29 I – Não quero abandonar a Capela Nova, melhor dizendo: a Rua Central, onde ela se situa, sem evocar aqui a Relojoaria Salgueiro, de que já falei, quase no início destas páginas, quando contei as relojoarias de Vila Real. O facto de a trazer de novo à colação deve-se a motivos pessoais, com muito de sentimental. E porquê motivos pessoais e sentimentais? Em primeiro lugar porque algumas foram as noites, nomeadamente no rigor do Inverno, em que, com 4 ou 5 anos, fui até lá, com o meu Avô e Padrinho, passar um bocadinho do serão. O estabelecimento tinha uma montra, à esquerda, e uma porta, ao lado. O balcão, por trás do qual estavam as mesas de trabalho, ficava no correr da montra. Em frente à porta, entre o balcão e a parede que confinava com a casa do lado, por cima da barbearia do Afonso de Lordelo, havia um pequeno corredor que, de Verão, tinha um banco comprido encostado à parede e, no Inverno, uma mesa redonda, com uma braseira por baixo, onde os amigos do senhor Salgueiro, e eram bastantes, se reuniam na cavaqueira. Eu cabeceava de sono, ouvindo os companheiros do meu Avô conversarem ou jogarem as cartas. De vez em quando, um deles dava-me uma pitada de rapé, muito usado naquela época, se bem que eu, pela minha pouca idade, não fosse propriamente um consumidor inveterado. O senhor Salgueiro, homem já de idade, sobre o anafado e com uma enorme e lustrosa calva, era conterrâneo do meu Pai e, por assim dizer, o cônsul, em Vila Real, de todos os vianenses que chegavam à cidade, caso do meu Pai, do senhor Manuel Costa Fanfarra e do senhor Lima, das Obras Públicas. Foi na Relojoaria Salgueiro que o meu Avô, como prenda por eu ter ficado bem no exame do 3º ano do Liceu, comprou o primeiro relógio que tive; foi lá, também, que, com o primeiro ordenado que ganhei, pus no pulso um “Breitling” que me custou 2.600\$00, me durou um ror de anos e que hoje, já sem ele trabalhar, guardo como relíquia da minha juventude. Actualmente, à frente do es-

tabelecimento, está um sobrinho do senhor Salgueiro.

E, com isto, Amigos, regressamos ao Cabo da Vila!

30 – Antigamente, a roupa era passada – “engomada”, como dizem em Lisboa – com ferros de... ferro (passe o pleonasma), em forma de barco, com a parte de trás achatada, uma pega por cima, para agarrar e abrir a tampa, permitindo que, lá dentro, se pusessem brasas de carvão, que aqueciam a parte de baixo, lisinha como um espelho. O ferro, para o carvão se manter vivo, tinha, na parte de trás, um orifício cilíndrico, do tamanho de uma moeda de dois euros – nesse tempo era de 10 tostões – que servia para a pessoa bufar – em Vila Real também se dizia “abufar”, palavra que, em Lisboa, é considerada muito feia... – lá para dentro e atijar as brasas.

Vem isto a propósito do primeiro prédio do lado esquerdo da Rua Direita, no sentido Cabo da Vila - Capela Nova. Tinha só um andar, onde não morava ninguém, e, por baixo, ficava a retrosaria do senhor Félix (39). Este senhor Félix, creio que natural da Régua, era homem sobre o gordo e com um espesso bigode; os beiços, muito unidos, abriam para a frente, assim na posição de quem está a “abufar” na parte de trás do ferro de passar. Daí que, na cidade, o senhor Félix fosse conhecido por “Bufôferro”, alcunha que sempre lhe ouvi chamar e que o acompanhou até à sepultura.

31 – Pegado à retrosaria do “Bufôferro”, ficava o “Teixeira Londrino”, numa casa baixa, de um só piso, tendo, no rés-do-chão, uma loja que vendia quinquilharias e pedras de isqueiro. A esse propósito, um pequeno parêntese: na altura, para usar isqueiro, era preciso ter licença e quem não tivesse era multado. Isso, ao que se dizia, para proteger a indústria fosforeira nacional, que punha no mercado caixinhas com 40 fósforos, ao preço de 2 tostões, que hoje seria a décima parte de um cêntimo. E fecha o parêntese.

O Teixeira Londrino tinha 4 filhos, uma rapariga e 3 rapazes, na altura já todos crescidos. A rapariga chamava-se Amélia e casou com o

senhor Barbosa, o tal a quem o meu Irmão arranhou as mãos. Os rapazes, esses, eram o senhor Teixeira, que trabalhou nos Correios, outro que vivia ou vive em Guimarães e um terceiro, rapaz alto e a atirar para o louro, que, tanto quanto sei, ficou solteiro. Anos mais tarde, o “baixo” do Teixeira Londrino mudou para sapataria – mais uma... – da mãe do Julinho Mesquita, a que me hei-de referir lá mais para diante (40). Mas, continuando no Teixeira Londrino.

Não sei como lhe terá nascido a alcunha geográfica, mas devo dizer que Vila Real, apesar da sua reduzida população – segundo o censo de 1940, todo o concelho tinha apenas 43142 habitantes, aumentados em 3640 no censo imediato, o de 1950 –, em Vila Real, alcunhas desse teor cosmopolita e mundano era coisa que não faltava. Assim, e a título de exemplo, havia – por sinal na Rua Direita, já os iremos encontrar daqui a pouco – o “Espanhol”, mais adiante o “Chinês” (melhor dizendo: os “Chineses”, dois irmãos, que não se falavam, cada um com a sua loja de fazendas) e, no Largo do Pelourinho, em frente à Sé, o “Alemão”, uma taberna que pertencia ao senhor Isildo Monteiro, o “Jupira”, cunhado do Dr. Claro da Fonseca, um dos melhores advogados da cidade e pai do Arnaldo, que foi meu colega no liceu. Para além destes estrangeiros, que só o eram por alcunha, em Vila Real havia brasileiros, uns autênticos, outros de torna-viagem e, tanto quanto eu saiba, duas senhoras, francesas por nascimento e portuguesas pelo casamento.

32 – Depois da casa do Teixeira Londrino, vinha a casa dos Melos. Também só com um piso, no rés-do-chão, ficava a alfaiataria, assim para o modesto, do senhor Luís Coutinho (41). Este senhor Coutinho, homem gordo, sempre despenteado e de poucas falas, fez-me muitos casacos, calções e calças à golfe com fatos que o meu Pai deixava de vestir e que, depois de usados por mim, ainda passavam para o meu Irmão, porque, sendo o dinheiro pouco, havia que contar

todos os tostões...

Por cima da alfaiataria, viviam, como já disse, os Melos: ela, modista, com trabalho até dizer “chega”, por ser uma das poucas e das mais habilidosas de Vila Real, e ele fiscal de isqueiros. Com essa profissão – abro aqui um parêntese – apareceu por lá, mais tarde, um outro fulano, pai de dois rapazes, um dos quais jogou futebol no Vila Real, a guarda-redes. Deviam ser alentejanos, porque o futebolista, em vez de dizer “Pouco-a-pouco”, dizia “Péque-à-péque”, nome que se lhe colou e, enquanto estive em Vila Real, nunca mais perdeu. E fecha o parêntese.

Regressando aos Melos: o pai, como a sua profissão lhe dava pouco que fazer – para além de não querer incomodar ninguém numa terra onde todos se conheciam –, o pai fazia filhos. Por isso, lá em casa, eram 10 os descendentes, 5 de cada sexo. Das raparigas, e não estou certo se era esta a ordem descendente de idades, havia a Lídia, a Guilhermina, a Arsénia, a Gilda e a Ilda. Dos rapazes, o mais velho era o Zé, que jogou futebol no Vila Real; o Augusto, rapaz da minha idade e que chegou a Chefe da Secretaria da Escola Comercial e Industrial; o Armando, alto, loiro, muito metido consigo, todo dado à religião e que foi um dos primeiros catedráticos da nossa Universidade; o Paulo, que se reformou, se não estou enganado, como agente do Banco de Portugal, em Braga; e, a fechar a série, o Carlinhos, que julgo ter-se formado em Engenharia, mas não garanto.

33 – E temos agora o senhor Macário, nome por que era conhecido, que, durante uns anos, foi nosso vizinho da frente, quando morávamos no 109. Era dono de uma mercearia com o seu nome, uma das duas da Rua Direita, onde metade dos moradores, os que viviam mais perto, se abasteciam. E que, por coincidência, são, ambas, dos poucos estabelecimentos na Rua Direita que continuam no mesmo ramo e não mudaram de nome. Tinha uma bela e espaçosa casa de dois andares, com um mirante por cima, o que, no dizer do neto, o meu Amigo Zé Macário, a tornava a mais alta de toda a rua. Além de servir de loja, isso nos “baixos”, albergava os seus 6 filhos e ainda um estúdio fotográfico, no se-

gundo andar, do mais velho, esse Macário de nome. Anos mais tarde, este (pai do já citado Zé Macário, que toda a gente conhece em Vila Real, em Portugal e em várias partes do Mundo...) mudou de casa e de poiso de trabalho e foi para o Caminho de Baixo. As instalações deixou-as para o irmão seguinte, o António, que ia aos arames se alguém lhe chamava Macário: queria que o tratassem pelo seu nome próprio ou por Magalhães. Excelente pessoa, solteirão contumaz e homem com muita graça, aqui vão duas histórias que têm a ver com a sua graça e com o seu celibato perpétuo.

Quem quisesse saber do Magalhães fora das horas de trabalho, só tinha de procurar pelo senhor António Camilo Fernandes, que é como quem diz: o senhor Antoninho do Talho. E este, quando alguém ia por ele ao talho ou a alguma das suas empresas, todas criadas a partir da venda das costelas de vaca ou dos bifes do acém, a resposta era que o senhor Antoninho estava na Associação Comercial. Metáfora usada para significar que o açougueiro, mais o seu séquito habitual, se encontrava no “Carrico”, uma taberna no Circuito, muito frequentada por quem gostava de boa pinga. Andavam sempre juntos, o senhor Antoninho, o Magalhães e um grupo de outros amigos, entre os quais o Carvalho “Toirão” (um brasileiro de torna-viagem, que morava em Arroios e vivia dos rendimentos), o sargento Casanova, o professor Matos e outros mais que agora me não ocorrem.

Uma tarde, numa das quintas do Antoninho do Talho, já todos bem comidos e bebidos, de que é que um deles se havia de lembrar? De pegar no Magalhães e de o atirar a um rio que passava na propriedade. Só que o Magalhães não sabia nadar, foi ao fundo e tiveram de o levar à pressa para o hospital, estavam mesmo a ver que o homem ia desta para melhor... Recuperaram-no, todavia, e, depois, era ouvi-lo a contar o recesso da peripécia em que esteve com um pé no outro lado:

– A certa altura, abri os olhos e vi muitos anjinhos à minha

volta, todos de branco... ‘Olha... Estou no céu...’ – pensei cá para comigo – ‘Tantos anjinhos!...’ Mas nisto vi que um deles tinha óculos... E digo assim: – Um anjinho de óculos?!... Não pode ser... Onde é que os anjos têm óculos?!... Só então descobri que estava no Hospital e que os anjinhos eram as freiras...”

33 A - A outra história, que vem a propósito de o Magalhães ter vivido e morrido solteiro, é mais com o Carvalho “Toirão” do que com ele, mas, de qualquer forma, acho que vale a pena contá-la.

Um dia, estava o grupo do costume a esvaziar umas garrafas quando, a dado passo, diz o brasileiro para o Magalhães:

– Então, já sei que te vais casar...

Reagia o Magalhães, quase que ofendido:

– Casar-me eu?!... Quem é que te meteu essa na cabeça?...

E o “Toirão”:

– Pois é pena... Sempre era a maneira de acabar com as famas que te levantam na cidade...

Famas que, evidentemente, não tinham razão de ser, porque o Magalhães, honra lhe seja, não deixava a sua virilidade por mãos alheias...

Os outros filhos rapazes do senhor Macário eram o “Ieca”, que foi substituir o Faustino na “Sapataria Benites” e que eu, apesar de vizinho dele, nunca soube como se chamava, e o Gentil, mais ou menos da minha idade, que ajudava o pai na mercearia. Onde também trabalhava a Mariazinha, a mais velha das raparigas. Quanto à mais nova, a Anita, usava óculos e era muito calada. Fui muitas vezes à mercearia do senhor Macário comprar os precisos lá para casa, a mando da minha Mãe, e ele, quando eu não levava dinheiro – costume muito generalizado no grosso da freguesia, aliás –, assentava num livro grosso, estreito e comprido, cheio de nomes e dívidas. Das quais, de passagem se diga, muito poucas ficavam por pagar.

33 B - Fui muitas vezes, repito, ao senhor Macário, comprar os precisos lá para casa. A certa altura, porém, andaria eu pelos meus 7 anos, as idas começaram a ser mais espaçadas. Só agora, a mais de meio de século de distância, compreendo a razão de me não ter apercebido do motivo de lá ir menos vezes. Em fins de Agosto de 1939, rebentara a II Grande Guerra Mundial, que haveria de prolongar-se, com milhões de perdas humanas, até meados de 1945.

No 109, eu ouvia falar da guerra, mas futurava-a como sendo muitos homens aos tiros, num espaço como o do Jardim da Carreira, com as pessoas a ver, cá de fora, por trás dos portões. Só com o tempo viria a perceber que a guerra não era bem isso, à medida que comecei a ler o jornal – lá em nossa casa comprava-se “O Comércio do Porto” – e a ouvir o rádio. Todos os dias, à hora do almoço, fazia-se silêncio, enquanto a sopa era servida, e ficava tudo a ouvir a BBC, com o Pessa, desde Londres, a descrever os bombardeamentos alemães e a referir-se ao “senhor... Hitler” e ainda recorro a pausa sarcástica que o locutor fazia, ao referir-se ao homem que, nessa altura, estava à frente da Alemanha.

O meu Avô e o meu Pai eram ferozmente anglófilos, pese embora serem admiradores de Salazar que, ao que se dizia, era pró-Eixo, ainda que tivesse, também, as melhores relações com os Aliados. Pensa-se, hoje, que essa “duplicidade” de simpatias evitou que Portugal fosse invadido pela Alemanha. Nós e os aqui do lado, pois, ao que constava, Franco, na vizinha Espanha, aconselhava-se muito com Salazar.

Numa sala grande que havia no 2º andar do 109, onde o meu Irmão e eu estudávamos as lições, o meu Pai lia o jornal quando vinha do Banco e a minha Mãe dava explicações, o meu Avô tinha, na parede, um grande mapa da Europa, com oleado na parte de trás. Nesse mapa, ia espetando uns alfinetes de cabeças coloridas, com os quais assinalava os progressos da guerra. Nos primeiros anos, a Europa estava quase toda coberta de alfinetes com a cor dos Alemães; depois, à medida que o tempo ia passando, começaram a aparecer, para satisfação do meu Avô, alfinetes dos Aliados. No entanto, e disso eu lembro-me bem, estou a

vê-lo, ao meu Avô e Padrinho, de razão completamente perdida quando, em Agosto de 1945, os Americanos mandaram o “Enola Gay” lançar a bomba atômica sobre Hiroxima, matando centenas de milhares de japoneses.

Dei-me conta de que alguma coisa tinha mudado quando, ao pequeno-almoço e ao lanche, começámos a pôr açúcar mascavado no café com leite. Até ali, o açúcar era branco, areado e docinho; a partir de certa altura, passou a ser acastanhado, parecia farinha e sabia menos doce. E, no campo alimentar, as mudanças não se ficaram por aqui: o bacalhau, por exemplo, foi substituído por outro peixe, o pichelim, que era semelhante no aspecto, mas muito diferente no sabor... e como se via essa diferença nos bolos de bacalhau!...

Isso, porém, era em casa das pessoas e cada um sabia de si. Cá fora, no entanto, as mudanças também se notavam. Um dia, as janelas das casas apareceram todas com tiras de papel coladas em cruz por trás dos vidros; vim a saber, creio que pelo meu Avô, que era por causa dos bombardeamentos: se caíssem bombas sobre Vila Real e houvesse estrondos, as pessoas ficavam mais protegidas contra os estilhaços. Além disso, nos comboios – e vimo-lo, algumas vezes, quando, no Natal, na Páscoa e nas férias grandes, íamos para Viana do Castelo – os vidros estavam todos pintados de preto, apenas com uma tira vertical, ao meio, por onde entrava a luz do dia e não saía a iluminação, já de si fraca, das carruagens.

Se bem que nunca nos faltasse de comer, a verdade é que a guerra fez desaparecer certos produtos, caso do bacalhau e do açúcar, como já disse, e diminuir o consumo de outros, como o azeite, o arroz ou a carne. Começou assim o racionamento, em que cada família só tinha direito a determinada porção de géneros alimentícios, comprados mediante a apresentação de senhas. Essas senhas eram distribuídas numa Comissão que funcionava no Caminho de Baixo, numa casa pegada à do Dr. Leonardo Magalhães e em que trabalhava, entre outros, o Amílcar Pires, então ainda muito novo e que, mais tarde, viria a ser agente distrital do Banco de Portugal, em Santarém. Muitas vezes lá fomos, o meu Irmão ou eu,

levantar as senhas que cabiam ao 109 e aguentámos algumas horas nas bichas que se formavam desde o Cabo da Vila, até chegar a nossa vez.

Às noites, no Verão, a cidade ia passear para o Jardim da Carreira, homens e mulheres, grandes e pequenos, novos e velhos. Nessa altura, ainda não havia cinema todos os dias e o Jardim era uma forma agradável de passar o tempo, com as pessoas a chegarem lá depois do jantar e a recolher a casa por volta da meia-noite, pois no dia seguinte havia que trabalhar. Por volta de 1942 ou 1943, recordo-me de, quase sempre à mesma hora, haver, lá muito em cima, um ruído surdo e prolongado, que durava alguns minutos, até desaparecer na escuridão da noite. Nos primeiros tempos, ficávamos a olhar, sem ver, perguntando uns aos outros o que seria; depois, ao sabermos o que era, não se passava uma noite sem que, ao ouvirmos aquele roncar sempre igual, não levantássemos as mãozitas, a acenar um adeus de boa sorte, mais do que de boa viagem, aos aviões ingleses que seguiam para o Norte de África, a bombardear as posições alemãs.

33 C - E, antes de seguir em frente, por que não uma história em que, não sendo ela directamente sobre o senhor Antoninho do Talho, ele também entra? Então lá vai...

Em 1958, realizou-se, em Bruxelas, uma Exposição Mundial, aquela do “Atomium”, que, desde esse ano, passou a ser o “ex-libris” da cidade. À capital da Bélgica acorreu gente de todos os cantos do Mundo e Vila Real não foi excepção. Entre os nossos conterrâneos que até lá se deslocaram, contavam-se o senhor Antoninho do Talho, transportando, num dos seus carros um nutrido grupo de amigos, e, na bagageira... Mas, não antecipemos.

Atravessada a fronteira portuguesa, o primeiro “carabiniere” que lhes apareceu pediu os passaportes e mandou abrir a mala traseira. Esta estava repleta de caixas e o espanhol quis saber o que continham. “Vinho”, respondeu um dos viajantes. O outro pareceu não acreditar, eles que mostrassem o conteúdo de uma

das caixas. Depois, ao confirmar que continha garrafas de vinho, voltou a perguntar a que se destinavam. “Para consumo próprio...”, disse-lhe um dos portugueses. “Para qué?...”, fez o “nuestro hermano”, como que a benzer-se por ver tantas garrafas para tão poucos passageiros... Não demoraram os de Vila Real a dar-lhe a resposta: Um deles desenvolveu uma das botelhas, entregou-a ao companheiro mais à mão, um de aspecto frágil e amarelado pelos muitos quilómetros já percorridos. Este não foi de modas: meteu os beiços ao gargalo e lentamente, paulatinamente, levou-a, inteirinha, até ao fim, só a largando quando já vazia... Esgazeado, o espanhol acenava-lhes com um braço, que podiam fechar a bagageira, que podiam seguir viagem... E em jeito de quem lamentava tamanho desleixo: “Hombre, caray! Van ustedes muy poco prevenidos...”

34 – A casa a seguir, um edifício alto, com dois andares e amarelo, tinha, por baixo, uma peixaria (42). Quanto à zona residencial, morou lá tanta gente, teve um tal índice de rotatividade que eu, por mais que puxe pela cabeça, não me consigo lembrar ao certo quem lá viveu. Talvez o Martins das Farinhas – que mais tarde mudou para um palacete junto à Farmácia Mesquita –; se calhar o Major Lobato; não sei se o Zé da Régua e as irmãs; possivelmente uma família de Lisboa com muitas filhas... Não sei, sinceramente não sei, ao certo, mas, dando de contado que o Martins – das farinhas porque era comerciante do ramo – foi um dos residentes, aproveito para contar uma história dele, que era um homem muito rico, a quem, como o meu Pai costumava dizer, até os cães lhe punham ovos. Como se verá pelo que passo a contar.

Um dia, o Martins, conduzido pelo seu motorista, ia a Chaves tratar de um negócio. Por altura das Pedras Salgadas, já depois de Vila Pouca de Aguiar, a bexiga apertou-lhe e ele disse ao condutor para parar na berma da estrada, queria ir ali “mudar a água às azeitonas”. O homem parou junto de um pinhal e o Martins

avançou, mato dentro, à procura de um sítio assim mais recatado.

Foi ter a uma clareira e estava lá a decorrer um leilão de pinheiros. Um dos homens que se preparavam para licitar reconheceu-o, foi ter com ele, chamou-o de parte e, em voz baixa, disse-lhe que estava interessado em arrematar aquelas árvores e se ele, senhor Martins, desistisse de as comprar, dava-lhe cinco contos de “rei”. E o Martins das Farinhas, que o que queria era aliviar a bexiga, viu-se assim, de um momento para o outro, dono de mais cinco contos – que, na altura, e mesmo para ele, era dinheiro –, sem saber ler nem escrever. Vai daí, voltou a meter-se no carro e foi “desòrinar” mais adiante...

35 – As Senhoras Pires moravam na casa a seguir (43). Muito amigas da minha Mãe, eram três Senhoras e um irmão e uma das famílias mais conhecidas de Vila Real. Das irmãs, uma delas, creio que a mais velha, era casada com um dos gémeos Borginhos.

Faço aqui um pequeno intervalo para dizer que, nesse tempo, e tanto quanto me lembro, os Borginhos – que assim os tratavam na cidade – eram, com o Cid e o Altino Gomes e os Cesteiros (o Adelino e o Arlindo, que jogaram no Sport Clube) os gémeos que havia em Vila Real. Se bem que, isto segundo o “Fanfan”, em quem continuo a “abastecer-me”, houvesse também dois filhos do Miro da Garagem e dois irmãos Pinto da Mota, a Fernanda e o Fernando, este médico. Mais tarde, vieram os filhos do senhor Carlos da Sapataria e, depois, os netos do Eduardo da Papelaria. Hoje talvez haja mais, mas não sei de quem. E passo adiante.

Como estava a dizer, uma das Senhoras Pires, cujo nome não recordo, era casada com um dos gémeos Borginhos, engenheiro, como o irmão, e morando ambos na casa do senhor Padre Filipe, pessoa muito considerada na terra, tinha sido Capelão da Casa Real. A segunda era a Senhora D. Henriqueta, casada com o Coronel Leite Gomes, que usava

monóculo, foi comandante do Regimento e chamavam-lhe o “Mãos de Fada”. Isso porque não apertava a mão às pessoas: estendia-a e deixava-a ficar, mole e desprendida... Por causa do monóculo, também o apodavam de “Caquinho”, alcunha por demais óbvia... A terceira irmã, a Senhora D. Maria Emília, nascera solteira e falava bastante e muito explicadinho, não se perdia uma palavra das que dizia... e dizia bastantes... Muito dada à religião, dali não vinha mal ao mundo. As três Senhoras tinham um irmão, o senhor Alfredo Pires, que trabalhava não sei em que repartição do Estado e que, no momento em que escrevo, vive no Porto, está prestes a completar 90 anos e tem cá uma memória que tomara-a eu! A ele devo muitas das informações utilizadas neste meu relato e que bastante o valorizam. E despeço-me da Família Pires dizendo que os 4 irmãos eram filhos do senhor Pires, que tinha sido funcionário do Banco de Portugal, onde o meu Pai ainda trabalhou com ele.

36 – Um bom par de anos antes de eu nascer, apareceu, em Vila Real, um espanhol, montado num burro, a vender rendas. O negócio não lhe correu mal de todo, o homem abriu uma loja e passou a ser conhecido por “Rendeiro” ou “Espanhol”. “Rendeiro”, por ter vendido rendas que, depois, substituiu por fazendas e roupa de cama, chegando a ser uma das casas de Vila Real com maior freguesia, constituída, principalmente, por pessoal das aldeias vizinhas, quando vinha, todas as semanas, à feira. “Espanhol”, não só por causa da sua origem, mas também porque, ao fim de muitos anos a viver em Vila Real, continuava com um sotaque tão cerrado que, para o entender, era preciso pedir-lhe para falar mais “despacito”. O senhor Matos Guerra, esse o verdadeiro nome dele, tinha três filhos: o Manuel, o Ângelo, que era o do meio, e o Zé, o mais novo, rapaz da minha idade e com quem me fartei de brincar, quando éramos pequenos e enquanto o pai o não pôs a trabalhar atrás do balcão. A “Casa Rendeiro” (44) era, como já disse, uma das mais afreguesadas da cidade e tinha umas instalações muito antigas e sóbrias, que vinham já da fundação do estabelecimento, muitos anos antes. Um dia, como o negócio estivesse a dar, o “Rendeiro”, talvez influenciado pelos filhos,

resolveu fazer obras no “baixo”, que esteve fechado durante dois ou três meses, para virem os pedreiros, os carpinteiros e os pintores. Resultado: enquanto duraram os trabalhos, a clientela habitual passou-se para outros comércios e não regressou, pelo menos com a mesma frequência anterior, porque, ao ver aquelas montras espaçosas, onde antes havia umas portas de madeira mal pintadas, aqueles mármore a puxar ao fiado e aqueles cromados todos a reluzir – a clientela dos tempos passados pensou que os donos eram outros, bem como a mercadoria, e, com tanto espanto, os preços haviam disparado – e de que maneira! Assim e sem ter de fechar as portas, a “Casa Rendeiro” nunca mais foi o que tinha sido. E aproveitou para dizer que, hoje, em Vila Real, só a loja do Zé Matos Guerra, único dos três irmãos vivo, e a “Casa Santoalha”, esta na Rua Serpa Pinto, vendem tecido a metro... Pelo que abundam as “boutiques”, os “pronto-a-vestir”, as casas de roupas feitas, etc.

37 – Contígua à casa dos Matos Guerra fica outra casa que nunca soube a quem pertencia ou quem lá morou. Lembro-me apenas de que, na parede, tinha uma lápide referente ao senhor Aureliano Barrigas, que foi o grande impulsionador do Circuito de Vila Real, uma prova automobilística que chegou a ter grande projecção na Europa e nem o facto de tanto Lisboa como o Porto terem organizado provas idênticas tirou o primeiro lugar ao nosso Circuito! Que nunca mais voltou a realizar-se, desde que dois pobres diabos, que até nem estavam a ver a corrida, foram colhidos mortalmente por um carro que se despistou. Nos “baixos” do prédio, o Délio Machado, um dos melhores jogadores que o Vila Real teve, abriu... Vamos lá a ver se algum dos leitores sabe... Alguém disse “sapataria”? Pois acertou, sim senhor, uma sapataria, que actualmente já não existe (45)

38 – Seguia-se o armazém dos Taveira da Mota, nos “baixos” de um prédio de dois andares, por onde, tanto quanto me recordo, passou muita gente. E, antes de a referir, a alguma dessa gente, altura para dizer que o rés-do-chão tivera, nos primeiros anos do século, quando não an-

tes, a “Farmácia Fernandes”. Era, além de local onde se aviavam receitas e se preparavam poções, centro de cavaqueira e “consultório” do senhor Dr. João Avelino que, como atrás disse, tinha o lugar de Agente no Banco de Portugal, apesar de ser formado em Medicina. Conhecido na cidade por “João do Não”, a alcunha deixa antever que o seu feito não era fácil, sempre com uma negativa na ponta da língua, tornada ainda mais assustadora pelo seu ar carrancudo e grosso vozeirão. Contava-se até que, no dia do casamento, quando o padre lhe perguntou se aceitava a noiva como sua futura esposa, o senhor Dr. João Avelino, fazendo jus à alcunha, teria respondido: “Não... posso dizer que não...” No entanto, no fundo, lá muito no fundo, era um coração de ouro e que o dissessem muitos populares das aldeias vizinhas, e até de Vila Real, que o procuravam na “Farmácia Fernandes”, onde ele os recebia, sem levar um tostão. Ao tempo, os médicos podiam dar consulta nas farmácias e, no caso do Dr. João Avelino, quem aproveitava eram os seus doentes, que nada lhe davam a ganhar. Um dia, porém, a farmácia ardeu e o proprietário, não sei se o senhor Fernandes, não voltou a abrir as portas. Quanto aos pacientes do Dr. João Avelino, continuaram a consultá-lo... mas no Banco de Portugal.

No primeiro andar do prédio a que estou agora a referir-me, viveu um húngaro, tinha eu os meus 7 ou 8 anos. Chamava-se Lipo Herczka, era treinador de futebol e deu-nos lições de ginástica, a mim e ao meu Irmão. De Vila Real foi para o Benfica e dali não sei para onde seguiu; sei apenas que está enterrado em Évora. Daqui a pouco, vou falar dele e em verso, nas tais minhas Memórias rimadas com que, já por mais de uma vez, lhes dei cabo da paciência.

Naquela casa moraram também os “Bolas” – esta a alcunha da família, não sei qual o seu verdadeiro nome – de que fazia parte uma rapariga assim para o analfabeto, mas muito bonita – quer dizer: as pessoas achavam que era. Não sei o que foi feito dela; posso é dizer que tinha muitos pretendentes que, em minha opinião, andavam atrás dela porque...

Vamos, porém, às tais minhas Memórias em verso, em que, como

prometi, lhes falarei do Lipo, o treinador de futebol, e da tal rapariga bonita, da família dos “Bolas”. Nos versinhos, refiro-me, também, a um professor, outro dos moradores da casa, que ainda não veio à baila, mas vem já, estejam descansados, e também com direito a rima...

Começando pelo Lipo...

*Era Lipo e tinha vindo, um dia,
Pra Portugal, do seu país, a Hungria,
A guerra estava já nos horizontes.
E muitas vezes ponho-me a pensar
Como é que o homem veio cá parar,
Desde a Hungria à nossa Trás-os-Montes?...*

E agora a rapariga, a “Bolas”, que tinha muitos pretendentes, ainda não disse porquê, mas já vou dizer. E digo assim:

Mas, entre os dois, o professor...

(Este professor vem já a seguir, na lista dos moradores do prédio, ora leiam...)

*Mas, entre os dois, o professor e o Lipo
Também morou, se bem me lembro, um tipo
Que tinha muitos filhos e uma filha;
À moça não faltavam pretendentes,
Todos eles, segundo os maldizentes,
A querem saltar-lhe... prá virilha...*

E vamos agora ao Professor, que era o professor do ensino primário senhor Matos, a quem toda a gente conhecia por professor Picão e que fora colega da minha Mãe, razão pela qual ia muitas vezes almoçar ou jantar a nossa casa. Antes de contar uma história dele, aproveito para mais uma lista, desta feita sobre os seus colegas que ensinavam, nas

escolas de Vila Real, as puras das criancinhas a ler, a escrever e a decorar a tabuada dos 9, os reis da nossa História e as linhas-férreas de Portugal. Aí vão, pois, aqueles de que me lembro:

Começarei pelas Senhoras, à cabeça das quais coloco a mais antiga, a Senhora D. Zara, professora na Escola Azevedo, cujo edifício ardeu e se situava onde hoje é o quartel dos Bombeiros de baixo; ela e mais duas outras professoras – a Senhora D. Mariana e a Senhora D. Olinda, mãe da Maria Carolina que casou com o José Lito – eram irmãs do senhor Domingos Araújo, conceituado político local de quem hei-de falar mais à frente, e, ao que me dizem, familiares do marinho Carvalho Araújo. Seguia-se a Senhora D. Dirceia, casada com o senhor Leite e mãe do “Milas” e do Fernando; leccionava na Escola Carvalho Araújo que ficava, segundo informação que tenho como fiável, por trás da Câmara e, actualmente, é à esquerda do Palácio da Justiça, quem vai para o Mercado. Finalmente, havia a Senhora D. Glória Furriel, pessoa muito robusta, assim uma espécie de senhor Albaninho em mulher, que dava aulas para a Almodena e morava ao fundo do quelho do Seminário. Isto no que respeita às Senhoras que eram solteiras ou cujos maridos tinham outro ofício. No referente aos homens, tínhamos o senhor Albaninho, director da Escola Azevedo e talvez o homem mais alto de Vila Real; o senhor Gaspar, docente na mesma Escola; o senhor Manuel Gonçalves Grilo, que não sei em que escola ensinou, mas pouco tempo dedicou ao magistério, logo direi porquê e, a terminar os professores de calças – expressão que já se não pode usar porque, actualmente, até os homens as vestem... –, vinha o senhor Maduro Roxo, que dava aulas na Escola do Trem, em terreno próximo do Hotel Miracorgo, e que ficou célebre porque, um dia, no Porto, caiu no conto do vigário, comprando um vigésimo “premiado”...

Passando, de seguida, aos casais de professores, ele e ela a trabalharem na mesma escola – e volto a dizer que a maior parte

do que escrevo é baseado na minha memória, podendo acontecer que, de tempos a tempos, quando não muitas vezes, ela me falhe... –, ponho em primeiro lugar o senhor Pena e a mulher, ambos professores na Escola do Trem, onde ele era conhecido pelas “bôlas” (leia-se: palmatoadas) que dava a quem não sabia a lição. Eram pais de duas colegas minhas, uma das quais já morreu, e do Pedro, piloto da Força Aérea cujo avião caiu no mar e ele foi o único sobrevivente, tendo passado uma noite agarrado a uma asa; de manhã, quando foi encontrado por uma equipa de buscas, o cabelo tinha-lhe embranquecido totalmente... O Pedro também já morreu. A seguir, vêm o senhor e a senhora Torres. Não sei em que escola eram professores, mas poderei dizer que moravam por baixo da Ponte de Ferro e tinham três filhos: uma rapariga, a Ana Maria, muito bonita; o Mário, que foi meu colega no Liceu e morreu antes de terminar o primeiro ciclo e um mais novo, que foi para o Banco de Portugal, é cunhado do António Taboada e, ao que parece, vive em Lisboa, já reformado. E resta o senhor Botelho e a Senhora D. Danila, de quem já falei, lá mais para trás.

Regressando ao professor Picão, pai de três raparigas, uma delas casada com o senhor Rodrigo Félix de Carvalho, tinha muita graça e não fazia mal a uma mosca... A uma mosca, digo bem, porque, se metesse outros animais... Olhem, um dia, depois de uma ceia bem regada, o senhor Francisco Freixo convidou os outros convivas a irem até à sua casa, que, se não era na Campeã, era na Cumieira, numa dessas duas aldeias. Ao chegarem à quinta, a noite já ia muito adiantada e, antes de entrarem, o anfitrião recomendou aos amigos para terem cuidado porque havia lá um cão que se atirava às pessoas e já não era o primeiro que tinha de ir de charola para o hospital, por causa do bicho... O que ele foi dizer! O professor Picão entra por ali dentro... O melhor, porém, é lerem o que eu digo, em verso, nas minhas Memórias, em que, se estão lembrados, falo com o meu Irmão.

É assim...

*E, na casa em questão, viveu, também,
Um amigo que foi da nossa Mãe,
O senhor Matos, professor Picão.
Gostava de comer e de beber
E um dia, co'os copos...*

(Atenção: agora é que vem a parte cômica de que eu estava a falar)

*E um dia, co'os copos, foi morder
Quinzinho, vê lá tu, um feroz cão!*

Por baixo da família Matos/Picão ficava o armazém dos irmãos Taveira da Mota, o José e o Rogério, um dos três armazéns de mercearias que havia em Vila Real. Os outros dois eram o Lito, Fernandes & C^a.Lda, que mais tarde se desfez – ficando o Lito na Rua 31 de Janeiro e passando o Fernandes para a Rua Avelino Patena –, e o Milagres & Lebres, na Rua Isabel de Carvalho. A haver mais algum, ignoro a quem pertencia, daí que volte ao armazém do José e do Rogério Taveira da Mota (46). O primeiro era pai do Eduardo – que foi presidente do Boavista e do Vila Real e tem aquele palacete em frente ao portão cá de baixo do Colégio da Boavista – e do Quito ou Quico, não estou bem certo. Este último era filho do segundo casamento do José Taveira da Mota – eu creio que ele tinha casado com a mãe do Quito/Quico... –, casamento esse que lhe trouxera como herança um cunhado, de apelido Guerra, a quem, na cidade, todos chamavam... Mas vamos, uma vez mais, às minhas Memórias em verso:

*E o Guerra Maluco, que estivera
Num convento, onde não permanecera
Muito tempo?... Maluco, mas não tanto...
Era maluco e pouco cabeludo
E ganhava uns tostões a ensinar tudo:
Química, Inglês, sei lá se Esperanto!...*

Estivera num convento, pois estivera, mas acabara por ser convidado a sair, quando os restantes frades se deram conta de que aquele “Irmão” só queria comer e beber e que fazer alguma coisa não era com ele...

O outro irmão Taveira da Mota, o Rogério, mal se dava conta dele e só tinha filhas, muitas, todas elas muito bonitas.

39 – E, por falar nisso... Uma das raparigas mais bonitas de Vila Real era a Tatá, “petit nom” por que a conheciam, sem que eu, alguma vez, soubesse como ela realmente se chamava. Muito bonita, repito, e, ao que se dizia, muito burrinha, também; constava até que, com 16 anos feitos, não sabia ler. Menos porque, aos pais, faltasse dinheiro para a mandarem para a escola ou para um colégio – eram mesmo muito ricos – do que por qualquer outra razão que eu nunca apurei. Falo na Tatá porque ela morava, com a família, no primeiro e único andar da casa a seguir à do professor Picão. Quando vagou, foi para lá viver o senhor Tavares, casado com a Senhora D. Olívia e funcionário administrativo do Hospital cuja Secretaria era ali junto da Câmara. Antigo seminarista, usava óculos redondos, parava muito no “Café Excelsior” – muitas vezes o vi, de pé, por trás da porta ao lado dos “Teixeiras Pelados” – e, porque sabia muito Português e Latim, era explicador dessas disciplinas depois de sair do emprego. Isso lhe permitiu pôr os filhos a estudar e dar-lhes cursos superiores. Um deles, o Zé Eugénio, a quem chamávamos o “Tavares Belo” – este o nome de um maestro muito conhecido nesse tempo, tinha uma orquestra de música ligeira, na antiga Emissora Nacional, hoje RDP –, porque estava convencido de que fazia sucesso entre as miúdas. Anos mais tarde, e até há bem poucos meses, foi vereador da Câmara de Oeiras, a terra onde eu vivo, tendo feito um excelente lugar, apreciado por gente de todos os quadrantes políticos. E, porque o senhor Tavares, como digo, dava explicações, irei indicar, de seguida, as pessoas que, em Vila Real, também as davam, nelas não incluindo, por óbvias razões, o Guerra Maluco de quem falei atrás.

Puxando a brasa para a minha sardinha, ninguém haverá de repa-

rar que eu comece pela minha Mãe que, segundo creio já ter dito – e, se não disse, digo-o agora –, deve ter sido a primeira Senhora licenciada em Vila Real. Acontece é que, ao tempo, apenas os homens eram formados. Senhoras só se fossem médicas, caso da Senhora Dr^a. Laura Amaral. Explicando melhor: se uma Senhora tivesse um curso superior, nunca seria a Sra. Dr^a. Fulana, mas a Senhora D. Fulana; assim, a minha Mãe era a Senhora D. Amelinha e não a Senhora Dr^a. Amélia. Enfim... E o mais curioso (isto no dizer de uma boa Amiga minha) é que, hoje, com o 25 de Abril, a emancipação da mulher, a igualdade dos sexos e todas essas ideias e frases feitas tresandantes de democracia – o mais curioso é que, hoje, as Senhoras continuam a não ser tratadas por “Doutoras”, mas por... “stôras”... Vamos, porém, à tal lista das pessoas que, em Vila Real, davam explicações.

Nos licenciados, e além da minha Mãe, que ensinava Inglês e Francês, havia a Senhora D. Odete, mais tarde sogra do político Jaime Gama (Português e Francês); a Senhora D. Aninhas – mulher do senhor Dr. Vitorino, professor do Liceu – e ainda a Senhora D. Idalina Boal (Físico-Químicas) e as Senhoras D. Odete Botelho e Jesuina Boal (Matemática). Quanto aos não licenciados, havia a menina Lulu Rocha Peixoto, uma Senhora deficiente motora que ensinava Matemática e tinha a casa sempre cheia e a “Madame” Abreu que, juntamente com o marido, o Tenente Abreu, todo do “Revirvalho”, ensinavam Francês. E havia ainda o senhor Taborda, marido da Senhora D. Odete (Matemática e Físico-Químicas); o senhor Mendes (Português) e o Tenente Gouveia (Físico-Químicas). Claro que, além destes, havia mais alguns, mas gente sem grandes bases e que tinham explicando durante pouco tempo, porque depressa se descobria de que “marca” eram...

E, antes de passar adiante, falta falar dos “baixos” da casa do senhor Tavares, onde o senhor Armando tinha o “Bazar Moreira”, um dos dois da cidade (47). O outro, o melhor dos dois, era o do senhor Miguel

Rocha – o “Bazar dos Três Vinténs”, na Rua Central –, sogro do Tito Gomes e dono, também, de uma escola de condução onde, nos finais dos anos 50, tirei a carta. (Tirei, não: paguei-a!)

40 – E como já não lhes falasse, há muito tempo, de uma sapataria, é altura de referir aquela que, à época, era a maior e a melhor da cidade: a “Loja Nova”. À frente do estabelecimento, situado numa casa só de um piso (48), estava a Senhora D. Carminda, mãe da Gininha e do Julinho Mesquita; o pai, esse, andava sempre por fora, nos seus negócios, que eu nunca soube quais seriam. E sigo para a loja do lado.

41 – Digo “loja” e não “casa do lado” porque, tanto quanto me recordo, no primeiro e único andar não morava ninguém. Ou morava? Olhem, não sei. Só me lembro de ver o “baixo” ocupado pelo Sebastião Mateus, que dirigia muitos oficiais... Quer dizer: não que ele fosse major ou tenente-coronel, mas alfaiate; os oficiais eram os homens e os rapazes que trabalhavam sob as suas ordens, enquanto o Sebastião, muito sentado à porta da rua, de cigarro na boca, metia conversa com quem passava para o Cabo da Vila ou para a Capela Nova. E muitos eram os que paravam a dar-lhe uma palavra porque o Sebastião Mateus, além de ser simpático, tinha muita graça e, daquela boca, saía-lhe sempre um comentário, as mais das vezes irónico, sobre qualquer coisa que tivesse acontecido na cidade. De um momento para o outro desapareceu da cidade, o “baixo” fechou (49) e dizia-se que o Sebastião Mateus tinha ido para África.

42 - Passando a alfaiataria do Sebastião Mateus, havia um “baixo” onde, depois de fazerem obras, apareceu uma droguaria, do Óscar de Barros, um antigo e muito bom jogador do Vila Real, que fora empregado do Castelo. Também não sei o que é feito dele: se já morreu e, estando vivo, onde é que pára. Era pai do Domingos e do Neca, ambos jogadores, como ele, do principal clube da terra, onde o segundo jogou por muito mais tempo, como defesa, se bem lembrado estou.

Anos depois, o Óscar passou a drogaria ao senhor Carvalho, homem de Barcelos (50) e irmão de um outro que também tinha uma drogaria, a melhor de Vila Real, por baixo do Clube, na Rua António de Azevedo. O da Rua Direita, que começara, também, com uma drogaria na rampa de S. Pedro, usava um bigode muito fininho e era solteiro. Estou a vê-lo, todos os domingos, depois do almoço, sentado no “Café Excelsior”. Mandava vir um café e, depois de o beber, abria o jornal que comprara à ida para lá e lia-o de uma ponta à outra – e isto não é uma força de expressão, antes sim uma expressão com força. É que o lia mesmo, de uma ponta à outra: começava no canto superior esquerdo da primeira página e acabava no canto inferior direito da última. Notícias, crónicas, reportagens, necrologias, anúncios, horários de comboios e navios – tudo aquela santa alma despachava, de fio a pavio, até à hora do jantar e só pelo preço de um café! Hoje, 60 anos decorridos, pergunto a mim próprio qual de nós os dois tinha mais paciência: se ele, a ler o jornal, de cabo a rabo, se eu, a seguir-lhe a leitura tão pormenorizada...

Não quero desperdiçar a oportunidade, a propósito de um dos irmãos Carvalho ter o seu “estaminé” na Rua António de Azevedo, de contar uma história engraçadíssima, que conheço há dezenas de anos e tem a ver com a figura do mesmo nome. Do mesmo nome, não será bem porque tal individualidade chamava-se António de Azevedo Castelo Branco (1843-1916), era sobrinho de Camilo Castelo Branco e foi ministro da Justiça e presidente do Partido Regenerador. E a história é a que passo a contar.

Um dia, o partido do Conselheiro António de Azevedo Castelo Branco foi violentamente atacado, no Parlamento, por outras forças políticas e, quando o debate terminou, o senhor estava arrasado. Tanto ou tão pouco que, para descansar da borrasca que tinha caído sobre os seus ombros, resolveu sentar-se, durante alguns minutos, num jardim à ilharga de S. Bento. Só que o jardim era muito frequentado por homossexuais e pelos “arrebentas”, essa a alcunha por que eram conhecidos os que lhes preenchi

as necessidades...

Era Verão, soprava uma leve aragem e a tarde caía. Exaustto, o Conselheiro tirou o chapéu alto e, lentamente, abanou-se, por uns instantes. Foi quando, por cima do ombro, ouviu uma voz melíflua e servil:

– Vossa Excelência deseja que o sirva nalguma coisa?...

E o esgotado político, sem olhar o autor da fescenina e acanalhada proposta, mas percebendo bem o que o outro queria:

– Muito obrigado, mas eu, por hoje, já cá tenho a minha conta...

43 – Um dos maiores edifícios da Rua Direita, tanto em largura como em altura, era o dos Correios – o dos antigos Correios –, que ficava em frente aos Bombeiros de baixo e a seguir à loja do Óscar. Recordarei, num breve parêntese, que, depois do Ciclone de 1941, a que me referirei dentro de duas ou três casas, os Correios foram construídos no sítio onde antes ficava o Mercado Municipal, ali tendo ficado até hoje e estou em crer que pelas décadas mais próximas.

Durante alguns anos – isto nos anos 60 – e sob a presidência do Capitão Mário Cândido Sanches Vaz, foi a sede do Sport Clube, de que, ao tempo, fui director. Apesar de lá ir muitas vezes, confesso que já me não lembro quantos andares o edifício tinha, talvez dois, talvez três, mas não ponho as mãos no fogo, para não ficar maneta...Sei que, agora, no rés-do-chão, funciona um centro comercial (51).

A fachada dos “baixos” dos Correios tinha 5 portas. A do meio, que era a mais espaçosa, dava acesso ao interior do edifício e por ali entravam os funcionários que trabalhavam nos mais diversos serviços. Pelas duas da esquerda, as que ficavam mais perto do Cabo da Vila, entrava o público para comprar selos – uma carta levava um selo de 5 tostões e era entregue no dia seguinte, apesar de ainda se não ter inventado o Correio Azul... –, mandar telegramas – com cada palavra a custar 4 tostões –, levantar ou enviar vales, essas coisas, nos três “guichets” disponíveis. Nas outras duas portas, as da direita, havia um balcão, onde

as pessoas iam buscar cartas ou encomendas. Até uma certa altura – já não sei bem em que ano isso acabou –, havia duas distribuições diárias de correio, levado a casa dos contribuintes pelos carteiros, de manhã e de tarde. Ao domingo, só havia entrega domiciliária da parte da manhã; à tarde, quem quisesse receber correspondência ia buscá-la a esse tal balcão, que abria de propósito para os que lá fossem. Eu ia, não porque alguém me escrevesse, mas por causa do “Diabrete”. Tratava-se de um semanário infantil, que o meu Pai me deixava comprar e que, em Vila Real, era distribuído pela “Livreria e Papelaria Branco”, que recebia meia dúzia de exemplares e os punha à venda à segunda-feira, já que, ao domingo, estava fechada. E como eu era um dos compradores, o senhor Alfredo Ribeiro dava-me licença de ir aos Correios, todos os domingos à tarde, levantar o “Diabrete”, tirando o meu e entregando-lhe os outros no dia seguinte. Ainda hoje recordo – e com que saudade! – os bons momentos que passava nas tardes de domingo, a ler o “Diabrete”, com uma grande caneca de café com leite e uma grossa fatia de pão casqueiro barrada de manteiga, que eram o meu lanche habitual – ou merenda, se assim o quiserem os puristas...

Gostaria, de seguida, de recordar os carteiros que, todos os dias, de Verão ou de Inverno, caísse chuva ou o Sol ardesse, andavam pelas casas, a entregar correspondência. Aí vão alguns dos que tenho na memória, mais uns quantos que me foram recordados por amigos. Estou certo de que a lista está incompleta, mas fica a intenção.

O primeiro de que me recordo, esquece-me o nome dele. Sei só que tinha os olhos meio fechados, como um japonês, e, a falar, não pronunciava os “cês”, ou seja: em vez de dizer “correio”, dizia “‘orreio” ou “‘asa” em vez de “casa”. Por isso, na cidade, era conhecido pelo “Sa’ita”. O mais velho de todos, a fazer fé no que me dizem, era o senhor Gonçalves. Depois vinha o senhor Félix, pai do senhor Rodrigo Félix de Carvalho; segundo o filho me disse, o seu giro começava logo à saída do Correio, em direcção ao Cabo da Vila. Outro era o senhor Moreira, homem magro

e muito alto que, segundo as minhas fontes informativas, terá sido o que durou mais tempo. E ainda o senhor Avelino, que morava na Rua da Misericórdia, tinha muitas filhas e tocava violino; o senhor Fiúnte; o senhor Gonçalves; o senhor Matos e ainda o senhor Alberto, por alcunha o Pépio, um cuja família explorava uma casa de pasto ao princípio da Rua D. Margarida Chaves. E, se mais havia, alguém que os acrescente ao rol que deixo atrás.

44 – A casa de que passo agora a tratar vai permitir – autorizem-me a expressão – que mate vários coelhos com uma cajadada única. Antes de mais, e à semelhança do que já fiz até aqui, possibilitar-me-á falar da família que a ocupava. Depois, e considerando a profissão do marido – professor do Liceu –, dar-me-á ensejo de referir esse estabelecimento de ensino de Vila Real. Finalmente, porque muitos dos meus leitores desse tempo poderão, talvez, tê-lo esquecido já e os mais novos não hão-de saber como era o sistema de ensino liceal vai para quase 60 anos, pois aqui o hei-de trazer, para que melhor se compreenda o que quero dizer na minha. Daí que comece por ele, precisamente, pelo sistema de ensino liceal que vigorava em meados do séc. XX.

O dono da casa era o senhor Dr. José Figueiredo (52), professor de Desenho, casado com uma filha do senhor Almeida “Santoalha” e pai de dois meninos, muito educados e bons alunos, dos quais o mais velho já morreu. Quando entrei para o 1º ano, ele estava noutra liceu, só tendo vindo para Vila Real quando eu já era quase finalista.

O liceu tinha 7 anos, embora para alguns, os cabulões ou os menos dotados, tivesse mais. Esses 7 anos dividiam-se por 3 ciclos: o 1º compreendia os 3 primeiros anos, no termo dos quais havia exame, com provas escritas e, se estas tivessem nota positiva, com provas orais. Entrava-se, de seguida, no 2º ciclo, igualmente com 3 anos. No final do 6º ano, novo exame, novas provas escritas e novas provas orais. Os que passassem e quisessem continuar – pois muitos, por dificuldades económicas, limitavam os estudos ao 2º ciclo ou utilizavam-no como condi-

ção indispensável para se habilitarem à entrada na Escola do Magistério Primário –, os que quisessem continuar, estava eu a dizer, chegavam ao 7º ano, que era o 3º ciclo, e escolhiam Ciências ou Letras. Ciências, se fossem para Medicina, Engenharia, Arquitectura e cursos outros dessas áreas; para Letras iam os que quisessem seguir Direito, Línguas, etc.

Vejam agora as disciplinas de cada ciclo. As do 1º eram: Português, Francês, Ciências Geográfico-Naturais, Matemática, Desenho e Trabalhos Manuais, Moral, Educação Física e Canto Coral. As do 2º: Português-Latim, Inglês (ou Alemão), História, Ciências Físico-Naturais, Moral, Educação Física e Canto Coral (no 4º ano, havia Higiene). As do 3º – Ciências: Matemática, Ciências Geográficas, Ciências Biológicas, Ciências Físico-Químicas, Organização Política e Filosofia. 3º – Letras: Português, Latim, Ciências Geográficas, Filosofia, Organização Política, Educação Física e Canto Coral.

Estas 18 disciplinas, no ano lectivo de 1942-43, ano em que entrei para o Liceu, eram dadas pelos seguintes professores (e sublinharei os que eram de Vila Real ou aqui viviam e tinham constituído família):

Alberto Carvalho (Ciências Geográfico-Naturais e Ciências Físico-Naturais); Alberto Lisboa (Português, Francês e Latim); Aníbal Catarino Nunes (Organização Política e Ciências Geográficas); António Madeira (Ciências Físico-Naturais e Ciências Biológicas); António Simões (Ciências Geográfico-Naturais e História); Augusto Cardoso (Matemática, Desenho e Trabalhos Manuais); Celestino de Azevedo (Inglês e Alemão); Domingos Campos (Higiene e Médico Escolar); Francisco Correia (Inglês e Alemão); Jacinto Guedes (Matemática); José Serrão (Desenho e Trabalhos Manuais); José Vitorino da Costa (Ciências Físico-Naturais e Ciências Físico-Químicas); Júlio Viana (Educação Física); Madalena Cunha (Canto Coral); Manuel Cardona (Matemática); Maria José Sequeira (História); Marinha Sousa Andrade (Português-Latim); Óscar Lopes (Português-Latim, Filosofia e Português); Pinto Soares (Português-Latim) e Padre Serafim de Oliveira (Moral).

44 A - Tenho, para contar, 4 histórias passadas no Liceu e a primei-

ra vai ser com o Senhor Dr. Domingos Campos que, como digo atrás, era médico escolar.

Passei, com o Senhor Dr. Domingos Campos, uma das maiores vergonhas da minha vida, teria eu uns 12 ou 13 anos, idade em que o meu vocabulário, como é óbvio, era muito mais limitado do que actualmente.

Um dia, comecei de sentir-me mal disposto, com dores de cabeça e as pernas treme-que-treme. A tal ponto que, por minha iniciativa, resolvi procurar o Senhor Dr. Campos, no intervalo entre duas aulas. Encontrei-o num corredor do Liceu, a falar com três alunas “grandes”, que é como quem diz: do 7º ano. Com o sentido de oportunidade que sempre me caracterizou, dirigi-me a ele, interrompi a conversa e, de rajada, recitei-lhe os achaques de que padecia. E ele:

– Tu tens diarreia?...

Corado, não tanto pela palavra, mas por nunca a ter ouvido, confessei que não sabia o que queria dizer. E ele:

– Sim, se tens soltura...

As “grandes” disfarçaram o riso, quando voltei a corar e a manifestar a minha ignorância. Aí, o Senhor Dr. Campos, face a tamanho analfabetismo, explodiu, irritado:

– Olha... E caganeira, sabes o que é ?...

Isso sabia, isso tinha e isso não era nada, eu que pedisse à minha Mãe para me fazer um caldo de arroz...

44 B – No meu 1º ano, tive os seguintes professores: Português e Francês (Senhor Dr. Alberto Lisboa); Ciências Geográfico-Naturais (Senhor Dr. Alberto Carvalho); Matemática (Senhor Dr. Manuel Cardona); Desenho e Trabalhos Manuais (Senhor Eng.º José Serrão); Moral, Educação Física e Canto Coral (os professores indicados no **44**). Foram também meus professores, noutros anos, os Senhores: Dr. Celestino de Azevedo (Português e Inglês); Dr. Pinto Soares (Português-Latim, Portu-

guês e Latim); Dr. Manuel Cardona (Matemática); D. Lúcia Guedes de Araújo (Ciências Físico-Naturais); Dr. João Seromenho Teles, D. Irene Trancoso e Dr. Joaquim Pina (História); Dr. Carlos Sanches (Filosofia e Organização Política) e Dr. José Vitorino da Costa (Ciências Geográficas). E mais alguns, cujos nomes, por só lá terem estado um ano, não recordo. Com excepção do Dr. João Seromenho Teles, que me ficou na memória porque eu (como, aliás, quase todos os seus alunos...) lhe tinha muito medo, e que deixou nome na cidade, mais adiante direi porquê.

Como reitores, durante os meus 7 anos de liceu, conheci dois: o Senhor Dr. José de Almeida e Costa, homem de cultura – é um dos autores do Dicionário da Língua Portuguesa, da Porto Editora –, mas pessoa sem capacidade para o lugar que ocupava, por ser dado à bebida. Foi substituído, creio que no ano lectivo de 1946-47, pelo Senhor Dr. Martinho Vaz Pires. Este era afecto ao regime político então vigente e, a curto prazo, talvez demasiadamente curto – o que lhe concitou algumas resistências entre os professores, na sua maior parte simpatizantes das ideias republicanas – pôs o Liceu de Camilo Castelo Branco a funcionar em condições. Ou, pelo menos, segundo os padrões exigidos por Lisboa... Uma coisa, no entanto, é necessário dizer – e não falo por conhecimento directo pois, quando entrei para o Liceu, já o Senhor tinha saído para Lisboa, em 1938: por muitas que fossem as qualidades dos Senhores Dr. Almeida e Costa e Dr. Martinho Vaz Pires, elas ficavam a perder no cotejo com as do Senhor Dr. Pedro Serra que, enquanto esteve em Vila Real, foi Reitor por mais do que uma vez. Era um verdadeiro humanista, mestre muito estimado pelos colegas, pelos alunos e por toda a cidade e homem de grandes princípios morais e intelectuais, que soube transmitir aos seus três filhos.

E aí vai a segunda história, esta passada com o Senhor Dr. Pinto Soares e com o Zé Lameirão, meu primo e colega, hoje advogado em Niterói, no Rio de Janeiro.

44 C – O Senhor Dr. Pinto Soares ensinou-me Português-Latim no

2º Ciclo e Latim e Português, aqui duas disciplinas separadas, no 7º ano. Foi um dos melhores professores que tive e a ele devo o gosto que tenho pela leitura e pela escrita. Recordo-o com muita estima, pese embora a sua exigência e parcimónia nas classificações.

Avantajado na compleição e sibilante no falar, amenizava o seu aspecto aparentemente severo com duas anedotas por aula, essa era a média. Pelava-se por o fazer, mas, enfim, tinha mais queda para o “*rosa-rosae*” do que para contar chistes... Apesar disso, a turma inteira rebo-lava-se de riso, erguia-se uníssonos em gargalhadas tonitruantes e desfe-riámos mesmo sonoras punhadas no tampo das carteiras para que o Senhor Dr. Pinto Soares se apercebesse de quanto lhe apreciávamos as larachas. Isso nos fora recomendado por anteriores discípulos seus como sendo a forma (um pouco primária, convenhamos...) de amolecer a rigidez do mestre.

Um dos escolares que mais sobressaía nas suas exteriorizações de entusiasmo e jucúndia era o meu primo Zé Lameirão. Cábula ao cubo, compensava o desamor ao estudo com uma expedita alegria de viver que, pelo menos na altura, lhe augurava um futuro isento de preocupações. Um curto exemplo: corrido a negativas em quase todas as disciplinas, dava, no seu 4º ano, explicações de Inglês aos do 5º...

Revertendo porém às anedotas do Senhor Dr. Pinto Soares, sublinhe-se o papel desempenhado activamente pelo meu primo na desbordante alacridade de toda a turma. Estou a vê-lo, um dia, a atravessar a sala, no seu passo nervoso e miudinho, para mandar um cachação valente num colega que, a cabecear de sono, se mostrava alheio à jovialidade reinante...

Uma tarde, com o 3º período a aproximar-se do seu termo, interrompeu o mestre a análise do “Auto do Fidalgo Aprendiz”, de D. Francisco Manuel de Melo, para mais uma das suas sensoronas historietas, ainda por cima mal contada, como era habitual. A maltosa explodiu, mas o Zé Lameirão, ao contrário do

que era costume, continuou sentado, a cabeça aguentada pela mão absorta, o olhar perdido no vago...

O Senhor Dr. Pinto Soares estranhava o marasmo insólito:

– Tu estás doente, ó Lameirão?...

De lá, abúlico e silente, acenava ele que não, que não estava. E o velho professor, voltando à carga, num assomo melindrado:

– Parece que não achaste graça...

Vazio na expressão e na alma, o Zé suspirou. Depois, num encolher de ombros resignado:

– Ó... Eu já sei que estou chumbado...

44 D – E porque referi, um pouco mais atrás, os meus professores no 1º ano, o mesmo farei no que respeita aos mestres que nos acompanharam, aos de Ciências e aos de Letras, no nosso 7º ano. Estes que menciono de seguida, dando a primazia aos de Ciências: Senhor Dr. Manuel Cardona (Matemática); Senhora D. Rosa Sampaio (Ciências Geográficas); Senhora D. Lúcia Guedes de Araújo (Ciências Biológicas); Senhor Dr. José Vitorino da Costa (Ciências Físico-Químicas); Senhor Dr. Carlos Sanches (Filosofia e Organização Política); Senhor Dr. Júlio Viana (Educação Física) e Senhora D. Zulmira Cardoso (Canto Coral). Quanto aos de Letras: Senhor Dr. José Pinto Soares (Português e Latim); Senhor Dr. José Vitorino da Costa (Ciências Geográficas); Filosofia, Organização Política, Educação Física e Canto Coral (os mesmos Professores de Ciências).

Sublinho 4 factos: 1º – Ciências e Letras tinham, como disciplinas comuns, Ciências Geográficas, Filosofia, Organização Política, Educação Física e Canto Coral. 2º – A professora de Canto Coral era mulher do Senhor Dr. Augusto Cardoso. 3º – A disciplina de Moral só constava do currículo escolar até ao 6º ano, sendo seu titular o Senhor Padre Serafim de Oliveira. 4º – O Senhor Dr. Carlos Sanches nascera e tinha família em Vila Real, onde regressara depois de muitos anos noutros liceus; viria a terminar a sua carreira em Coimbra; ali o encontrei, quan-

do fui aluno da Faculdade. E ainda mais um apontamento, que me parece interessante, sobre o Senhor Dr. Carlos Sanches: era casado com a Senhora D. Margarida, *née* Lucena, da família do mesmo nome, da Quinta de Vilalva. A mãe desta Senhora entrou na história da Literatura Portuguesa, já que foi a “Purinha” sobre quem António Nobre escreveu no “Só”, o seu único livro – e transcrevo uma pequeníssima parte do poema que o poeta lhe dedica:

*Fui ter com minha Fada e disse-lhe: “Madrinha!
Mas pode haver, assim, na Terra uma Purinha?”
E a minha Fada com sua vara de marfim
Nos ares escreveu com três estrelas: “Sim!”*

44 E - Faltam-me duas histórias do Liceu, não é? Então vou já contar uma delas, guardando a última para o fim da Rua Direita. Esta que se segue foi com um professor de Filosofia que só esteve um ano em Vila Real e se hospedava na Pensão Leite, ao pé da Igreja da Misericórdia. O outro interveniente era o meu grande Amigo “Necas” Costa Gomes, infelizmente já falecido.

O Costa, ou “Ruço”, como também lhe chamávamos, gostava tanto de estudar como eu de uma gripe no Verão. Rapaz de boa cabeça, apesar de não ir muito à bola com os livros, conseguiu completar o liceu com um único chumbo, creio que no 4º ano, quando o apanhei, seguindo depois com ele até ao fim do curso. Nos exames do 7º ano, o “Necas”, passadas à tangente as provas escritas, começou com as orais. Fez uma, fez outra e mais outra, até que chegou à Filosofia, cadeira de que não sabia literalmente nada.

Quem o iria examinar era o tal professor que mencionei acima e que, como todos os filósofos, andava sempre nas nuvens. Solteiro e bom homem, chegavam os exames e a mãe, que estremecia, ia fazer companhia ao seu menino que, vivendo sozinho, bem precisava de algum apoio, com a trabalhadeira de ver pontos e fazer orais.

Na véspera da sua oral de Filosofia, sobe o “Ruço” as escadas da Pensão Leite e pede para ser recebido pela mãe do examinador. Veio a senhora e o meu colega, barba por fazer, aralquebrado e tossindo cavernosamente para dentro de um lenço que salpicara de tinta encarnada, desfiou-lhe uma história pungente que, a ser aproveitada por um qualquer guionista, dava uma telenovela de encher o olho... de lágrimas...

História que era esta: tuberculoso em último grau, fora autorizado pelos médicos a fazer o 7º ano, com a promessa, logo após o último exame, de se meter num comboio, quando não numa ambulância, e seguir direito para o Caramulo, onde, se lá chegasse vivo, pouquíssimas hipóteses tinha de salvação. E acontecia – isto entre convulsos espasmos de tosse e a face alagada da compadecida ouvinte – acontecia, minha senhora, que o último exame era precisamente no dia seguinte e logo de Filosofia... Por alminha de quem lá tivesse, não poderia a senhora transmitir ao seu querido filho o último pedido de um moribundo, envergonhado de entregar a alma a Deus sem o 7º ano concluído?...

Desfeita e soluçante, pedia ela ao “Necas” que lhe deixasse, num papel, o nome e a data e a hora do exame. E, enquanto o “tuberculoso” caligrafava os dados necessários, a boa velhinha garantia-lhe, num ensopar de lenços, que morresse descansado, porque a sua solicitação não deixaria de ser atendida...

Na manhã seguinte, ao entrar para o exame, deu-se conta o professor de que esquecera, na pensão, o nome do condenado pela Medicina. E, como já não sobrasse tempo de ir ao quarto buscar o papel – lembrava-se apenas de que era alguém que prestaria provas durante a manhã – teve uma ideia salvadora: passou todos os alunos que se apresentaram antes do almoço...

Disse “salvadora” e disse bem. Porque se o “Ruço” não deu uma para a caixa, houve menino que nem a boca abriu e,

graças ao providencial esquecimento do “Aristóteles”, foi almoçar com um 10 na pauta. O Albaninho “Pitachoca”, por exemplo...

E, com a ressalva da 4ª história, que contarei no final da Rua Direita, digo adeus ao Liceu, onde passei os melhores anos da minha vida.

45 – Em 1939, mais precisamente no dia 29 de Dezembro, estreou-se nos Estados Unidos o filme “Balalaika”, realizado por Reinhold Schunzel, a partir de uma opereta, montada no East End, em Londres. “Balalaika” – que é uma guitarra russa de forma triangular – tinha como principais intérpretes os cantores Nelson Eddy e Ilona Massey e num pronto se tornou um sucesso de lotações esgotadas, não apenas pela história, mas também, e principalmente, pela parte musical, composta por várias canções que toda a gente trauteava, em especial a que dava nome ao filme – “At the Balalaika”. Em tradução portuguesa, chamava-se “És tu Balalaika” e os versos, traduzidos para português, começavam assim, tanto quanto me recordo: “És tu Balalaika / O vinho, a vida, a luz, o riso, o amor...” e outras pérolas literárias do género, a fazerem lembrar o hino de um partido político cujo nome não escrevo para não julgarem que estou a fazer pouco... Bem! Como disse, toda a gente, por esse Portugal abaixo, cantava esta cantiga e Vila Real também, pois claro. Nessa altura, cá na cidade, havia um rapaz, felizmente ainda vivo e já avô de netos, que era doido pela canção “Balalaika”, tão doido que estava sempre a pedir à rapariga com quem então namorava que a tocasse no piano.

Essa rapariga morava, com mais três irmãs, todas muito vistosas, na casa pegada à do senhor Dr. José Figueiredo. Eram filhas de um oficial “lateiro”, o Capitão Gomes, e todas muito requestadas pelos aspirantes a oficial que, em cada Fevereiro, saíam das escolas de milicianos e eram colocados nos diversos regimentos do País, entre eles o 13, de Vila Real. A tal que tocava a canção ao piano, tantas vezes a tocou que não demorou que ela e as irmãs passassem a ser conhecidas por as “Balalaikas”.

Nos “baixos” do Capitão Gomes, ficava a “Alfaiataria Pontes”, considerada a melhor da cidade. O dono era o senhor Adalberto Pontes, homem de bigode e com a preocupação de falar difícil, já que, na sua clientela, se incluía a “nata” de Vila Real. A mulher, que segundo creio trabalhava nos Correios, via muito mal e só saía à rua enfiada numa capa verde-bilhar, que fazia as vezes de casaco comprido. O casal tinha dois filhos, o João e uma menina cujo nome não recordo; o João não sei como e onde hoje estará. Naquele tempo, não regulava muito bem da cabeça: um dia, ainda não fora às sortes, desapareceu de casa e, quando regressou, trazia consigo uma rapariga com quem se tinha casado. Antes que esqueça: já por mais de uma vez ouvi que a Dulce Pontes, a cantora que inaugurou o Alvalade-XXI, é neta do senhor Pontes. Será que será?...

A “Alfaiataria Pontes” era, como digo, a mais conceituada da cidade e, para isso, além da qualidade dos acabamentos, contribuía, também, a publicidade que o senhor Pontes não se cansava de mandar transmitir nos altifalantes do Jardim da Carreira, nos intervalos dos fados da Amália e dos tangos do Francisco Canaro. Essa publicidade consistia nestas duas quadras que passo a transcrever:

<i>Se pretende, no trajar,</i>	<i>Se quer um fato perfeito,</i>
<i>Ser modelo em Trás-os-Montes,</i>	<i>De acabamento ideal,</i>
<i>Seus fatos mande talhar</i>	<i>Tê-lo-á, mas se for feito</i>
<i>Pelas hábeis mãos do Pontes.</i>	<i>No “Pontes”, Vila Real!</i>

Até vir para Lisboa, o senhor Pontes foi o meu alfaiate e estou em crer que, com os fatos que me fez, devo ter sido dos seus melhores clientes. Não sei que destino terão dado ao “baixo”; a 19 de Junho de 2003, estava lá, provisoriamente, a Farmácia Baptista, já que a botica do mesmo nome, uns metros mais adiante, passava por obras de restauro.

46 – E, com isto, seguimos para a casa do senhor Alberto Neto, com um andar e um rés-do-chão, onde ele tinha o seu escritório de agente de seguros (53), não sei de que companhia. O senhor Neto, que na

cidade era conhecido por “O Boi da Covilhã”, à uma por ser de lá, depois, pelo seu avantajado físico – e só por isso, porque a sua Senhora era um modelo de virtudes! –, acumulava várias actividades. A saber, e para além de agente de seguros: professor de grafias na Escola Comercial e Industrial e comandante dos Bombeiros de baixo, lugar que levava tão a preceito – e isto é o “Fanfan” que mo recorda – que até tinha um automóvel vermelho, da mesma cor das ambulâncias e prontos-socorros da corporação.

Estava sempre a dizer coisas, não deixava falar ninguém e tinha opiniões sobre tudo, mesmo que os assuntos lhe fossem completamente desconhecidos ou lhe passassem à margem. Como se pode ver por esta história, que o meu Pai contava dele e o define bem e à sua maneira de ser.

Ainda o meu Pai era solteiro, estava aboletado numa casa particular, onde o senhor Neto também era hóspede. Um dia, o Boavista, ao tempo um dos melhores clubes nacionais, foi jogar com o Vila Real, que tinha uma equipa assim para o modesto. Nas vésperas do jogo, com os hóspedes todos a jantar, sai-se o senhor Neto para o meu Pai:

– O senhor quer apostar como o Boavista ganha ao Vila Real?...

O meu Pai ria-se:

– Ó senhor Neto, olha a novidade!... De estranhar seria que o Vila Real ganhasse!...

E o senhor Neto, de imediato:

– Ai é?... Então aposto que o Boavista perde!...

Quando não se encontrava na Escola, a dar aulas, ou nos Bombeiros, que ficavam a poucos metros da sua casa, onde vivia com a mulher e sem filhos, o senhor Neto sentava-se no seu escritório, sempre de porta aberta, a meter conversa com quem passava na Rua Direita. Na Escola, e apesar de não ser licenciado, quem mandava era ele, porque o Di-

rector, o falecido e meu querido Dr. Sebastião Ribeiro, um homem a quem Vila Real muito deve, logo direi porquê, não resolvia nada, tinha medo de tudo e assustava-se com os modos e o vozeirão do senhor Neto. Modos que lhe passaram e vozeirão que calou – isto à guisa de parêntese –, quando, nos finais da década de 50, apareceu na Escola, vindo do Porto, um tal Hernâni, que não regulava bem da cabeça e a primeira coisa que fez foi pôr a correr que tinha sido lá posto pelo Ministério da Educação para meter a Escola nos eixos... E fecha o parêntese.

Eu disse, linhas acima, que Vila Real deve muito ao senhor Dr. Sebastião Ribeiro. Isso porque, talvez nos anos 30, não sei mesmo se antes, de Lisboa veio a notícia de que o Governo se preparava para encerrar a Escola, por falta de alunos. E o senhor Dr. Sebastião Ribeiro pôs-se a correr a cidade, batendo a todas as portas, a pedir aos pais que inscrevessem os seus filhos na Escola, para evitar que ela fechasse. Hoje, com estes nomes e políticas de ensino em vigor desde há uns anos, já não há Escola nem Liceu, tem tudo a mesma designação, mas, durante muitos anos, se Vila Real teve Escola Comercial e Industrial, se muito jovem sem recursos pôde aprender alguma coisa e se muita gente da terra, sem emprego, pôde ganhar uns tostões a dar aulas, ao senhor Dr. Sebastião Ribeiro o deve e essa homenagem aqui lhe deixo.

E aproveito o ensejo para contar duas histórias a seu respeito, que acho muito engraçadas, espero que o leitor seja da mesma opinião.

A primeira passou-se comigo, que dava aulas de Inglês e, um dia, por alturas de um Inverno mais rigoroso, acordei afónico. Fui ter com o senhor Dr. Sebastião Ribeiro e, num sussurro, disse-lhe que não podia dar aula porque estava sem voz. E ele, numa das poucas decisões que o vi tomar:

– Olha, Alvarinho... Então, se não podes dar aula, faz um ditado, faz um ditado...

A outra história, não sei se é verdadeira, mas corria há muitos anos na cidade e tem a ver com o medo congénito que fazia parte da maneira

de ser do meu Director. Medo que tanto se revelava na Escola como em casa, que não era longe, ficava na Rua da Boavista, logo a seguir aos Bombeiros de cima.

Conta-se que, uma noite, estava ele a dormir com a mulher, a santa da Senhora D. Filomena, quando no silêncio da madrugada, se ouviram ruídos insólitos no rés-do-chão. E ele, sobressaltado, para a mulher:

– Ó Filomena, tu vai lá ver o que é... Se forem ladrões, eles, às senhoras, não fazem mal...

46 A - Eu disse que o senhor Dr. Sebastião Ribeiro morava na Rua da Boavista, não disse? Então tenho mais uma história, contada pelo senhor Eng.º Cunha Serra que a ouviu, em pequeno, ao seu avô, o senhor Dr. João Avelino. Aí vai ela.

Na Rua da Boavista, por volta da década de 20, morava um tal Perdigão que, a certa altura, descobriu que a mulher o enganava com um médico cujo nome não interessa, apesar de já ter morrido, porque ainda tem filhos vivos. E de que se lembrou o desfeito marido? Aos poucos, começou a acumular fardos de palha no baixo da casa e, um dia, quando o rival estava na cama, com a amásia, o Perdigão largou fogo à palha. Saem o médico e a mulher, em trajos menores, para o meio da rua, onde quem ia a passar ou queria ajudar a apagar o incêndio, viu aquele lindo espectáculo. E o desprevenido conquistador, se quis evitar que o caso fosse para tribunal, teve de desembolsar uma generosa maquia, com que calou o manso Perdigão. Só que a coisa não iria ficar por aqui.

Menos pela dinheirama esportulada do que pela vergonha por que passara, o médico foi ter com um jagunço que havia em Vila Real e contratou, depois de combinar o preço, que ele daria um tiro no Perdigão. Só que o pistoleiro era amigo da futura víti-

ma e foi-lhe dizer do trato. Pois não havia problema, garantiu-lhe o outro: ele iria passear para o Jardim da Carreira, o da pistola subia ao Calvário com o contratante e, de lá, disparava cá para baixo um tiro, mas de pólvora seca, ele que visse lá bem... Após o que o Perdigão se deixava cair redondo, a fingir de morto, e o amigo, quando recebesse o dinheiro do vingativo esculápio, dividia-o a meias com ele. Quer dizer: não cometia crime nenhum e ainda por cima arrecadava uns centos de mil réis... Aconteceu tal-qualmente, razão pela qual o doutor pagou por duas vezes os seus amores proibidos e o Perdigão, a despeito do peso na testa, aumentou o pé-de-meia...

47 – Recordo o senhor Almor, sempre ao balcão da sua casa de ferragens, onde, como ele dizia, vendia “chumbo com olhos”. A loja era um corredor comprido e escuro, com uma janela ao fundo, abrindo para um quintal mal cuidado. A casa tinha dois andares e quando, eu e outros meninos lá da rua, íamos brincar com o Alberto, ao tempo o filho mais novo do senhor Almor, subíamos para o segundo andar, onde, numa sala grande, cheia de janelas e vazia de móveis, contávamos histórias e dávamo-nos a passatempos que a memória esqueceu. A loja do senhor Almor tinha um balcão muito comprido, formando esquina, à esquerda do qual havia prateleiras e os fregueses encomendavam o que queriam. À direita, e por trás do balcão, o ferrageiro – um homem com pouco cabelo e de menos palavras, moreno e sem um sorriso na face mal barbeada – ficava de pé, a mão direita sempre a revolver numa caixa com pregos e taxas de todos os tamanhos, à conversa ocasional com um freguês ou um esporádico amigo que por ali aparecesse. Não tenho ideia de quando morreu; sei, isso sim, que o Alberto foi para Moçambique, donde regressou muitos anos depois, talvez por 1958. Nessa altura, já no “baixo” estava o “Ciclone das Meias”, do meu amigo Alfredinho Rodrigues da Silva, de quem falei quando corri os ímpares da Rua Direita. Hoje, o Alberto Almor é sócio e gerente da “Espingardaria Transmontana”, encaixada, como já disse, entre a “Livraria e Papelaria

Sampaio” e o antigo quartel dos Bombeiros de baixo.

47 A – Na manhã do dia 15 de Fevereiro de 1941, com 9 anos feitos poucos dias antes, eu estava numa aula, no Colégio da Boavista, quando alguém me veio chamar, era o meu Avô, que vinha buscar-me. Cá fora, havia pouca claridade, o céu estava carregado de nuvens muito escuras e o Padrinho deu-me a mão. Começámos a andar, com ele a acompanhar, vagarosamente, os meus pequenos passos. Julguei que se aproximava o anoitecer e, embora me não lembrasse de ter almoçado, perguntei-lhe se, em chegando a casa, o jantar estava pronto. O meu Avô, Deus o guarde, fez-me uma festinha na cabeça e respondeu que o jantar só seria à noite, porque agora...

Interrompi-o, numa surpresa:

– Só à noite ?!... Mas então já não é noite?...

Explicou-me então, e essa era a razão de ter ido por mim, ao Colégio, que, para aquele dia, tinham anunciado um grande ciclone e que as pessoas estavam a ser aconselhadas a não sair enquanto o mau tempo não passasse. Chegámos ao 13 da Rua Direita, a Vovó Olímpia serviu-nos o almoço e, comida a sobremesa, fui com o meu Avô para o quarto, onde nos deitámos na mesma cama, como fazíamos diariamente – a Vovó dormia noutra quarto –, se bem que só à noite. Não demorei a adormecer e lembro-me apenas de ter acordado no dia seguinte, sem sequer ter jantado. Sai à rua com o meu Avô e a cidade estava irreconhecível! Árvores antigas arrancadas pela raiz e derrubadas nas ruas e na Avenida, casas completamente destelhadas, automóveis, os poucos que havia em Vila Real, virados de pernas para o ar e o Mercado Municipal, constituído por dois pisos em degrau, onde hoje ficam os Correios, todo destruído. A reconstrução dos estragos levou muitos meses e ainda hoje tenho na memória a imagem do Mercado deitado abaixo pelas forças incontroladas e demolidoras da Natureza. Quanto ao resto, não me lembro de mais nada.

47 B – Vem o texto anterior a propósito da loja que, depois de

1941, não sei ao certo em que ano, substituiu a do senhor Almor. Pertencia ao meu Amigo Alfredinho Rodrigues da Silva que, depois de fazer as necessárias obras no “baixo”, abriu o “Ciclone das Meias”. O nome tinha a ver com a calamidade que assolara o País – ninguém é perfeito... – e com o principal artigo que, na loja se vendia. Com o tempo, o Alfredinho passou a ser conhecido por “Alfredo Ciclone” e, quando morreu, a viúva, a Senhora D. Celeste resolveu, e bem, mudar o nome do estabelecimento para “Casa Alfredo”, nome que ainda se mantém, continuando a pertencer à viúva (54).

47 C – A história de Vila Real ficará, creio, mais enriquecida se, de seguida, alinhar aqui alguns elementos sobre a família Rodrigues da Silva. Esta era constituída por 8 irmãos e irmãs – os dois mais novos de um segundo matrimónio – dos quais, no momento em que escrevo, ainda são vivos três deles: os dois mais novos e o António, por alcunha o “Lasquinhas”, que tem à volta de 90 anos e foi, muito novo, para a Régua, onde trabalha em fotografia, arte que ensinou ao seu irmão Mário, o segundo da lista da família. Esta, por ordem decrescente de idades, era constituída pela Senhora D. Maria José, que não casou e vivia em casa do irmão Dionísio; pelo Mário; pelo Dionísio; pela Senhora D. Maria Olímpia, que também vivia em casa do Dionísio; o António “Lasquinhas”; o Alfredo e, a terminar, a Senhora D. Maria Ângela, a única das irmãs que casou, mas morreu de parto, quando ia ter a sua primeira criança. Era casada com o senhor Licínio Lima, que voltou a contrair matrimónio e teve dois casais; uma das filhas, a Virgínia, é mulher do Embaixador Seixas da Costa. Dos rapazes, um deles, o António (Belém Lima) é hoje um arquitecto de reconhecido mérito, não apenas a nível nacional, como, até, internacional. Vi trabalhos seus na Europália, em Bruxelas.

Quanto aos irmãos do “Lasquinhas”, o Mário, o Dionísio e o Alfredo, ocuparam o “baixo” do senhor Relvas, um negociante de fazendas com duas filhas e dois filhos – um deles o Pim, que se formou em Engenharia e foi trabalhar para Faro, e o outro o Luís, que não sei onde pára, nem ele nem as irmãs. A loja do senhor Relvas ocupava o espaço

que actualmente está ocupado pela “Foto Marius” – e se alguém pensa que o nome pode vir da trilogia (“Fanny”, “César” e “Marius”, do Marcel Pagnol) tire daí o sentido... – e, ao lado, pela casa aberta pelo Dionísio e hoje propriedade de um dos filhos, o meu bom Amigo Eduardo. O Dionísio, que teve um dos primeiros táxis de Vila Real, era mais monárquico do que o rei D. Afonso Henriques e o seu fervor ideológico – que me levava, com muita amizade, que ele retribuía, a chamar-lhe “O Rei dos Rádios” – só podia ser comparado ao enorme e devorador apetite, que o tornava num dos melhores “garfos” da cidade. Um exemplo dessa sua voracidade: o Dr. Domingos Campos, quando chegava o Natal, recebia presentes de vários lados, porque dava consultas e não levava um tostão. Muitos desses presentes eram perus e o médico, todos os anos, mandava assar um e convidava o Dionísio para lá ir dar cabo do galináceo. Diz-me quem, por vezes, presenciou o festim, que o convidado só se levantava da mesa quando, do bicho, só sobrava a carcaça... e esburgada de tudo quanto fosse fêvera!

E, antes de prosseguir, alinhemos aqui, a propósito do “Marius”, as outras casas de fotografia que, nas décadas e 40 e 50, havia em Vila Real.

Na Rua Direita, tínhamos o Macário que, como já disse atrás, depois mudou para o Caminho de Baixo e deixou as instalações, na casa do pai, ao seu irmão, António Magalhães, que passou, também, a trabalhar na arte. Depois, e além do “Marius”, havia, mas na Rua António de Azevedo, um outro fotógrafo, o sargento Ilídio, genro do “Gralheira”, um senhor de apelido Alves, que tinha uma mercearia e, entre outros filhos, era pai da Edite, que foi minha colega do 1º ao 7º ano, e do Manuel. Este último versejava com muita facilidade – chamava-se, a si próprio, o “Poeta das Multidões” – e constava que, na prova de Português do exame do 3º ano, fizera a redacção em verso. Vive actualmente no Rio de Janeiro, onde colabora diariamente com um problema de palavras cruzadas num dos

principais jornais brasileiros, sendo considerado a maior autoridade mundial em cruzadismo. E, quanto a fotógrafos, fico-me por aqui, já que só refiro os que tinham porta aberta, ignorando os que, de tripé em punho, corriam feiras e arraiais a tirar retratos “à la minute”...

47 D – Resta-me falar do mais novo dos irmãos Rodrigues da Silva, o Alfredo, que me vai dar pano para mangas. Além de “O Ciclone das Meias” tinha também uma aparelhagem sonora que, em chegando a Maio, instalava no Jardim da Carreira, transmitindo os grandes sucessos musicais do momento e anúncios, lidos ao microfone pela voz bem modulada do “Toto”. Nas noites calmosas de Verão, a cidade inteira subia ao Jardim, passeando de uma ponta à outra, descansando nos bancos espalhados por baixo das árvores, dando à língua e enchendo-se de poeira. Quem quisesse, podia dedicar um disco à menina A ou à Senhora da Saia aos Quadrinhos, desde que pagasse 25 tostões; as dedicatórias eram, quase sempre, anónimas porque o ofertante se encobria sob o pseudónimo de “Paixão Sem Fim”, “Amor Impossível” ou pérolas de igual quilate...

E já que falo no “Toto”... Era filho do senhor Alberto Passos, fruto de uma sua aventura na Ilha do Ibo, em Moçambique, com uma mulher de cor, que por lá ficara, enquanto o pai da criança regressava à Metrópole, trazendo consigo o produto dos amores ilícitos. O “Toto”, com o primeiro nome igual ao do pai, era de cor, mas as feições, eram iguais às de um branco, tendo sido criado, até aos seus 3 ou 4 anos, pelo pai e pela sua primeira mulher, a escritora Maria Archer. Durante muito tempo, e concluída uma breve passagem pelo Liceu, andou sem fazer nada, uma vez que as locuções no Jardim da Carreira lhe dariam, quando muito, para o tabaco... se é que fumava... Já trintão, arranjou lugar na CUF, casou e foi viver para o Porto, onde ainda hoje está, permita Deus que por muitos anos. A propósito dele, recordarei mais algumas pessoas de cor, não muitas, a viver em Vila Real, ou por lá aparecendo, nos anos 40.

Além do Toto, havia dois irmãos, o Heitor e o Hermenegildo, filhos do mesmo pai, mas de mães diferentes. O pai inscrevera-os, um dia, no Colégio da Boavista e deixou de se interessar por eles, voltando para África, nunca mais dando notícias. Acabariam por ser baptizados e criados pelo director do Colégio, o senhor Miranda, que deu, a cada um, o curso do Magistério Primário. Além destes dois irmãos, havia outros dois, o Daniel e o Jorge Relvas de Carvalho. O primeiro formou-se em Medicina e vive em Lisboa, creio que já reformado; o Jorge, penso que se licenciou em Economia, mas desconheço onde pára. E uma família Bettencourt, que o marido era de Cabo Verde. Indianos, recordo-me apenas do Dr. Sales de Andrade, amigo da Família Seixas Martins, e de um estudante, o Salvador Remo de Noronha, que, aliás, foi hóspede dos meus Pais e é hoje médico, creio que em Torres Vedras. E dois timorenses, os Irmãos Tinoco. E não me lembro de mais ninguém, exceptuando um, cujo nome ignoro, que era muito mais velho do que estes que acabo de citar, e que foi antecessor do Alfredeiro Rodrigues da Silva no que toca a instalações sonoras. Chamavam-lhe o “Siki”, era mulato, vivia para os lados da Estação e os seus altifalantes atroavam a pacatez da cidade, nas Festas de Santo António, lá para cima, no Pioledo, e de São Pedro, na Rua Central, não deixando ninguém dormir.

47 E – Quando era mais novo, o “Siki” jogara boxe, mas nada posso adiantar quanto ao seu valor como pugilista. Em Vila Real, um dos seus contendores era o “Nocas”, um gastalho de homem, mudo de nascença e que passava os dias no “Café Excelsior”, a jogar as damas com o Dr. Júlio Viana, com o Araújo e com o senhor Padre Sarmiento. Antes de falar mais sobre o “Nocas”, deter-me-ei sobre o senhor Padre Sarmiento.

Conheci-o ainda seminarista, quando, juntamente com os outros rapazes, uns mais velhos, outros mais novos, que frequentavam o Seminário, passeavam pelas ruas mais retiradas da cidade, em fila indiana.

Encontrei-o, depois, já sacerdote, nas cerimónias pascais da Sé ou rezando missa noutras igrejas de Vila Real; mais tarde, viria a ser Monsenhor. Foi sempre muito meu amigo e bastas provas me deu dessa amizade. Eu sempre gostei muito dele, mais que não fosse porque não era destes padres que vestem “à civil” e usam gravata. Dele se dizia que, um dia que morresse, ia direitinho para o Céu e, se Deus Nosso Senhor não tivesse lugar para ele, punha fora um santo... O seu único vício, se vício se pode chamar, eram as damas, que, nas horas vagas, e como atrás digo, jogava no “Excelsior”, recolhendo ao Seminário quando muitos dos seus colegas já ressonavam.

Um dia, o Bispo da Diocese, o senhor D. António Valente da Fonseca, mandou-o chamar. E quando ele entrou no gabinete de trabalho do prelado:

*– Então ouvi dizer que perdes muito tempo com as damas...
– disse-lhe o Bispo, num tom de voz meio risonho, meio severo.*

E o senhor Padre Sarmento, sem se atrapalhar porque nada lhe pesava na consciência:

– Pois perco, senhor D. António, pois perco... – E, depois de uma pausa: – Mas saiba Vossa Excelência Reverendíssima que as minhas são de pau...

Coisa de que muitos dos padres da Diocese talvez não se pudessem gabar..

Um deles, cujo nome não escreverei aqui para não pôr em causa a família, paroquiava nos arredores de Vila Real e tinha vários filhos. Um desses filhos, e bem bonito rapaz era ele, ainda o conheci e sei que tirou o curso do Magistério Primário; duas das suas irmãs trabalharam, ao que me dizem, numa instituição do Estado que não interessa dizer aqui qual seja. Sobre o pai, contava-se esta história, que vendo pelo mesmo preço que a comprei:

Uma vez, e em jeito de lamento pela sua queda para o sexo oposto que a Igreja lhe não permitia – uma vez, o tal padre, à

conversa com a criada do presbitério, suspirava, enquanto ela lhe servia o almoço:

– A carne é fraca, Maria, a carne é fraca...

E a mulher, que devia pouco à inteligência:

– O senhor padre quer que, em vez do cozido, lhe arranje antes uns ovinhos?...

47 F – Virá, talvez, a propósito, arrolar os padres de Vila Real ou que por lá apareciam, senão todos, pelo menos aqueles de que me lembro. É a seguinte a lista:

O senhor padre Henrique Maria dos Santos era o pároco da Sé. Nos meus últimos anos de Liceu, fui das Conferências de São Vicente de Paula e ele era o padre que nos acompanhava. Por sugestão minha, lançou um jornal, de que foi o primeiro director e que se chamava “A Voz de Trás-os-Montes”. Saiu de Vila Real e, ao fazer as despedidas, lamentava-se, dizendo que a terra fora muito ingrata para ele, até “comunista” lhe tinham chamado... Foi para os Açores, despadrou-se e casou com uma ex-freira. Depois do 25 de Abril, já comunista, foi posto no Continente e, actualmente, creio que vive em Évora. Continua ligado à terra e à escrita, escrevendo no jornal “Notícias de Vila Real” sobre figuras transmontanas ilustres. A freguesia de São Pedro esteve sempre entregue aos Franciscanos e o mais antigo de que me lembro, era eu pequenito, foi Frei Diogo Crespo que, anos mais tarde, já em Lisboa, fundou a revista “Flama”, onde começaram alguns dos que, depois, foram dos mais conhecidos jornalistas portugueses, entre outros os meus amigos Rolo Duarte, Neves de Sousa e Manuel Beça Múrias. Depois de Frei Diogo Crespo, só tenho ideia de mais dois Franciscanos: o senhor Padre Peixoto, com família perto de Viana do Castelo, e o senhor Padre Abel. Os Franciscanos tinham a sua casa na Rua Central, por cima do “Bazar dos Três

Vinténs”, e depressa conquistaram a juventude da cidade. No Largo do Vilarealense, alugaram uma casa que, posteriormente, foi a sede do Sport Clube de Vila Real e lá instalaram o Lar da Paróquia, a que a miudagem, na brincadeira, chamava o “Lar da Paródia”. No Lar, havia revistas, rádio, gira-discos e discos, xadrez, damas, pingue-pongue e outros jogos adequados à nossa idade. Além disso, num quintal por trás da “Foto Marius” e da “Fernandes Chaves”, fizeram um campo de voleibol, onde a rapaziada, às tardes, jogava renhidos encontros.

Entre os padres mais antigos, contava-se o senhor Padre Filipe, de quem já disse ter sido Capelão da Casa Real; Monsenhor Ângelo Minhava, tio do Padre do mesmo nome (hoje também Monsenhor), que é autor da lindíssima “Marcha de Vila Real”, compositor inspirado, poeta e poliglota de grande mérito; Monsenhor Libânio, homem muito alto, Reitor do Seminário e que, no aspecto, lembrava Sua Santidade o Papa Pio XII; o senhor Padre Bernardino, que durante bastante tempo rezou a missa do meio-dia, na Sé, e tinha 52 homilias, uma para cada domingo do ano (Estou-me a lembrar que, na missa do dia 1 de Janeiro, terminava sempre dizendo: “E por isso, vamos pedir à Virgem Sãoíntissima que nos cubra com as fimbrias do seu mânto amâintíssimo”). Outros Padres: o senhor Padre Cardoso, hoje director do jornal “A Voz de Trás-os-Montes”; o senhor Padre Bernardo; o senhor Padre Mendes, que foi professor de Moral na Escola Comercial e Industrial; o senhor Padre Serafim, meu professor de Moral no Liceu; o senhor Dr. Barroso, que foi sócio do Colégio da Boavista; o senhor Padre Secundino; o senhor Padre Jorge; o senhor Padre Gil; o senhor Padre Carlos, que abandonou a vida religiosa, está casado em Chaves ou em Espanha e foi o primeiro padre que vi sem o tradicional fato preto, vai para 50 anos. E muitos outros sacerdotes que abandonaram o cabeção e a sotaina, uns para, continuando a rezar missa, usarem gravata e vestirem “à civil”, quase sempre com muito mau gosto; outros

para se casarem e terem mulher, filhos e a cama quentinha no Inverno, sem ser com botija. Deixo para o fim um bom Amigo meu, o Padre Inácio, que era dos arredores de Vila Real e andou muitos anos no Seminário, sempre a “marcar passo” como seminarista. Chamávamos-lhe o “Padre Inácio”, não por ser esse o seu primeiro nome, mas por causa da história, muito conhecida e brejeira, daqueles “penduricalhos” do Padre Inácio. Um dia, desapareceu de Vila Real e dizia-se que tinha ido para o Brasil. Era verdade: muitos anos depois, fui dar com ele em São Paulo, onde dizia missa numa das igrejas da cidade. Sei que regressou a Vila Real, mas, com grande pena minha, nunca mais voltei a vê-lo. E sobre padres, disse. Ámen.

47 G – Mas voltando ao “Nocas”.

Era sobrinho de dois velhotes, os Teixeiras “Pelados”, que tinham porta aberta entre o “Café Excelsior” e a sapataria do Zeca Martins, na Rua Serpa Pinto.

O mais baixo, de seu nome José, vivera uns anos nos Estados Unidos e era um excelente relojoeiro. O outro, o Duarte, lembrava o general De Gaulle, tanto nas pareenças como na altura, e vendia tecidos baratos, tipo chita ou riscado, além de instrumentos musicais, dos de corda. Dizia-se, na cidade, que o José tinha jeito para tudo, chegando a fazer dentaduras postiças, estou que para uso próprio, de cabos de escovas de dentes. Quanto ao irmão, sempre que ia ao mercado, às compras, as vendedeiras de fruta – havia uma chamada Arlanza... –, mal o viam aparecer, num pronto tapavam a mercadoria com aquilo que tivessem mais à mão. Isso porque o “Pelado” deitava a gadunha a uma maçã ou a uma pêra, cheirava-a, dizia, num êxtase: “Que bonito perfume!...”, e metia-lhe o dente, afastando-se sem pagar.

A loja dos Teixeiras “Pelados” tinha três portas. Na que limitava com o “Café Excelsior”, havia um pequeno balcão, por trás do qual o “mano” Zé se entretinha com os relógios que lhe confiavam para consertar. As portas restantes abriam para um outro balcão, esse da respon-

sabilidade do Duarte, que ali vendia os tecidos baratos e os instrumentos musicais. Em certos dias, chamava o José e dizia-lhe: “Ó José... Já é a terceira vez, hoje, que vêm cá pessoas comprar chita... Tu toma-me conta aqui do balcão, que eu vou lá dentro aumentar o preço...” E agarrando nas peças todas, enfiava-se para as traseiras. De outras vezes, entrava-lhe porta dentro um tipo de alguma aldeia próxima, interessado em levar um violão ou instrumento idêntico, dos de cordas. Pegava na banza, dava uns acordes e se, ao Duarte, lhe parecia que o freguês sabia tanto daquilo como de lagares de azeite, logo lhe arrancava a bandurra das mãos inábeis e corria com o homem: ele que aprendesse primeiro a tocar e, depois, lá lha havia de vender...

A família “Pelado” não se limitava a estes dois irmãos: além deles, havia outro, o Honório, que fora funcionário da Administração Colonial, e uma irmã, cujo nome não consegui apurar. Como, ao tempo, cada ano nas Colónias valesse por dois, segue-se que o Honório ainda era novo quando regressou a Vila Real, reformado, com uma pensão jeitosa e nunca mais fazendo nada no resto da vida. Era pai do “Nocas” e tio, juntamente com o José e o Duarte, de um filho da tal irmã, o Nené, que viria a casar com uma irmã do Chico Rocha. A este Nené, os dois irmãos “Pelados” não se cansavam de o aconselhar: “Tu não trabalhes, Nené, tu não trabalhes... Põe os olhos no teu tio Honório, que nunca fez nada na vida e está ali cheio de dinheiro...”

48 – O senhor António Luís – reparo agora que nunca soube como era o seu apelido – era, juntamente com o senhor Macário, o senhor Matos Guerra e o senhor Branco, um dos comerciantes mais antigos de Vila Real e, por coincidência, os quatro tinham balcão na Rua Direita. Só que, enquanto o senhor Branco negociava em papelaria e livros e o senhor Matos Guerra em fazendas, os outros dois, o senhor Macário e o senhor António Luís dedicavam-se às mercearias e freguesia não lhes faltava. Em minha casa, quando morávamos no 109, abastecíamos-nos no senhor Macário, que era mesmo em frente; na altura em que mudámos para o 13, passámos a ser fregueses do senhor António Luís, que

não era muito longe, uns 30 ou 40 metros, se tanto. Da última vez que estive em Vila Real – em Junho de 2003 –, a mercearia do senhor António Luís estava como sempre a conheci e creio que, actualmente, é explorada por familiares seus (55). O velho merceeiro tinha um sócio, o “Baiòlinda”, de quem também já falei. Era um bom homem, sempre com um sorriso nos lábios, e que, aqui para nós, andava às ordens da mulher, a Senhora D. Maria José. A loja era nos “baixos” da casa da família Galo: o senhor Galo, que era da Guarda e não sei em que se ocupava, a Senhora D. Maria Júlia, muito amiga lá de casa, e a filha, a Fernanda, que era afilhada da minha Mãe. Esta Fernanda, que também já morreu, foi a última pessoa a ver a minha Avó materna viva, pois vinha com ela, de Folhadela, quando a minha Avó morreu, com o muito calor que fazia.

49 – Pelos meus 13 ou 14 anos, ouvia dizer que, em Vila Real, espalhadas por todos os cantos, havia mais de 100 tabernas. Nunca as contei nem entrei em nenhuma, tirante a do Agostinho, que era na Rua Direita, perto do 13; eu ia lá, às vezes, porque a mulher do Agostinho, a D. Mariquinhas, gostava muito de mim e deixava-me escorropichar os restos de laranjadas e gasosas que ficavam nos copos dos fregueses. E, antes de dizer algumas coisas sobre o tasco do Agostinho e da D. Mariquinhas, o único que havia na Rua Direita, vou escrever aqui outras tabernas de Vila Real, não todas, está claro, mas as principais, as mais frequentadas.

Começo na Estação, junto à passagem de nível; ali era a do Pinto. Depois, passada a Ponte, vinha a Cardoa, fazendo esquina com aquela rua que desce até à Rua dos Ferreiros. Mais acima, à esquerda da Rua Miguel Bombarda e junto ao talho do senhor Antoninho, ficava a Areias, logo seguida, a poucos metros e no mesmo correr, do Coutinho. Na Rua Direita, como já disse, tinha a do Agostinho e, na Rua António de Azevedo, a do Alemão. O Abel fazia esquina para as traseiras da Igreja da Misericórdia e, na

Avenida, logo acima do Teatro Avenida, o Farinhato. Depois, quando se subia para a Rua D. Margarida Chaves, à esquerda do Palácio da Justiça, era o Pégio e o Mário 22, que antes tinha sido no Largo de São Pedro. Subindo ao Pioledo, encontrava-se o Barracão, que seria, talvez, a mais conhecida de todas. Na Avelino Patena, a taberna do Acácio, muito frequentada por funcionários da Câmara e do Banco Ultramarino; na 31 de Janeiro, o Nini e, junto ao fontanário de São Pedro, quem descia para a Rua Cândido dos Reis, lembro-me da do Mourão, um que também lhe chamavam o “Gelado” e tinha um filho, mais ou menos da minha idade, que costumava ir para a Rua Direita brincar connosco. Para terminar, em passando o Jardim da Carreira, bebia-se no Carrico e, mais adiante, no Moreira.

E, dito isto, entremos então no Agostinho (56).

No Agostinho, quem reinava era a mulher, a D. Mariquinhas, que fazia uns bolinhos de bacalhau que, quando estavam a ser fritos, perfumavam a Rua Direita toda. Muito grande e pouco falador, o Agostinho quase só abria a boca para perguntar aos fregueses se era branco ou tinto e para beber um quartilho do vinho que tinha lá em casa. Passada a entrada da taberna, havia uma sala cheia de mesas, dando para um quintal, nas traseiras, onde, no Verão, o pessoal jogava o fito ou descia para o Caminho de Baixo, escusava de ir até ao Cabo da Vila e dar a volta. Quanto à D. Mariquinhas, sempre sentada atrás do balcão, de grandes bandós colados à testa, dizia adeus a quem passava e, aos que paravam para a cumprimentar, perguntava, dengosa e estendendo a chávena, se eram servidos de um cházinho. Ninguém aceitava, uns porque não lhes apetecia, outros porque iam com pressa, outros ainda porque sabiam que, na xícara. em vez de chá, havia mas era vinho branco...

50 – A casa imediata tinha, nos “baixos”, o “stand” das máquinas de costura Singer. O “baixo” mudou de ramo e passou a ser uma extensão da casa comercial do senhor Luís Carvalho, que ficava ao lado, e de

que vou já falar. A casa da Singer só tinha um piso e lembro-me de lá ter morado uma família, com dois filhos, ambos meus contemporâneos no Liceu, tendo o mais novo o nome de Arquimedes. O que me proporciona a oportunidade para, rapidamente, recordar aqui alguns nomes fora do vulgar, que havia em Vila Real. A saber:

Achiles (de Almeida); Adoindo (Pimentel); Senhora D. Albinina (Mãe do Albano e dona da Sapataria Albinina); Alcibiades (Marido da Altair); Altair (Filha do Félix “Bufóferro”); Amável (Azevedo); Senhora D. América do Sul (Mulher do Dr. Claro da Fonseca); Aquileu (Irmão da Senhora D. Danila Botelho); Arcílio (Estudante do Liceu, morava na Rua António de Azevedo); Aristides Carmálio (Director da Escola do Magistério); Senhora D. Ascindina (Mulher do senhor Mário Silva); Atanagildo Teixeira Pinto (Engenheiro da Junta Autónoma das Estradas); Bibelino (jogador do Sport Clube e funcionário da Câmara); Carminé (Contínuo do Liceu); Senhora D. Corália (Filha do Tenente Manuel Maria); Dilma (Mota Freitas – morava na minha rua e casou com o Dr. Mendonça); Diocleciano Malheiro (meu colega de Liceu); Dirce (Serrão); Euclides Portugal (funcionário do Banco de Portugal e versejador); Gemina (Rapariga que morava na minha rua); Senhora D. Gentil (Couto); Gentil (Magalhães – Filho do senhor Macário); Senhora D. Haidé (Filha do Capitão Trancoso); Senhora Dr^a. Herculana (Farmacêutica e proprietária da “Farmácia Baptista”); Hermógenes Seixas (legionário, careca, morava na Travessa Cândido dos Reis); Ilménio Sotero Guedes, (funcionário da Câmara); Laurindo Costa, (Director da Escola do Magistério); Lenine (meu vizinho no 109 e filho de um caixeiro-viajante); Maria Carlos (Filha do Dr. Álvaro Vilar de Figueiredo); Maria Jorge (Filha do Dr. Álvaro Vilar de Figueiredo); Marilda (Padrão); Mayer (Amorim Colmonero, estudante no Colégio da Boavista); Orbelino (Geraldos Ferreira, professor de Didáctica na Escola do Magistério Primário); Nelly (Filha do Capitão Go-

mes “Balalaika”); Sebastiana (Costureira marrequinha que trabalhava lá para nossa casa); Senhora D. Secundina e senhor Anarolino (sogros do senhor Constantino de Almeida “Santoalha”); Dr. Sílvio Reinildo (Correia de Matos).

À frente do “stand” da Singer estava o senhor Barreira, homem apagado e sorumbático, não sei se por ganhar pouco, se por ser pai de duas filhas que atravessavam gerações e gerações de rapazes casadoiros sem que alguém as levasse ao altar. Estou que devia ser do nome – com excepção da minha querida Amiga e colega de Liceu, a Dulce Mariette – porque, mais adiante, no início da Rua Central e por cima da sapataria – mais uma... – do pai do actual Presidente da nossa Câmara (57), morava outra família Barreira, que o pai era contínuo do Grémio do Comércio, a funcionar no edifício. Este segundo senhor Barreira tinha quatro filhos: dois rapazes e duas raparigas. Destas últimas, a única coisa que posso dizer é que, no dia em que Deus Nosso Senhor distribuiu a beleza pela Humanidade, elas não compareceram: na véspera tinham-se deitado tarde e, à hora da distribuição, ainda estavam nos braços de Morfeu. Que, tanto quanto sei, terão sido os únicos braços masculinos que alguma vez as terão aconchegado...

50 A - Estas quatro Barreiras, que penso não terão contraído matrimónio, dão-me a ideia de fazer uma listagem – já fiz tantas que será mais uma... – das solteironas de Vila Real. Se a família das listadas – ou elas próprias, no caso de alguma ainda ser viva – se não importa, pois elas aqui vão, sem me preocupar com qualquer ordem – alfabética, etária, social, seja qual seja:

Senhoras Antunes (3, cujos nomes ignoro); Senhoras Vaz (Senhora D. Maria, Senhora D. Carolina, Senhora D. Beatriz e Senhora D. Ana); Senhora D. Carmo Barreira; Senhora D. Áurea (da família do Dr. Claro da Fonseca); Senhora D. Maria Emília Pires; Senhora D. Mariazinha Magalhães (Macário) e irmã, Anita;

Senhora D. Alice Gomes (Balalaika); Senhora D. Hercília Alves; Senhora D. Augusta Barroso Lozano; Senhora D. Miloca (não sei o apelido da Senhora); Menina Vilar; as duas Senhoras irmãs do Dionísio, de quem já falei; Menina Teresa de Oliveira Teixeira; Meninas Coelho (catequistas e doceiras); Senhora D. Glória Frederico (Professora do Ensino Primário e parente dos Alves); Senhora D. Glória Furriel (também professora do Ensino Primário); Senhora D. Zara Araújo (idem); filhas do juiz Dr. Armindo (pelo menos duas, talvez três, não sei mesmo se quatro); as duas filhas do Eng.º Emílio Botelho (da Garagem São Cristóvão); a única filha do Dr. Mário Vilar; a Senhora D. Lurdes Martins (irmã do Zeca Martins)... e fico-me por aqui, porque quero apresentar outras listas.

A primeira das quais, já que trouxe aqui a das solteironas, será a dos solteirões, que também não são tão poucos como isso. Ora vejam:

Cesarinho Sampaio, Chico Barrias, José Taboada, José Melo, Miguel Tildes Gomes, Eng.º Eugénio Varejão, Adérito Barroso, Isildo Agarez (que namorou perto de 40 anos!...), António Magalhães, Armando Melo, Óscar Espírito Santo, Dr. José Correia de Barros, Ângelo Matos Guerra, Teixeiras “Pelados”(2), Ruy Rocha e Castro, Toninho Queirós (da Pastelaria Rosas), Getúlio Gomes, Chico Rocha (o Chico “Barbas”), Dr. Madeira Pinto, Achiles de Almeida, “Visconde” Videira, Carvalho da Drogaria da Rua Direita, Fernando Meneses, do Banco de Portugal... e acho que chegam...

Já agora, por que não mencionar, também, os que estiveram quase, quase para ficar solteiros, mas, um dia – e fizeram eles muito bem! – resolveram “dar o nó” e tornar uma mulher feliz... deixando muitas outras inconsoláveis:

António Cunha Serra, António Marques de Castro, António Taboada, Dr. José Borges Rebelo (Dr. Zezé), Dr. Joaquim Mesquita, Joaquim Mascarenhas Lucas, Manuel Costa Fanfarra, Alfredo Rodrigues da Silva, Alcídio Libório, Rodrigo Araújo, Dr. Nuno Botelho, João Taborda e Eng.º Vaz Osório. Alguém se lembra de mais ?...

Terminarei esta lista de nomes com a dos irmãos que não se falavam; eram bem menos do que os nomes que figuram nas três listas anteriores, mas, para uma terra pequena como Vila Real então era, acho que não estava mal:

Macário e António Magalhães, Manuel e Ângelo Matos Guerra, Irmãos Carvalhos (os das Drogarias) e Luís e José Carvalho (os “Chineses”).

50 B - Por cima do “stand” da Singer, viveu, como atrás digo, a família do Arquimedes. Antes, porém, esteve lá a família do Zezinho Rocha – que depois se transferiu para a Avenida. A última ocupante do andar terá sido, tanto quanto me recorde, a Senhora D. Isabel, uma viúva, mãe de três raparigas, que recebia alunas da Escola do Magistério e era irmã do senhor Boaventura. Aí vai uma história sobre este senhor Boaventura, que me foi recordada – ainda que não com todos os pormenores correctos – pelo “Fanfan”:

Homem dos seus 60 anos, alto, com um bigode fino e um ar respeitável, o senhor Boaventura vivera por muito tempo nos Estados Unidos, donde regressara com um bom pé de meia. O suficiente para nunca mais fazer nada, a não ser ir até ao Salgueiro dar dois dedos de conversa a quem por lá aparecia e passar as tardes no Clube, a jogar a “loba” ou a “sueca”. Constava, na cidade, que emprestava dinheiro a juros; foi informação cuja veracidade nunca apurei, porque nunca lhe pedi nenhum nem soube de al-

guém que a ele recorresse. Ligeiramente gago, era pessoa de pouca instrução e que não se metia em política, ainda que, nesse particular, tivesse as suas simpatias. Em meados de 1945, quando a II Grande Guerra terminou, um amigo, à conversa com ele, no Clube, manifestava a sua preocupação quando às mudanças que, com a derrota do Eixo, iria haver em todo o Mundo, Portugal incluído.

– Sabe o que lhe digo ?... – Isto era o tal amigo, a escolher, entre as cartas que tinha na mão, a melhor para continuar a jogada. Depois, repetindo a pergunta: – Sabe o que lhe digo, senhor Boaventura ?... Tenho cá a impressão de que, qualquer dia, aparecem por aí os comunistas...

Ria-se o senhor Boaventura. Depois, com um sorriso largo, a gaguez a travar-lhe o discurso:

– Pois que... quero eu lá sa... saber... Trinta anos de boa... boa vida já nin...ninguém mos tira!...

Os irmãos Carvalho, não os droguistas de quem já aqui falei, mas outros com o mesmo apelido, dedicavam-se ao negócio das fazendas. Um e outro conhecidos por “Chinês” – ao parecer por causa do papel em que embrulhavam os artigos e que tinha impresso um chinês – o mais novo e mais baixo, o senhor Luís, tinha “estaminé” nos “baixos” da casa a seguir à do Arquimedes, sem que, no andar de cima, o único, morasse alguém. Dizem-me que, actualmente, está lá um seu empregado, mas não consegui saber se assim é. O senhor Luís Carvalho, mais tarde, estendeu o seu estabelecimento para o espaço onde, antes, funcionava o “stand” da Singer e ainda lá se mantém, oxalá que por muitos anos e a gente que o veja.

51 – Mais atrás, devem os meus leitores lembrar-se de que falei no Grémio do Comércio. Era lá que trabalhava, como Chefe da Secretaria, o senhor António Barroso, patriarca da família com o mesmo nome, que vivia no 40, em frente a nós, ao 13 da Rua Direita. O

senhor Barroso era casado com a Tina e eu passava lá as minhas tardes livres a brincar com o Toni, meu colega do 1º ao 7º ano. O casal, natural de Abadim, perto de Cabeceiras de Basto, além do Toni, que era o mais novo, tinha mais quatro filhos: dois rapazes e duas raparigas. Ao mais velho, o meu querido Amigo Adérito Barroso, esta cidade deve muito, por aquilo que ele, desinteressadamente, tem feito pela Terceira Idade de Vila Real.

Em casa da Tina, havia um quintal e, a esse propósito, deixem-me contar-lhes uma história que acho muito engraçada, os senhores logo me dirão se concordam comigo.

Quando eu era catraio, a minha Mãe e a minha Avó tinham meia dúzia de galinhas e, por falta de instalações, guardavam-nas no quintal da Tina. Depois, diariamente, o meu Irmão ou eu íamos lá levar milho para os galináceos, milho que era comprado pela minha Avó ou pela minha Mãe, dependendo de quem fosse a dona das galinhas.

Passava-se isto no começo dos anos 40, quando a canalha pequena, mesmo que não quisesse, andava toda na Mocidade Portuguesa. Para quantos o desconheçam ou já se tenham esquecido – o 25 de Abril foi fértil, entre outras coisas, em amnésias... – tratava-se de uma organização cujo uniforme tinha um cinto com um “S” na fivela, que, segundo uns, significava “Servir” e, para outros, era a inicial de Salazar, um senhor que, ao tempo, mandava em Portugal, não sei se têm presente.

Um dia, a distribuição do cereal tocou ao meu Irmão que, ao contrário do que hoje acontece, era de poucas falas e andava sempre com uma cara que até parecia que tinha perdido a sorte grande só por um número. Vai daí, subiu a escada e, sem dar palavra, estendeu o saco do milho. A Tina, na ignorância do destino a dar à ração, quis saber para que galinhas era, se para as da minha Mãe se para as da minha Avó. E perguntou:

– Quem manda, Quinzé?...

*E ele, sopinha de massa, cara amarrada e olhos no chão:
– Salazar!...*

Conto, pelo telefone, esta historieta do meu Irmão ao Vasco, nome com que assina, no “Público”, os seus sarcasmos dominicais. O Agostinho (Vasco da Rocha e Castro), como exige ser tratado pelos amigos de longa data, vive em Fontanelas, no coração de Sintra, qual Jacinto de Tormes, passados muitos anos de estúrdia e pândega nas margens do Sena. Logo que termino o relato, riposta-me com outra peripécia, ocorrida esta, vai para muito tempo, com um seu avoengo.

Além de vereador da Câmara, o recuado familiar do Agostinho era pessoa de sensibilidade, a quem repugnavam certos usos e hábitos da terra, então ainda vila. Um deles tinha a ver com certas casas onde havia quintal nas traseiras, que servia para os moradores guardarem aves de bico, coelhos, porcos até. E sempre que, anualmente, havia que abater um dos cochinos para, com a sua carne, alimentar a família nos 12 meses imediatos – sempre que chegava a hora da matança, vinha um ferrabraz especializado no abate (está-me a ocorrer, por exemplo, o Bichau, que conheci em tão cirúrgicas funções) – e, no meio da rua mais próxima, espetava o facalhão na pescoceira do animal. Este, bem agarado por outros quatro matulões, entrava de estrebuchar, atroava os ares com roncões, grunhidos e guinchos e ia-se esvaindo em golfadas de sangue, até que, finalmente, esticava o pernil! Seguiu-se o queimar das cerdas, depois o pendurar do falecido de fochinho para baixo e, a terminar, o esquartejamento, sequenciado e segundo as regras.

O antepassado do Agostinho era, já o disse, homem de sensibilidade, coração bondoso e avesso a espectáculos chocantes. E a matança dos recos era um desses espectáculos porque se processava – imagine-se! – em plena via pública, à vista dos passantes, interessados uns na sangueira desatada, outros virando a cara,

repugnados, ao morticínio exposto diante de quem ia à sua vida...

Recordarei, também, que o senhor desempenhava funções, como edil, na Câmara da pequena vila de província. Onde, um dia, apresentou, para votação, a proposta que reproduzo, senão nos seus exactos termos, pelo menos no seu aproximado teor e conforme me foi contada pelo descendente e meu bom Amigo: “Considerando que a via pública não é lugar indicado para o abate de animais, em especial os de raça porcina; atendendo à crueldade do extermínio e levando em conta o estado de sujidade em que ficam os locais do morticínio, propõe-se que, a partir de hoje, o abate de suínos passe a ter lugar nas residências das respectivas famílias.”

Ficou, segundo me diz o Agostinho, registada em acta; alguém com mais vagar que se dê ao trabalho de cocabichar a humanitária proposta.

51 A – Nos “baixos” da casa da Tina, ficava o estanco ou o depósito dos tabacos. Se bem me recordo, dizia-se que era explorado pelo senhor Albano Costa Lobo, homem muito rico, que vivia em Lisboa e que terá sido o primeiro sogro do Dr. Pinto Balsemão, o dono do “Expresso”. À frente do estabelecimento estava o senhor Domingos Araújo, muito conhecido na cidade por ser uma das figuras da Oposição local e irmão da Senhora D. Zara Araújo, de quem já falei. Além dele, estavam também o senhor Vieira – pai do António Vieira “Mocho”, que foi do Banco de Portugal e jogou futebol no Sport Clube –, embora eu não me lembre dele; o Tenente Lima; o senhor Abílio Fernandes e o senhor Albérico. O Tenente Lima, mais um “lateiro”, pertencia aos Limas “Valha-me Deus”, uma família toda do “Revirvalho” e era homem que não mostrava muito os dentes. Pelo menos ao meu Avô Joaquim Maria e ao meu Pai, ambos monárquicos ferrenhos e assanhados. Diz-me quem o conheceu que reunia com os seus correligionários no Café Clube, onde gizavam estratégias, combinavam golpes de Estado e organizavam Governos em que, ao Tenente, e porque o próprio, democraticamente, assim o decidia, ca-

lhava sempre a pasta de ministro da Guerra... O senhor Abílio morava no lugar das Árvores, quem ia para Parada de Cunhos, e era pai do Custódio, que andou comigo ou com o meu Irmão na instrução primária, e de mais outro rapaz e de uma rapariga, que veio a casar com o Daniel Relvas de Carvalho. Quanto ao senhor Albérico, não sei a quem pertencia ou, como se costuma dizer, onde é que pendurava o pote; parece-me, mas não garanto, que era solteiro e tinha uma irmã casada com o senhor Domingos Araújo. Hoje, nos “baixos” onde ficava o estanco, está o “Apeadeiro”, uma loja que pertence ao filho do senhor Luís Carvalho, um dos “Chineses”.

52 – Lá para trás, se estão recordados, escrevi que um dos edifícios mais altos e mais largos da Rua Direita era o dos Correios. Este de que vou falar agora, a casa dos Irmãos Alves, pedia-lhe meças, pelo menos em termos de área ocupada. Era constituída por dois edifícios, cada um com outros tantos andares, ainda que o que confinava com a casa da Tina fosse ligeiramente mais estreito do que o seguinte. Nos “baixos” dos dois prédios ficava a Casa “Alves & Irmão”, pertencente a dois irmãos, tão diferentes um do outro como a noite do dia. Coincidiam apenas em três coisas: eram ambos irmãos um do outro, eram ambos comerciantes de fazendas e nenhum deles tinha filhos, só tinham filhas!

O mais alto, Alfredo, estou que, em novo, devia ter sido louro e, tanto no trato como no aspecto, lembrava um mordomo inglês. Era pai de quatro raparigas, a mais velha das quais, a Hercilinha, muito amiga da minha Mãe, foi a única que não casou nem tirou um curso superior. Morreu há dois ou três anos, Deus a tenha em descanso, depois de uma vida inteira na Rua Direita. As irmãs eram a Maria Vitória – a primeira Senhora que, em Vila Real, se formou em Direito –; a Maria Helena, que não sei onde pára nem que licenciatura tirou e a Maria Arminda (Mimi), formada em Ciências e viúva do Dr. Vieira de Andrade, médico em Guimarães e que foi quem trouxe ao mundo os meus dois filhos mais velhos.

O outro Alves, Armando, lembrava um argelino: moreno, de traços muito vincados e cabelo negro como espiche. Esse tinha duas filhas, a Maria José e a Armanda, que também tiraram cursos superiores; das duas, a Armanda morreu muito nova e, à outra, perdi-lhe o rasto.

52 A – Os “baixos” da casa pegada à do senhor Barroso estavam ocupados, como já disse, pela “Alves & Irmão”, mas serviam apenas de salão para exposição de artigos, ou seja: o público não tinha acesso a essas instalações. Mais tarde, e em ano que não posso precisar, a casa foi comprada pelo senhor José Carvalho, o outro “Chinês”, irmão mais velho do senhor Luís Carvalho. (58)

52 B – Actualmente, no ano lectivo de 2003, há cursos universitários para tudo, seja na área das Ciências, seja na das Letras e, dentro de cada curso, as especializações são mais do que muitas. No meu tempo, e, assim que me lembre, os cursos de Engenharia, que dou como exemplo, seriam 4 ou 5, quando muito: civil, electrotecnia, mecânica, química e não me lembro de mais nenhum, mas estes chegam, para efeitos do que pretendo dizer. É que hoje, contei-os aqui atrasado num jornal, há para cima de 100 e a tendência é para aumentarem cada vez mais. Ora muito bem! Isto de estar aqui a falar de Universidades, Faculdades e cursos serve para dizer que, se houvesse uma Universidade que tivesse uma Faculdade onde fossem ministradas licenciaturas em lojas de fazendas, a “Alves & Irmão” devia ser, em todo o Mundo – quer dizer: pelo menos em Vila Real... – uma espécie de Sorbonne, de Lovaina ou de Universidade de Coimbra, ou seja: uma das mais antigas.

Puxando pela cabeça – e, apesar de rapaz pequeno, eu via os “baixos” dos Alves todos os dias, por isso que as caras e os nomes acabaram por me ficar na memória –, está-me a lembrar o Domingos “Foguete”, o Baptista, o Dias, o Mitra, o Miguel, o Cavaleiro... Destes todos, com excepção do Cavaleiro, que foi trabalhar para Viseu como caixeiro-viajante, e do Mitra, vítima de uma doença que o atirou, ainda novo, para uma cama, onde viria a morrer, não houve um único que não se tivesse

estabelecido com loja própria, depois de ganhar nome e traquejo na “Alves & Irmão”.

Os “baixos” – refiro-me ao estabelecimento que estava aberto ao público – passaram depois a ser ocupados pelo Afonso Pimentel que, na cidade, era conhecido pelo “Governador Civil de Lordelo” tal a sua pose e aspecto imponente. Creio que, actualmente, o título continua a pertencer-lhe, mas desconheço se o estabelecimento, que agora se chama “Galerias Palice” e vende roupas, ainda é dele.

53 – O Dr. Aníbal Catarino Nunes, que começou por ser professor do Liceu e foi, depois, presidente da Câmara, era marido da Senhora Dr^a. Herculana, proprietária e directora da “Farmácia Baptista”, no rés-do-chão da casa a seguir à dos Alves. Tinha só um piso, onde vivia a família Catarino Nunes: pai, mãe e um casal de filhos, a Leninha e o Manuelzinho. Creio que já todos morreram e, no que toca ao Manuelzinho, até foi um bem Deus levá-lo, porque era meio atrasado, por via de uma meningite que tivera em pequeno. No entanto, e a comprovar que todo o tacho tem o seu testó, imaginem que casou! Ou casou ou os pais o casaram: durante alguns anos, viajei muitas vezes no comboio do Estoril e lá vinha o Manuelzinho com uma Senhora, sensivelmente da mesma idade e ar de quem, se não tivesse casado com aquele, não casaria com nenhum... Quanto à Leninha, também casou, mas não sei se teve filhos; era muito parada e desconheço se tirou algum curso.

53 A – E, antes de prosseguir com o Dr. Catarino Nunes, o facto de ter sido Presidente da Câmara – ao tempo, estes não eram eleitos, como acontece hoje, mas designados pelo regime então vigente – propicia-me a oportunidade de elencar os Presidentes da Câmara que conheci, ou melhor: que dirigiram Vila Real desde a década de 30 até à de 60, quando saí da minha terra e vim para Lisboa. Foram eles:

1927-1938 – Dr. Roque da Silveira

1938-1944 – Francisco da Costa Lobo

1944-1947 – Dr. Avelino de Sousa Campos
1947-1949 – Dr. Aníbal Catarino Nunes
1949-1954 – Manuel José Gonçalves Grilo
1954-1962 – Eng.º Humberto Cardoso de Carvalho

Destes 6 autarcas, não tenho a menor ideia, nem da forma como dirigiram a cidade nem do seu aspecto físico, no que se refere aos dois primeiros. Do Dr. Roque da Silveira soube, recentemente, que morreu em 1938 e, que, poucas horas depois da sua morte, a vereação, reunida expressamente, deliberou dar o seu nome à Rua Direita, nome que ainda hoje se mantém. A seu respeito, no entanto, contaram-me há muitos anos uma história que, a não ser verdadeira, espero que não lhe deslustre a memória. História que passo a escrever:

Um dia, Vila Real foi visitada pela equipa principal de “Os Belenenses”, que se deslocou à nossa terra para disputar um jogo particular. Sendo a primeira vez que um clube dos chamados “grandes” subia até Trás-os-Montes, os lisboetas foram recebidos com as maiores honras, entre as quais se incluiu uma sessão solene na Câmara Municipal. Contam-me que o Dr. Roque da Silveira, ao saudar os forasteiros, fez um discurso em que, a dado passo, afirmou: “Eu também sou um desportista, porque tomo banho todos os dias!...” Verdade ou mentira, a história aí fica e quem quiser que averigúe da sua fidedignidade...

O Dr. Avelino de Sousa Campos, tive oportunidade de lidar com ele, a partir de 1958, quando vim dar aulas para Vila Real. Ao tempo, comecei a frequentar a “Pompeia”, onde, depois do almoço, se reunia um grupo de que ele fazia parte, juntamente com o senhor Granjo, o Coronel Chico Costa, o senhor Boaventura e outros. Eu, com 27 anos, era o mais novo do grupo e fui por eles adoptado, sei lá se a pensarem em mim para qualquer lugar importante... Hipótese que se gorou, na eventualidade de poder vir a concretizar-se, porque, em 1962, fui para

Lisboa, onde ainda continuo. Do Dr. Avelino Sousa Campos, que era tio do Quito-Zé – o Eng.º Francisco José de Sousa Campos –, lembro-me que, sempre que chegava à “Pompeia”, dizia que, na véspera, tinha estado “a ler umas páginas”, quase sempre do Maurras, do António Sardinha ou de outro autor do mesmo quadrante ideológico.

Salto sobre o Dr. Aníbal Catarino Nunes, a quem regressarei daqui a pouco, para falar do senhor Manuel José Gonçalves Grilo. Era professor do Ensino Primário, mas a sua paixão pela política levou-o a passar a docência para segundo plano. Nunca cheguei a saber se era mais salazarista do que monárquico ou vice-versa. Lembro-me de o ver, muitas vezes, à porta da barbearia do Afonso de Lordelo, na Rua Central, à conversa com um seu correligionário, o Tenente Rodrigues, o “Pai dos Meninos”. O senhor Grilo, quando vim dar aulas para Vila Real, e talvez porque soubesse que eu, politicamente, não divergia dele, tratou-me sempre com muita estima e consideração. Estou para saber, quase meio século decorrido, se ainda se lembraria de uma cena em que ambos intervíamos, teria eu os meus 10 ou 11 anos...

Nessa altura, eu pertencia à Mocidade Portuguesa, organização de que o senhor Grilo era alto dirigente em Vila Real. Um dia, houve um acampamento provincial, em Vila Pouca de Aguiar, a que também fui. Chegámos lá, armámos as tendas e, à noite, depois do jantar, comido em marmitas emprestadas pelo Regimento, houve canções patrióticas entoadas à volta de uma fogueira; por volta das 11 horas, fomos todos dormir para as tendas, cada uma com capacidade para 6 “lusitos”, que eram os mais pequenos.

“Fomos todos dormir” é uma maneira de dizer porque, na minha tenda, eu e os meus 5 companheiros, sem ninguém a tomar conta de nós ou a impor-nos respeito, fizemos tanto barulho que, nas 5 léguas mais próximas, aposto se alguém conseguiu pregar olho... Até que, estávamos nós no auge do charivari, a entrada da tenda se abre bruscamente e entra um vulto – que, na escuridão,

não reconhecemos quem era – e, com uma vergasta em punho, desata a fustigar-nos a todos, depressa nos reduzindo ao silêncio e permitindo que todo o acampamento pudesse dormir. Quando o intruso saiu, um de nós disse, num murmúrio, que era o senhor Grilo e que, se calhar, no dia seguinte, íamos ser todos postos de castigo. Tanto quanto me recordo, não fomos e, 20 anos mais tarde, ou o senhor Grilo também se não lembrava já desta “passagem” ou, a lembrar-se, fez de conta que ela não tinha acontecido...

Por último o Eng.º Humberto Cardoso de Carvalho. Casado com a Senhora D. Maria Benedita Seixas, uma das Senhoras mais bonitas de Vila Real naquele tempo, é tio do Embaixador Seixas da Costa e, em minha opinião, dos 6 autarcas cuja lista apresentei atrás, terá sido o que melhor obra deixou. Servir-me-á para deixar mais uma lista, esta de engenheiros. Alguns, e não eram tão poucos como isso, eram bacharéis ou “agentes técnicos de engenharia”, mas a cidade habituou-se a tratá-los por “engenheiros” (hoje chamam-se “engenheiros técnicos”). Começarei por esses:

Rogério e Fernando Seixas, filhos do Dr. Seixas Martins; Emílio Botelho, dono da “Garagem São Cristóvão”; Irmãos Borginhos; Manuel Malheiro, da Câmara; Alfredo Amaral, recentemente falecido; Sampaio, dos CTT, e Guilhermino Teixeira Pires.

Quanto aos engenheiros com licenciatura: Albertino Ribeiro, que foi Provedor da Misericórdia; António Carneiro, marido da Senhora D. Maria Luísa Vaz; Vaz Osório, que foi professor na Escola Comercial e Industrial; Vítor Cardoso, pai do Prof. Eng.º Edgar Cardoso; Macedo Coutinho; José Serrão, professor do Liceu e funcionário da CP; Cardoso Simões; Manuel Barreto, pai do Dr. António Barreto e de mais 6 rapazes; Eugénio Varejão, engenheiro agrónomo; Francisco Tinoco, idem; Luís Saraiva, idem

aspas; Francisco José de Sousa Campos; Duarte Vilar de Figueiredo, irmão do Dr. Álvaro e do Dr. Mário Vilar de Figueiredo; Faceira de Sousa; Luís Coutinho, actual Provedor da Misericórdia; Manuel Calejo Pires, que substituiu o Dr. Sebastião Ribeiro na Direcção da Escola Comercial e Industrial; João Cunha Serra, que foi Bastonário da Ordem dos Engenheiros antes do 25 de Abril; Tomás Espírito Santo, que foi Governador Civil de Vila Real; António Soares, filho do senhor António Soares e, finalmente, ainda que, por certo, haja muitos mais, só que não me ocorrem, o António Armindo, engenheiro agrónomo e filho do Dr. Armindo, um dos juízes que houve em Vila Real.

Vivo e de boa saúde no momento em que escrevo, o Eng.º Humberto de Carvalho foi um dos bons Amigos a quem recorri e me forneceu informações valiosas para este trabalho. Por tal, os meus agradecimentos e votos de longa vida.

53 B – Regressando ao Dr. Catarino Nunes. Em 1949, quando terminou a sua Presidência da Câmara, o regime, em jeito de recompensa pelos serviços prestados, arranhou-lhe o lugar de Secretário-Geral da Federação Portuguesa de Futebol, matéria de que o senhor devia perceber tanto como da vida sexual das lagostas. Mas a verdade é que foi para Lisboa e, além da conezia, ainda arranhou maneira de lá encaixar o Manuelzinho, senão como Seleccionador Nacional, pelo menos como contínuo, já que as habilitações do filho para mais não dariam... E o ordenado devia ser de apetite, pois em Vila Real toda a gente se benzeu ao constar que o Dr. Catarino Nunes alugara, para si e para a família, um andar, perto do Hotel Ritz, pelo qual pagava o balúrdio mensal de 1.110 escudos, o equivalente actual a 55 euros, uma fortuna para aquele tempo...

Diz-me o Agostinho (Vasco da Rocha e Castro) que a Farmácia Baptista, antes de pertencer à Senhora Dr^a. Herculana Catarino Nunes, foi propriedade do senhor Dr. João Cardoso Baptista, advogado e far-

macêutico, familiar dos Rocha e Castro e morador na casa que vem depois e de que me irei ocupar a seguir. E, para sair da “Farmácia Baptista”, em cujo 1º andar passaram a viver os pais do Libório, que até aí moravam na casa em frente: também segundo o Agostinho, o escritor Camilo Castelo Branco, num dos seus livros – alguém me dirá qual ? –, fala de Vila Real e refere-se à “Botica do Baptista”. Estou que, com este nome e situada em Vila Real, não deverá ser outra. E a propósito: em Junho de 2003, a Farmácia está em obras, sinal de que vai continuar; só não sei se ainda é dos mesmos proprietários ou se foi vendida.

54 – Quando, em 1958, vim do Porto para Vila Real, dar aulas de Inglês na Escola Comercial, quem lá estava antes de mim era o Dr. Nogueira Guedes, um médico, natural de Penafiel, que tinha umas luzes do idioma, as suficientes para ensinar o “camónyes” e o “how are you”. Acumulava as funções de “teacher” com as de médico escolar e, depois, com a minha vinda, passou a exercer apenas estas últimas. Nos primeiros tempos da minha relação com ele, pensei que havia de me pregar alguma partida, logo que pudesse, por se ter visto “despromovido”, mas em breve descobri que estava completamente enganado e a ser injusto. Era um homem bom, muito bem formado, a tal ponto que, ao fim de um ou dois meses de aulas, e dando-me conta de que os alunos, habituados com ele, pareciam não ir “muito à bola” comigo, fui ter com o Dr. Nogueira Guedes e pedi-lhe para ir um dia à minha aula e “dar um sermão” aos rapazes. Foi, deu o “sermão” e, a partir daí, fiquei com os alunos na mão e fazia deles o que queria... até os punha a estudar e tudo!... Morreu ainda novo, o Dr. Nogueira Guedes, e o seu funeral, de Vila Real para Penafiel, foi acompanhado por muita gente, eu incluído. Nos “baixos” da sua casa, ficava o estabelecimento do senhor Dias, um dos que tinham sido empregados da “Alves & Irmão”. A casa continua lá, com o mesmo nome; não sei é se mudou de dono ou se pertence aos herdeiros, que o senhor Dias, com a idade que tinha, já não deve andar por estas paragens...

55 – E faltam-me duas casas para chegar ao fim da Rua Direita. Na primeira, só com um andar e contígua à do Dr. Nogueira Guedes, funcionava, no piso de cima, a “Pensão Jaime”, que nunca soube se era muito ou pouco afreguesada. Sei apenas que um dos membros da família vivia em Lisboa, onde fazia luta-livre – tinha o nome artístico de “Jaimery” – e era guarda-costas de um antigo presidente do Sport Lisboa e Benfica, o senhor Adolfo Vieira de Brito. No rés-do-chão da casa, ficava “A Garota das Meias”, uma loja de fazendas propriedade do senhor Almeida, conhecido na cidade por o “Garoto das Meias”, não é difícil adivinhar porquê.(59) Os Almeidas moravam na casa que, a seguir à “Pensão Jaime”, era a última da Rua Direita e, nos “baixos”, tinham um salão de exposição de tecidos e meias.(60)

A loja do senhor Almeida vai dar-me azo a trazer aqui uma lista de polícias, se não todos os que havia em Vila Real, pelo menos os que toda a cidade conhecia, por serem mais simpáticos, por serem pouco inteligentes ou por qualquer coisa fora do vulgar que lhes tivesse acontecido. E a tal lista vai surgir porque um desses polícias, depois de se reformar, arranjou emprego na “Garota das Meias” a vender samarras... Vamos porém à relação policial:

Começo pelo Ramos, pai de uns rapazes meus amigos – um deles colaborou comigo nos teatros da União Artística – e que trago aqui porque, uma noite, creio que à entrada da Ponte, perto do Colégio da Boavista, foi morto a tiro por um homem que quis fazer-lhe pagar uma qualquer multa ou prisão que o polícia lhe aplicara. Foi isso há tantos anos que o assassino já cumpriu a pena e, se ainda é vivo, está em liberdade. Vem depois o Vaz, mais conhecido por “Narouco”, que era irmão de um mestre de obras e que não devia muito à inteligência. Em Vila Real dizia-se que, um dia, encarregado de descobrir um crime, logo o “Narouco” se pusera em campo e a primeira descoberta que fez foi “que lhe cheirava ali a papel rasgado”. Depois, o senhor Coutinho, a quem chamavam o “Timpeira”; era motorista do Governador Civil e

pai de dois rapazes, um dos quais, o Júlio, professor do Liceu, e o outro, o Marcelino, um excelente rapaz e um dos melhores mecânicos de automóveis que havia na cidade. Também motorista do Governador Civil, creio que depois do “Timpeira”, foi o senhor Baptista, que morava pegado ao Barracão e era pai do Filinto, que trabalhou na Câmara. De dois sinaleiros me lembro eu, a dirigir o trânsito no Cabo da Vila: um deles irmão do senhor Sérgio, o barbeiro da Rua Alexandre Herculano; o outro era o “Mingas” e foi a esse que o senhor Almeida, da “Garota das Meias”, deu emprego a vender samarras, logo que passou à reforma. Finalmente, tínhamos o “Pinguinhas” e o “Bate-Certo”, cujos nomes desconheço, ficando-me pelas alcunhas.

56 – Na última casa da Rua Direita morou, entre outros, um juiz, de apelido Moraes Sarmiento. Diziam-no timorense e, a avaliar pela cara do senhor, devia ser, dava vultos de um daqueles chefes antigos que apareciam à volta do Xanana Gusmão. Nunca lhe vi a mulher; talvez fosse viúvo, mas ninguém, em Vila Real, me soube dizer qual o seu estado civil. Sabia-se era que tinha duas filhas: a mais velha nascera com o estigma de “tia” no rosto, não “tia” de casa de “meninas”, mas “tia solteirona”. A segunda filha era mais apresentável, com uns olhos espantosamente claros, de um cinzento quase branco, a brilharem numa cara morena e magra, ainda mais magra do que as pernas. Não sei quanto tempo por lá estiveram; o suficiente, no entanto, para me ajudarem a deixar aqui a minha última lista desta “Rua Direita”, a lista dos “Juízes”. É uma lista muito reduzida, limitada, como se verá, a 4 nomes.

O senhor Dr. Seixas Martins foi sempre Conservador do Registo Predial, primeiro em Boticas e depois em Vila Pouca de Aguiar e Lamego. No entanto, logo que pôde, fixou-se em Vila Real, para poder estar perto de Bornes de Aguiar, a que estava muito ligado. Na Conservatória do Registo Predial tinha como ajudante o senhor Afonso Aranha que era correspondente do “Jornal de Notí-

cias” e pai do Júlio Aranha, que chegou a agente do Banco de Portugal e escrevia muito bem, e do general Casimiro Aranha que, segundo julgo saber, já estará na reforma. Nas suas funções de Conservador, o senhor Dr. Seixas Martins substituía o Juiz da Comarca sempre que este tinha algum impedimento.

Quanto aos outros 3: um deles era o já mencionado senhor Dr. Moraes Sarmiento; o segundo – e não sei se, cronologicamente, estarei a dizer bem – o senhor Dr. Alfredo José Fonseca, natural de Alijó e pai da Maria Cândida (Candó) e da Maria Júlia (Juleca), e o terceiro e último, o senhor Dr. Armindo, que foi o juiz mais antigo de todos e o primeiro de que me lembro. Morava na casa a seguir ao Colégio de S. José e antes de um anexo da Escola Comercial e Industrial. As freiras por mais de uma vez quiseram comprar-lhe a casa, mas o senhor sempre resistiu, impedindo as religiosas de tornar o Colégio, que já era grande, ainda maior. E por aqui me detenho, no referente a juízes, mas o mesmo não direi no que toca ao senhor Dr. Armindo, já verão porquê.

56 A - O velho (alto, barrigudo e encanecido) juiz era pai de 4 filhas e um rapaz. Este, o António Armindo, creio que vinha no meio das irmãs e formou-se em Agronomia ou curso afim, tendo feito toda a sua vida profissional em África. Regressou à Metrópole não sei quando e dizem-me que já morreu. Das irmãs, as duas mais velhas também já não devem ser vivas; quando eu era rapaz pequeno, lembro-me delas mais do que trintonas, senão mesmo quarentonas, e ninguém lhes conhecia sombra de namoro ou perspectiva de matrimónio. Às duas mais novas, também não me recordo de alguém lhes arrastar a asa, mas essas era porque passavam na rua altivas e sobranceiras, por isso que os candidatos a uns momentos bem passados, se arrecessem de tanta presunção. Sem que isto signifique, pelo menos no que a uma diz respeito, que não estavam interessadas em convívios masculinos...

No ano lectivo de 1945-46, entrara eu para o meu 4º ano do liceu, apareceu em Vila Real um professor de História e Filosofia, chamado

João Seromenho Teles, que em breve deu nas vistas pelas suas excentricidades. Não sei onde estava hospedado – talvez no Hotel Tocaio – e constava que se divorciara, em Setúbal. As aulas de História, e posso dizê-lo porque me calhou como professor, não as dava pelo compêndio do velho Matoso, antes sim por uns livros que só ele conhecia, daí que, nas aulas, tínhamos de estar com muita atenção a tudo o que o senhor dizia e explicava. Apesar disso, de ele não se guiar pelos livros tradicionais, ainda havia quem tentasse copiar nos pontos escritos, como dentro em pouco irei contar. Antes, porém, reverto ao senhor Dr. Armindo, que é como quem diz: a umas das suas duas filhas mais novas. Isso porque, para surpresa de Vila Real inteira, uma delas começou a encontrar-se, no Jardim da Carreira e em passeios pelas ruas da cidade, com o Dr. Seromenho Teles. E surpresa, porquê? Em primeiro lugar porque, estando nós nos anos 40 e em Vila Real, ao tempo uma pequena cidade de província, era motivo de espanto que uma jovem solteira se desse com um homem divorciado. Depois porque não havia memória de algum professor do Liceu ter namoro, para mais numa idade em que já podia ser pai de filhos, se não mesmo avô. Ainda por cima, por se tratar de uma aluna, não só do Liceu, como também dele próprio. Finalmente, porque era o primeiro derriço que se conhecia a qualquer das 4 filhas do senhor Dr. Armindo. E as surpresas não haveriam de ficar por aqui... Guardo porém a mais espectacular para dentro em pouco, já que, antes disso, quero contar uma história. É aquela, se bem se recordam, que estava prometida desde a casa do Senhor Dr. José Figueiredo e que será a última deste meu já longo relato. Nela intervêm o Dr. Seromenho Teles e um estudante – passe a expressão, porque ele fazia tudo menos estudar... – que andava comigo no 4º ano: o Fernando Nascimento, mais conhecido por o “Brasa”.

Estávamos num ponto escrito, todos espalhados pela sala, com as carteiras bem separadas umas das outras, era da praxe, para evitar copianços e informações bichanadas. Tinham decorrido uns 20 minutos e, de súbito, ouve-se a voz metálica do mestre,

numa ordem seca e imperiosa:

– Já para a rua!...

Atónito, levantei os olhos da folha que preenchia laboriosamente e vejo, à minha ilharga, o “Albaninho Pitachoca” a soerguer-se da carteira, para logo se voltar a alapar, num baque tornado mais sonoro pelos muitos quilos que, ao tempo, já pesava. Num lugar à sua frente, erguia-se, também, o Nascimento “Brasa”, com o professor a estender-lhe um dedo cominatório, a apontar a porta da rua.

Fez-se um silêncio transido e ficámos, a turma inteira, a ver o infractor agitando nervosamente o pé direito; depois, antes de abandonar a sala, curvou-se até ao chão, donde apanhou um livro aberto a meio. E, mal o nosso colega, vergado ao peso do castigo, fechou a porta nas costas, ficámos a saber o que acontecera.

– Eu estava a ouvir um desfolhar de páginas – isto era o Dr. Seromenho Teles a contar-nos –, mas, por mais que olhasse, não via nada nas carteiras nem no vosso regaço...

E, após uma pausa, com a malta suspensa do que estaria para vir:

– Até que, de repente, olho para o chão e dou com o artista a folhear o Matoso... Custou-me a descobri-lo, mas não se ficou a rir de mim...

Cá fora, no recreio, corremos em bloco para o Nascimento, ele que nos dissesse como é que tinha sido, como é que fora apanhado. Sorriso nos lábios, nas tintas para a punição, descalçou o sapato direito e mostrou-nos a meia, cortada na ponta, a deixar ver o dedo grande.

– Foi fácil... – casquinou, exibindo a peúga aos que, mais afastados, ainda não tinham visto. – Cuspi no chão, pus o livro ao lado e, depois, era só molhar o dedo e ir voltando as páginas...

A deslado, o Albaninho limpava os suores frios da testa a abarrotar das espinhas da puberdade:

– Ao ouvir o “Já para a rua!”, ainda pensei que era comi-

go, porque também estava a copiar. Mas, quando te vi alçar o rabo da carteira, achei que era gente a mais e, à cautela, voltei a sentar-me...

E, realmente, não era com ele. Só que, falhado o copianço, apanhou com um Péssimo...

Temíamos, pois, os humores, ao Dr. Seromenho Teles, e os pontos escritos. Estes porque eram sempre difíceis, aqueles por serem mais variáveis do que o clima nos Açores. Daí que fosse grande o nosso gáudio quando, ao terminar o 3º período, começou a correr na cidade que o nosso professor de História fugira com uma das filhas mais novas do senhor Dr. Armindo, a que era sua aluna. O que o impedia de regressar na época seguinte, levando-o para outro liceu que, por nossa vontade, gostávamos que ficasse o mais longe possível...

56 B – Na mesma casa do juiz Moraes Sarmiento, viveu, também, creio que depois, o coronel Mota Freitas, cujo irmão, se estão lembrados, morava no outro lado da rua, em casa do Ângelo. Era pai de uma catorzada de filhos e filhas, uma das quais, a Ana Maria, viria a ser minha colega na Faculdade de Letras, onde se licenciou, também, em Filologia Germânica. Outra das filhas, cujo nome me permito omitir, foi uma das minhas primeiras paixões, mas deu-me uma “tampa” – não sei se hoje ainda se diz assim, ou antes: nem sei, sequer, se hoje ainda se continua a pedir namoro ou se as raparigas vão logo para a Maternidade ter a criança... Deu-me pois uma “tampa” porque, nessa mesma manhã – azar meu! – tinha acabado de aceitar namoro a um rapaz do 7º ano... e ainda por cima da Régua...

56 C – E assim, estimado Leitor, cheguei ao fim da minha Rua, a velha Rua Direita. Ao longo de todo este texto, mais do que “despejar” nomes, casos e casas, procurei dar-lhe o retrato, através da sua rua mais importante, de uma pequena cidade de província, como era Vila Real, aqui há meio século, nos anos 40 e 50. Abrindo, na síntese feliz do

“Fanfan”, uma janela sobre a “Bila”.

Se fui injusto ou cruel para com alguém, as minhas desculpas, pois, ao escrever o que para trás fica, não era essa a minha intenção. A todos os que tiveram a paciência de me ler até aqui, os meus agradecimentos muito sinceros. Permita Deus que não vos tenha aborrecido por aí além. Se aborreci ou não, e parafraseando o Fidel Castro: espero que “me absolvam”.

NOTAS

1. Continuo a embirrar, mas verdade se diga que já embirrei mais. Isso porque, na ficha da “História ao Café”, redigida pela mão hábil do Dr. António Manuel Pires Cabral, pode ler-se, e transcrevo: “Todavia, era de novo designada por Rua Direita quando, em 5 de Fevereiro de 1938, duas horas apenas transcorridas sobre a morte do então Presidente da Câmara Municipal, o Dr. Roque da Silveira, a edilidade deliberou dar-lhe o nome deste autarca, que deixou obra notável”. Confesso à puridade que não conhecia o valimento do senhor e congratulo-me pelo muito que terá feito pela minha terra. Ainda que, teimoso, continue a preferir “Rua Direita”...
2. Por acaso é exactamente ao contrário, tanto assim que os números de polícia vão diminuindo desde o Cabo da Vila até à Capela Nova, sinal de que é aqui, na Capela Nova, que começa a Rua Direita. Só que, ao escrever o texto, em meados do ano 2000, eu lembrei-me lá disso! Quem me chamou a atenção foi o Elísio Neves, horas antes da “História ao Café”.
3. Embora a informação só possa interessar à família: o meu Pai fez exame ao Banco, em Vila Real, no dia 10 de Agosto de 1929, tendo ficado em primeiro lugar. Em 29 de Novembro foi nomeado escriturário e, a 4 de Dezembro, entrou no quadro do Banco de Portugal, colocado na Agência de Vila Real.
4. Quando escrevi “A Rua Direita”, pensava que as Senhoras Antunes ocupavam os dois andares do prédio. Em conversa ocasional com um amigo, dois dias depois da palestra, vim a saber que o segundo andar era ocupado por uma família cujo nome não apurei, que recebia hóspedes, ao tempo uma forma de rendimento muito habitual na cidade.
5. As outras eram a Farmácia Baptista, a Farmácia Almeida, a Farmácia Matos e a Farmácia Mesquita. E, segundo me disseram, já esta prosa ia adiantada, – ver N^o

38 –, havia uma outra, na Rua Direita, a “Farmácia Fernandes”, mas ardeu e não voltou a abrir as portas.

6. A 19 de Junho de 2003, está lá “A Tentativa”, uma loja de electrodomésticos.
7. A 19 de Junho de 2003, está lá o “Café Guanabara”.
8. Não tinha frequentado a Escola de Guerra, hoje Academia Militar.
9. Ao tempo, era esse o nome dado à Oposição ao regime de Salazar.
10. A minha Mãe deu aulas de Inglês e Francês, no Liceu e no Colégio da Boavista e, tanto quanto sei, foi a primeira Senhora que se licenciou em Vila Real.
11. Embora, ao que me dizem, tenha sido homem muito interessado pelos problemas do Distrito.
12. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Marilã”, uma loja de confecções para criança.
13. A 19 de Junho de 2003, está lá uma loja de atalhados e bordados cujo nome não consegui apurar, pertencente à viúva do Zeca Grande.
14. A 19 de Junho de 2003, o “baixo” está desocupado. Antes, esteve lá a “Diva”, uma loja de rendas, botões, linhas e miudezas.
15. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Super Sport”, uma casa de artigos de desporto.
16. Na Casa Lousada era impresso o semanário “Ordem Nova”, jornal afecto ao Estado Novo. O outro semanário desse tempo, “O Vilarealense”, dirigido por Heitor Matos, tinha impressora própria, que não fazia outros trabalhos e se situava no hoje chamado Largo do Vilarealense.
17. A 19 de Junho de 2003, está lá uma casa de confecções cujo nome não consegui apurar.
18. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Oriente”, uma casa de porcelanas, louças e faqueiros.
19. Os Teixeirainhas, uma das maiores fortunas da cidade, juntamente com os Cunha Serra, o senhor Amaral e o Martins das Farinhas.
20. A 19 de Junho de 2003, a “Casa Voga” continua onde sempre estive e no mesmo ramo, mas foi remodelada e creio que foi comprada pelo Mário de Oliveira Teixeira (Teixeirinha).
21. Depois do 25 de Abril de 1974, creio que funcionou lá, e não sei se ainda funciona, a Assembleia Municipal.
22. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Vítor XL”, uma casa de electrodomésticos.
23. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Fotobelarte”.
24. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Susinel”, uma loja de confecções.
25. Nos anos 50, creio que funcionava lá uma casa de louças.

26. A 19 de Junho de 2003, está lá um “Gabinete de Estética”.
27. Por acaso, não é uma sapataria. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Saudade-Sport”.
28. A 19 de Junho de 2003, está lá “O Berço”, uma casa de artigos para bebé.
29. Nos “baixos” da casa do senhor Manuel Serafim, onde nos anos 50 ficava um quarto em que o filho Luís criava as suas engenhocas, está, em 19 de Junho de 2003, um estabelecimento de óculos e artigos fotográficos. Desconheço se mora alguém nos dois andares que tem por cima.
30. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Ourivesaria Real”.
31. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Foto Goarte”.
32. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Lola”, uma casa de pronto-a-vestir.
33. A 19 de Junho de 2003, os “baixos” têm um tapume, por estarem em obras. Desconheço o que lá vai funcionar.
34. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Sapataria Cindy”.
35. A 19 de Junho de 2003, Embaixador de Portugal junto da O.S.C.E., em Viena.
36. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Snob”, boutique.
37. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Casa dos Enxovais”.
38. A 19 de Junho de 2003, tem lá tapumes, sinal de que o “baixo” está em obras. Não sei o que lá vai funcionar.
39. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Casa Octávio”, um pronto-a-vestir.
40. A 19 de Junho de 2003, continua lá a mesma sapataria, mas com outro proprietário.
41. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Ourivesaria Veneza”.
42. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Casa Gouveia”, uma sapataria.
43. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Joba”, uma casa de confecções.
44. A 19 de Junho de 2003, a “Casa Rendeiro” é como a “Casa Macário”: ainda lá continua e permita Deus que por muitos anos.
45. A 19 de Junho de 2003, está lá “O Mundo das Noivas”.
46. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Levi’s”.
47. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Chilão”, uma loja de roupas.
48. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Sapataria Loureiro”.
49. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Malhas Capri”.
50. A 19 de Junho de 2003, esta lá um Instituto Óptico.
51. A 19 de Junho de 2003, está lá o Centro Comercial “Galerias CARF”.
52. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Casa Vito’s”, uma loja de roupas.

53. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Foto Sousa”.
54. A 19 de Junho de 2003, o “Ciclone das Meias” continua lá, mas com o nome de “Casa Alfredo”.
55. A 19 de Junho de 2003, a Casa “António Luís” continua no mesmo ramo e com o mesmo ramo.
56. A 19 de Junho de 2003, está lá outra taberna, a “Adega Ás de Copas”.
57. A 19 de Junho de 2003, o meu Amigo Dr. Manuel Martins.
58. A 19 de Junho de 2003, uma das filhas do senhor José Carvalho tem lá uma loja de lãs.
59. A 19 de Junho de 2003, está lá uma loja de roupas cujo nome não aparece à vista de quem passa.
60. A 19 de Junho de 2003, está lá a “Real Decor”, uma loja de estanhos, cristais, louças e faqueiros.

A RUA DIREITA

Uma Janela sobre Vila Real

de Álvaro Magalhães dos Santos,

é o n.º 22 da IV Série dos Caderno Culturais.

Grémio Literário Vila-Realense / Câmara Municipal de Vila Real

Depósito Legal: 470593/20

29 de Junho de 2020

Tiragem: 500 exemplares

Composto e Impresso: Sodivir, Edições do Norte, Lda. — Vila Real

O Snr.

deve

